

A partir do dia 12

Cotações passam a ter variação livre nas Bolsas de Lisboa e Porto

Na próxima quinta-feira, dia 12, as cotações dos títulos nas Bolsas portuguesas passam a variar livremente. A entrada em vigor desta norma, decretada pelo Ministério das Finanças, será antecedida, na quarta-feira, de uma reunião do Conselho Nacional das Bolsas de Valores.

Pág.9

Consumidor prejudicado

Só um terço do comércio de Lisboa obedece à lei de fixação de preços

Um inquérito promovido pelo Instituto Nacional de Defesa do Consumidor junto de vários estabelecimentos comerciais da capital, demonstra que pelo menos um terço deles não cumpre a lei de afixação de preços, enquanto trinta e um por cento só os ostenta em certos casos.

Pág.8

Diário de Lisboa

ANO 67

N.º 22 509

Sábado,

7 de Novembro de 1987

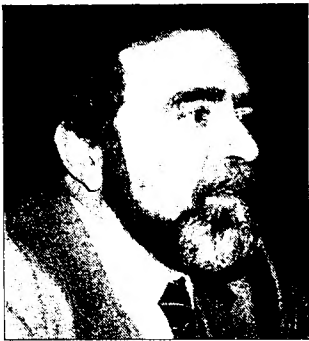
Preço 45\$00



GUERRA ABERTA

Voto em Cunhal abre nova frente na contestação a Constâncio

■ *Comissão Nacional — que abriu com aclamação do secretário-geral — deverá debater situação criada pelos deputados «rebeldes»*



Manuel Alegre, Vítor Constâncio e Maldonado Gonelha: o secretário-geral entre dois fogos

Com Vítor Constâncio a ser aclamado pelos dirigentes socialistas, começou assim, «de uma forma pouco habitual», a reunião da Comissão Nacional do Partido Socialista, ainda a decorrer no Largo do Rato. Esta reunião foi precedida de uma outra, do Secretariado com os secretários coordenadores, o que motivou um atraso no início dos trabalhos daquele organismo máximo que deverá marcar a data do próximo congresso extraordinário e aprovar o respectivo regulamento. Segundo o «DL» apurou, e ao contrário do que estava previsto, a Comissão Nacional não deixará de debater a questão da fuga de votos dos deputados socialistas que permitiram a eleição de Álvaro Cunhal para o Conselho de Estado. «Todos que rem discutir o assunto», disse-nos uma fonte socialista. Uma coisa é certa: Manuel Alegre estará presente na reunião.

Pág.3



Evacuação de um detido ferido e polícias à porta do estabelecimento prisional

REVOLTA NA PENITENCIÁRIA

Instalações degradadas e acusações de violência na origem do motim

• Declarações do ministro Fernando Nogueira terão «ajudado» à exaltação de alguns dos detidos

Pág.7

Presidência da República no Alentejo

MÁRIO SOARES APAGA EM BEJA PESSIMISMO DEIXADO POR CAVACO

Augusto Vilela

Enviado especial

Problemas de saúde que começara já a sentir durante a tarde do dia anterior, obrigaram Mário Soares a cancelar quase todo o seu programa de ontem, que deveria levá-lo a visitar os concelhos de Moura e de Serpa, e que incluía, também, uma visita à UCP Esquerda Vencerá, em Pias. O Presidente da República, que assistiu, à noite, ao espectáculo por ele oferecido à população de Beja, retirou-se um pouco antes do final, queixando-se de forte indisposição. Ontem de manhã, o programa do dia foi cancelado. Pouco depois, chegava de Lisboa o médico da Presidência que observou Mário Soares, recomendando-lhe pelo menos um dia de repouso. Maria Barroso ainda cumpriu uma pequena parte do programa em Serpa, mas; à noite, Mário Soares esteve já presente numa festa popular na Quinta da Abóbada, perto de Aldeia Nova de S. Bento.

Não se trata, porém, de nada de grave, e ainda da parte da manhã, o dr. Daniel Matos punha os jornalistas ao corrente do estado de saúde de Mário Soares, desfazendo eventuais especulações de que o voo efectuado num jacto supersónico tivesse qualquer coisa a ver com o caso.

«O senhor Presidente tem andado desde há alguns dias constipado. Agora teve um desarranjo gastrointestinal, que não tem grande importância, mas exige que esteja em descanso o dia inteiro».

O dr. Daniel Matos recomendou, entretanto, a Mário Soares que a deslocação para Estremoz, onde deveria ter já pernoitado, só seja feita amanhã.

A notícia da doença, inesperada, do Presidente da República causou alguma decepção, designadamente em Moura, onde lhe estava preparada uma calorosa recepção e que teve de ser à última hora desmobilizada, quando toda a gente se encontrava já na rua.

Entre os diversos pontos do programa estava prevista, conforme já foi referido, uma visita à UCP Esquerda Vencerá. Seria a primeira vez que Mário Soares visitava uma exploração agrícola com este tipo de estrutura e seria também um novo contacto com os problemas da reforma agrária.

Assinale-se, no entanto, que o programa de ontem teria sido penoso de cumprir, devido à chuva intensa que caiu durante todo o dia. Proporcionou-se, assim, uma oportunidade aos jornalistas aqui presentes para uma reflexão mais profunda sobre o manancial de informação a que tem tido acesso.

A passagem de Cavaco

De uma maneira mais visível só ontem começaram a ser conhecidas as reacções à curta visita de Cavaco Silva a Beja e as suas declarações. E pode dizer-se que, de um modo geral, quase tudo o que o Primeiro-Ministro disse, não agradou nem a

Esta visita de Mário Soares, se outros aspectos positivos não tivesse, serviu para mostrar que não existe hoje, no Alentejo, uma situação de irreductível conflituosidade e que há, apesar de tudo, um importante espaço de consenso e convergência para a resolução dos problemas mais urgentes.

O Presidente da República abriu — e aboliu até — esses espaços. O Governo ficou com uma importante margem de manobra para a negociação de problemas que continuam em aberto, o que é preferível a resolvê-los pelo conflito e pelo confronto.

Há justificados receios de que o Primeiro-Ministro não se tenha apercebido desse fenómeno novo, politicamente importante e socialmente oportuno, e continue a temperar os seus pontos de vista e as suas decisões com uma exagerada carga de poder central e absoluto. Que não tenha aprendido o que se passa nesta região, no plano político, económico e social, e pretenda resolvê-lo à sua maneira, o que a médio prazo significaria nada resolver, mas antes reciclar para o futuro os velhos problemas e os traumas anteriores a 1974, que caracterizaram as relações sociais nesses tempos passados.

Ninguém ousará afirmar que desapareceram os conflitos de interesses, as lutas sociais, que todos estão de mãos dadas numa doce e profunda reconciliação. Mas todos os que aqui vivem se apercebem que existe hoje uma situação diferente daquela que se vivia há alguns anos, que é o momento oportuno para avançar com programas que possam assentar em consensos mínimos e possíveis.

Faz sentido, e tem oportunidade, uma expressão do cantor Vitorino durante o espectáculo realizado no Cine-Teatro Pax Julia, dirigida ao Presidente da República e aos que não são alentejanos: «Sr. Presidente, nós, os alentejanos, só pedimos que nos entendam tal como somos».

Mário Soares já compreendeu. Os alentejanos, dos mais diversos estratos, já compreenderam que o Presidente compreendeu e daí a maneira calorosa como o têm recebido. O mesmo não acontecerá em relação a outros órgãos de soberania.

O Alentejo, pacífico, mas não resignado, sabe o que mais lhe interessa e tem uma vontade própria. Por que ignorá-la, tentar diluí-la em nome de um todo nacional de facetas diferenciadas, apenas para a excluir?

A questão é válida também para outras regiões.

Ignorá-la não será fazer com que essas regiões do País que lutam pelo seu desenvolvimento reclamem cada vez mais por uma regionalização que já tarda, única forma de dar expressão aos anseios mais profundos das respectivas populações?

Que desenvolvimento?

A questão da posse e da propriedade da terra é, no Alentejo, a mais importante no plano político e social. Basta ouvir um agrário contar como, de um momento para o outro, ficou privado dos seus hectares, ou um camponês explicar como vivia antes de 1974, para compreender imediatamente o que isso traduz de situações latentes de conflito.

Mas também nos podemos aperceber de que uns e outros têm hoje a certeza de que não regressará nem o passado recente da revolução eufórica, nem o passado da exploração. Afirma-se, por um lado, que o desenvolvimento do Alentejo não pode depender apenas da agricultura — o Primeiro-Ministro referiu-o —, o que parece estar correcto, mas por outro, condiciona-se esse desenvolvimento à resolução do problema decorrente do estatuto de posse e propriedade da terra. Será que não se podem separar as coisas, ao menos por uma razão de metodologia?

E mesmo quando se fala de desenvolvimento, ou se dão passos verdadeiros nesse sentido, é seguro de que os destinatários

desse desenvolvimento serão todos, ou só alguns?

Não é necessário conhecer muito profundamente os mecanismos da economia para saber que, um mesmo projecto de desenvolvimento, tanto pode reflectir-se positivamente na vida de toda uma região e provocar o seu desenvolvimento, como escapar-lhe totalmente.

Tomemos, por exemplo, o caso das inactivas minas de S. Domingos.

Quanta riqueza dali saiu? Quantos milhares de toneladas de minério alentejano se carregaram naquele cais, hoje desolador, do Pomarão?

Que desenvolvimento essa exploração gerou para aquela zona? Desenvolveu-se apenas o subdesenvolvimento.

A questão do desenvolvimento do Alentejo é tão vital para a região e para o conjunto do País, que nem sequer justifica uma reflexão ideológica. Exige, apenas, a abolição de preconceitos e tabus, como já têm sido afirmado pelo próprio Presidente.

Qualquer força partidária do espectro político europeu, rejeitaria hoje manter uma região de tamanho potencial económico algemada por razões ideológicas. Porque, sejamos objectivos, é disso que se trata, quando alguma coisa sobre o Alentejo se discute... Nem sequer se pensa naqueles que ainda não nasceram, não têm, por isso, ainda ideologia, nem os prodígios da genética permitem adivinhar qual ela venha a ser no futuro das novas gerações.

Outra contradição frequente surge quando, por um lado, como argumento da produtividade, se manifesta preferência pela exploração familiar, difícil de proporcionar, por si só, mudanças tecnológicas significativas, e, por outro, se defende a criação de grandes e fortes empresas agrícolas, modernas e dimensionadas, como única forma de competir com a agricultura comunitária.

Tudo isto veio a propósito do Alqueva e das declarações contraditórias se sobre a questão diversos membros do Governo fizeram em Beja.

Tudo isso gerou um certo pessimismo que ontem à noite, quando esteve pela última vez no Governo Civil, onde se encontra instalada a Presidência, Mário Soares tentou apagar.

Solicitado a comentar estes actos, o Presidente da República disse que não queria fazer declarações nenhumas.

«Eu disse o que tinha a dizer. O Governo é soberano de dizer aquilo que entende».

Salientou, porém, que em sua opinião o que se pode apreender das palavras do Primeiro-Ministro é que o projecto está em estudo e pode vir a ser concretizado, se não tiver efeitos negativos no ambiente — como penso que não terá.

Sá Machado anunciou desistência da UNESCO

O ex-ministro português dos Negócios Estrangeiros, Vitor Sá Machado anunciou ontem a sua desistência da corrida à direcção-geral da UNESCO, solicitando ao Governo português que declare o seu apoio ao candidato de Madrid, Frederico Mayor Zaragoza. Sá Machado disse ainda que o balanço da sua candidatura não foi negativo nem desprestigiante para Portugal.

O ex-candidato a director-geral da UNESCO fez estas afirmações aos jornalistas à saída de um encontro de cerca de uma hora com o ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro.

Sá Machado acrescentou que nas condições em que se candidatou «não ganhar não foi desonroso». O apoio à candidatura de Mayor Zaragoza, apontou, é «uma solução para a UNESCO».

Pelo seu lado, o ministro João de Deus Pinheiro sustentou que «a candidatura espanhola à direcção-geral da UNESCO é melhor do que a indonésia ou a paquistanesa», achando, contudo, ser seu dever sublinhar que o apoio português de modo nenhum significa uma subalternização da diplomacia portuguesa perante a castelhana. O ministro justificou a vantagem do candidato de Madrid pelo facto de «um homem da máquina» daquela organização da ONU.

Deus Pinheiro considerou igualmente que «o Estado português não sai desprestigiado» com os resultados obtidos pela candidatura de Sá Machado, adiantando que Portugal tem conquistado posições no interior daquela organização internacional, apontando dois exemplos: o uso do português como língua de trabalho e a «agregação» dos países lusófonos.



Na guerra do PS

NOVAS FRENTES DE BATALHA

Sucedem-se as declarações de guerra no interior do Partido Socialista. Ao fim da manhã de ontem foi definitivamente aberta uma nova frente, depois da tempestuosa troca de palavras entre Vitor Constâncio e Manuel Alegre durante a reunião do grupo parlamentar do PS realizada ao fim da manhã. À noite, a minoria liderada por Maldonado Gonelha anunciava a sua intenção de não participar na Comissão Nacional que esta manhã se iniciou.

Este órgão de cúpula do PS deverá marcar o congresso extraordinário e aprovar o respectivo regulamento. Aqui radica a razão da ausência dos minoritários que afirmam discordar da realização de um congresso extraordinário que não seja precedido dos congressos federativos, «conforme determinam os estatutos».

Depois de acusar Vitor Constâncio de atitude «discrionária», o comunicado distribuído pelos subscritores da «Carta aberta» afirma o «seu total empenho na defesa da unidade do partido», «ao contrário das posições que têm vindo a ser tomadas pelo secretário-geral, mais preocupado em atacar os que dele discordam dentro do PS, do que empenhar-se, como lhe compete, na frontal oposição ao Governo de Cavaco Silva».

Guerra verbal

Esta posição mais radical do grupo de Gonelha surge na sequência das dificuldades acrescidas para Vitor Constâncio, depois da transferência de 11 votos (13 ou 14 segundo algumas fontes) de deputados socialistas, que permitiram a Álvaro Cunhal ser eleito para representante do Parlamento no Conselho de Estado com mais dois votos do que o secretário-geral do Partido Socialista.

Como o «DL» anunciou ontem em primeira mão, o grupo parlamentar do PS reuniu-se ao fim da manhã para discutir o assunto. Então, já era conhecida a posição de Manuel Alegre, o único dos 11 deputados que assumiu publicamente o seu voto no líder comunista.

Na reunião, os ânimos azedaram-se entre Alegre e Constâncio, tendo este último voltado a utilizar a palavra «traição» e acusado os

«onze» de «dissidentes». Dirigindo-se a Manuel Alegre, o secretário-geral do PS criticou-o por «não fazer trabalho político, mas simplesmente intriga nos jornais». Antes, aquele deputado também não tinha poupado Constâncio, tecendo duras críticas à sua liderança e dizendo que se preocupa mais em se afirmar como primeira figura da oposição do que em marcar distâncias relativamente do Governo.

Terminou quase que numa declaração de guerra a troca de palavras entre os dois dirigentes políticos: Constâncio a desafiar Alegre para se candidatar a secretário-geral, este a instá-lo a levar a questão à Comissão Nacional que hoje se realiza.

Inversão de estratégia

Segundo o «DL» apurou, esta situação pode fazer com que Manuel Alegre e os dirigentes que com ele estão a elaborar um documento de análise e com propostas a submeter à «ponderação» da direcção e dos militantes do partido, invertam a estratégia inicialmente traçada. Com efeito, estes elementos, que não pensavam assumir «qualquer confronto directo» com a direcção do partido neste congresso, poderão vir a intervir activamente no conclave o que, garantiram-nos, «não estavam a pensar fazer».

Tudo isto está a provocar realinhamentos no interior do partido, designadamente uma aproximação entre o sector «canista» do PS, representado por figuras como Arnaut e Soares Louro, e os que apoiam as teses do documento redigido por Manuel Alegre.

Entretanto, ontem, era a posição manifestada por Constâncio deixar que o congresso tudo esclarecesse e clarificasse, o que parecia indicar que a questão da fuga de votos não ia ser levada hoje à Comissão Nacional. Parece que não vai ser assim (ver caixa).

Seja como for, uma coisa é certa: se Constâncio ganhar substancialmente o próximo conclave de Fevereiro, nada será como antes no PS. Isto porque, a actual maioria não está mais disposta a contemporizar mais com os que o próprio secretário-geral qualificou de «barões do partido». Nesse sentido é de prever que cessem as diligências que a maioria estava a fazer tendo como objectivo conseguir um entendimento com as várias tendências do PS. Tal levaria, por exemplo, à inclusão de elementos desses sectores nas listas a apresentar, orientação que parece ter sido definitivamente abandonada. Nesta óptica se pode entender o desejo ontem manifestado por Constâncio: «o partido que escolha».

Guterres admite dissidência

O dirigente socialista António Guterres admitiu ontem que os deputados do seu partido que votaram em Álvaro Cunhal para o Conselho de Estado poderão «estar dispostos a não seguir em nenhuma circunstância a orientação do partido socialista».

Guterres, que falava à en-

trada para uma reunião de autarcas, acrescentou que, no entanto, isso não retiraria poder negocial ao PS para a revisão da Constituição, já que esses deputados «difícilmente compatibilizariam a sua atitude presente com uma votação favorável às teses do PSD em sede de revisão constitucional».

O secretário nacional do PS para a Organização referiu ainda que os parlamentares socialistas que trocaram Constâncio por Cunhal na votação quinta-feira, «lesaram a imagem do partido». «A atitude desse socialista traiçou os interesses do partido», acrescentou Guterres, admitindo que ela seja discutida na reunião de hoje da Comissão Nacional, onde também deverão ser aprovados os regulamentos do Congresso Nacional de Fevereiro.

As declarações de António Guterres foram prestadas à entrada para uma reunião de autarcas socialistas que se destinou a debater a política autárquica do PS para as eleições de 1989 e a formar um conselho de autarcas que assessorie o secretário-geral, segundo informou Helena Torres Marques, ex-secretária de Estado e assessora de Vitor Constâncio para as autarquias.

A reunião de ontem, realizada no âmbito da reestruturação organizativa que o PS está a iniciar, contou com a presença de 50 dos 80 presidentes de câmaras socialistas.

Segundo Torres Marques, um dos erros do PS tem sido «o preparar das autarquias muito em cima da hora» pelo que o objectivo agora é conseguir formar já listas credíveis que iniciem imediatamente o trabalho.

AR vota Lei das AE na terça-feira

Entretanto, a Assembleia da República marcou para terça-feira a votação de uma proposta de lei que regula a actividade das associações de estudantes da Madeira, assunto que tem dado grande polémica entre a Secretaria Regional da Educação e a JSD, por um lado, e a JS por outro.

O Parlamento vai votar no mesmo dia um projecto de Lei do PCP que visa alargar o prazo concedido às associações de estudantes para apresentação dos elementos previstos na lei que regula a sua actividade. Este projecto deu grande polémica durante os representantes da JSD, JCP e JS, na sexta-feira.

Polícia tinha-o em mira há dois anos

Diplomata guineense suspeito de ligações «terroristas»

Informações policiais ontem tornadas públicas em Lisboa admitem que o diplomata guineense Luís Queba Sambú mantivesse ligações com movimentos «terroristas», designadamente as Forças Populares 25 de Abril e o grupo francês Acção Directa. Nessas condições, o ex-3.º conselheiro da Embaixada da Guiné-Bissau em Lisboa teria sido detido pelas autoridades portuguesas esta semana e só depois solicitaria asilo político.

Trata-se de um caso inextricável à primeira vista, com informações e dados que se cruzam entre si e ao qual o silêncio das autoridades confere «suspense» que avoluma as dúvidas e suspeitas que pendem sobre este capitão da Guiné-Bissau treinado na União Soviética e por alguns guineenses radicados em Lisboa, acusado de pertencer ao grupo dos que aceleraram os fuzilamentos de Julho de 1986 em Bissau, entre eles o de Paulo Correia.

As autoridades portuguesas dizem-se convencidas que Queba Sambú não agia em nome do Estado da Guiné-Bissau, mas por conta própria, movendo-se na capital com cúmplices «a nível de cargos de responsabilidade» na Embaixada do seu país em Lisboa. O embaixador Hugo Borges, que há dois meses atrás teria dispensado os seus serviços com ordens de regresso a Bissau, afirmou, entretanto, o seu total «repúdio» pelas insinuações de Sambú — de que haveria um plano para eliminar fisicamente vários membros do Movimento da Resistência da Guiné-Bissau (MRG) em Lisboa, Paris, Dacar e Praia —, na tentativa de preservar o que considera como «excelente relacionamento» entre Portugal e o seu país.

E uma história complexa, a de Queba Sambú que, segundo fontes bem informadas, estaria sob

protecção policial portuguesa, eventualmente na DCCB, enquanto outras fontes admitem que esteja sob controlo da DINFO (Polícia Secreta Militar Portuguesa). E a dúvida coloca-se: detido ou protegido? Neste último caso, aguardaria a concessão do estatuto de asilado político, o que várias fontes contrariam.

Entretanto, investigadores da Polícia portuguesa consideram que os explosivos encontrados na Embaixada da Guiné-Bissau em Lisboa, e na própria residência do diplomata (facto até ontem desconhecido da opinião pública), não se destinavam a liquidar opositores ao regime de «Nino» Vieira, muito embora alguns deles, radicados em Portugal, o tenham afirmado em reunião com jornalistas, adiantando ainda conhecerem esses planos desde o Verão passado.

Como acima se diz, as movimentações de Sambú, colocado em Lisboa há três anos como diplomata (3.º conselheiro), mas de facto incumbido de missões de segurança, estavam a ser desde há dois anos vigiadas por forças policiais. Entretanto, o Conselho de Ministros decidiu que a resolução deste caso fique pendente do Primeiro-Ministro, ao qual pertence as primeiras revelações sobre o caso, ligando-o à existência de explosivos.

Ainda no domínio das nossas relações com a Guiné-Bissau, mas no que toca às consequências do diferendo pesqueiro que manteve barcos e tripulantes portugueses retidos em Bissau durante dezasseis dias, o Governo português revogou a suspensão das acções de cooperação com aquele território, em «resposta» ao indulto de «Nino» Vieira que deixou partir os capitães dos seis barcos portugueses ao serviço da CEE, apesar do tribunal — num complexo processo que avivou as diversas linhas de força do poder em Bissau — os haver condenado pesadamente.

Durão Barroso em Maputo na próxima semana

Lisboa vai tomar medidas para concretizar corredor de Nacala

O secretário de Estado da Cooperação, Durão Barroso, desloca-se na próxima semana a Maputo, para analisar com as autoridades moçambicanas questões bilaterais, nomeadamente o corredor de Nacala e a barragem de Cahora Bassa, segundo anunciou ontem o ministro dos Transportes e Comunicações de Moçambique, Armando Guebuza, que se encontra em Lisboa para uma visita de trabalho.

O governante moçambicano anunciou ainda, depois de reunir durante uma hora com Cavaco Silva, que o Governo português vai tomar medidas para a realização dos projectos do corredor de Nacala e da escola ferroviária de

Inhambane, concretamente encontrando financiamentos.

Armando Guebuza, que antes de visitar Portugal esteve em Itália e na Europa do Norte, revelou que os italianos vão aumentar os apoios aos projectos em Moçambique, bem como criar um fundo para encorajar outros países a investirem na antiga colónia portuguesa.

Guebuza, que chegou na quarta-feira a Portugal e já se encontrou com o Presidente Mário Soares, e os ministros dos Estrangeiros, Deus Pinheiro, e dos Transportes e Comunicações, Oliveira Martins, explicou que o corredor de Nacala é a via mais rentável para as trocas

comerciais do Malawi e importante fonte de divisas para Moçambique. Portugal já ali investiu 4 milhões de contos e Cavaco Silva, em Setembro de 1986, prometeu mais 12 milhões de dólares norte-americanos.

Entretanto, fez ontem escala em Lisboa o ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Pascoal Mucumbi, vindo de Bruxelas onde participara em reunião da Organização Mundial de Saúde e de Otava onde estivera, como observador, na conferência do Commonwealth, deslocando-se posteriormente aos Estados Unidos, Espanha, Itália e França.

PSD discute revisão constitucional

O Conselho Nacional do PSD iniciou hoje a discussão do projecto de revisão constitucional a apresentar dia 13 do corrente na Assembleia da República.

Cerca de 100 conselheiros nacionais social-democratas estão reunidos num hotel de Lisboa sob a presidência de Montalvão Machado e com a presença do líder do partido, Cavaco Silva.

O projecto, que vai ser submetido a discussão e votação, foi elaborado por um grupo de juristas coordenado pelo vice-presidente do PSD, Fernando Nogueira, e que integra Rui Machete.

Barbosa de Melo, Costa Andrade e Margarida Salema.

O projecto já foi aprovado pela Comissão Política do PSD e, a ser votado favoravelmente pelo Conselho Nacional, dará entrada na próxima sexta-feira na Assembleia da República.

Cerca das 4 horas da madrugada terminou em Lisboa o Conselho Nacional da Juventude Social-Democrata que, neste Conselho Nacional do partido, irá apresentar propostas próprias a incorporar no projecto de revisão constitucional.

Lojas abertas à arte dão vida a conjunto habitacional

ZONA ALTA (E NOBRE) POMBALINA RENASCE EM "VILLA" BURGUESA

José Vilas Monteiro

A Rua do Século, antiga zona nobre que confina com o Bairro Alto popular, descendo em direcção ao Combro e depois ao Poço dos Negros até chegar à parte mais popular e marítima da Lisboa ocidental, conservava ainda o antigo prestígio quando um questão de herança decidiu o futuro dos terrenos anexos ao palácio Ratton e das cavalariças do Marquês de Pombal. E mantinha-o apesar da decadência, do conhecido fenómeno de emigração das classes abastadas para a periferia — fenómeno que já acontecia no século XVIII, ou Pombal não teria construído o seu palácio quase fora da cidade, longe do burburinho e do trânsito mais denso e louco.

O desafio, para o arquitecto João de Almeida, responsável pelo projecto, era fazer uma recuperação arquitectónica que provocasse um reganhar de vida e de prestígio de quase todo o quarteirão formado pelos edifícios da Rua do Século, Rua da Academia das Ciências, Travessa da Horta (naturalmente da de um dos palácios).

E apostou-se no prestígio e na nobreza tradicional da zona.

De facto, para quem sai do Príncipe Real, depois de passar pelo cedro anão sob o qual velhos jogam cartas, ao descer a Rua do Século vai-se num crescendo de nobreza, de elegância que os últimos anos têm despertado um pouco.

Palácios e ruínas

À direita e à esquerda a sucessão tem o seu quê de alucinante: primeiro o Convento dos Cardais, quase uma ruína mas com promessas de recuperação, depois o palácio Ratton que abriga o Tribunal Constitucional, o palácio de Pombal, os recessos de Carlos Mardel, o palácio dos condes de Vila Real mais adiante, por entre casas apaçadas de burgueses e funcionários, dividindo-se entre os restos da parte alta setecentista, pombalina simples e luminosa e os enxertos posteriores que ocuparam os lugares e, ainda, o barroco oitocentista que em alguns edifícios recobre a estrutura pombalina.

Para a direita de quem desce, há o Largo da Academia das Ciências, com a sua fila de casas rasteiras de um lado e, do outro, jardins que tombam sobre o largo, mais comprido, de facto, que largo.

João de Almeida recorda que a aposta de recuperação contava com o eixo que a Rua do Século faz e com a intensa circulação entre o Príncipe Real e o Combro, direito a Santa Catarina, ao Poço dos Negros, a São Bento.

Em 1983, o Estado adquiriu o palácio do francês que

Pombal fez fabricante para estimular a nossa indústria de chitas, papel e fição e que promoveu a aplicação, por ordem do Marquês, das primeiras máquinas a vapor na indústria têxtil, quase simultaneamente com os primeiros progressos sérios da maquinaria industrial em Inglaterra. E é preciso dizer que as máquinas de Jacome Ratton eram de concepção nacional.

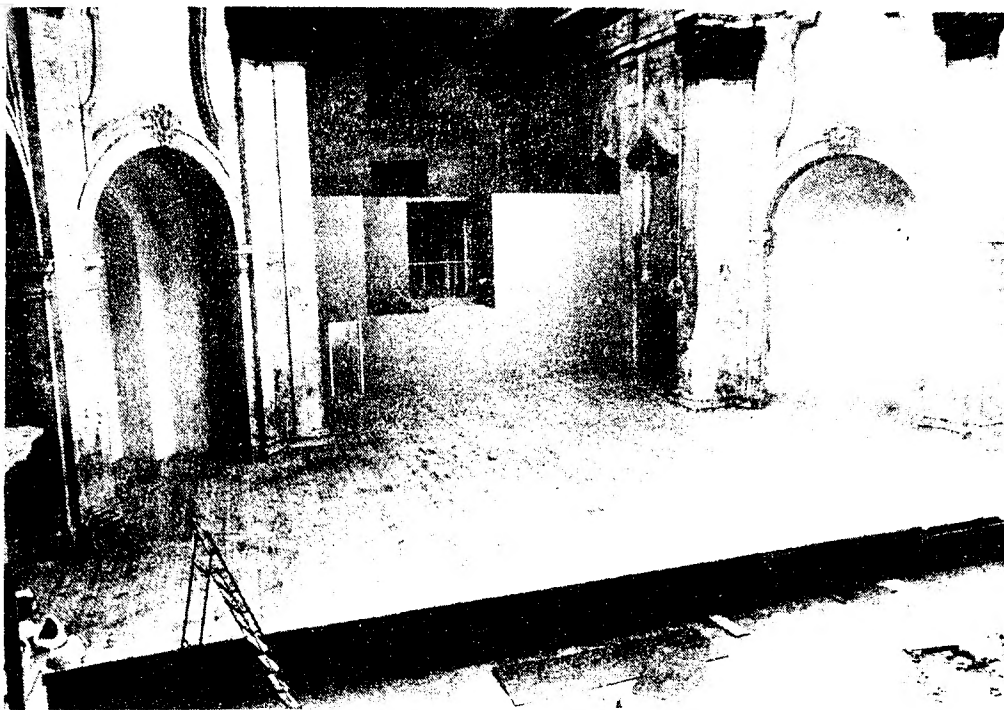
Com o ganho das manufacturas e das suas explorações agrícolas, o francês dos Alpes que chegou a Portugal em 1747, construiu o palácio e os edifícios anexos. Foram estes, juntamente com as cavalariças de Pombal que renasceram no que João de Almeida apelida de concepção, embora a outro nível social e estrutural, semelhante à das «villas» operárias de Lisboa. Agora e aqui já não operárias mas assumidamente burguesas elegantes, como as parisienses do tempo de vinda para Portugal de Jacome Ratton.

Um conjunto de lojas

Com o mesmo espaço de convívio que a «villa» operária, com a mesma possibilidade de namorar de janela para janela ou entre janela e pátio, encontra também à sua volta as lojas que crescem em redor da vila operária. Não há, claro, a drogaria onde de pentes a água-rás, de meias a parafusos, tudo se encontrava. Os destinatários, os compradores não são sequer, obrigatoriamente, os moradores. Procura-se sim, que o local se torne parte integrante dos circuitos do Bairro Alto cultural.

As cinco lojas, de que falámos no dia seguinte à sua abertura, incluem tapeçaria, da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre,

num espaço de 150 metros quadrados, arquitectura e decoração, do arquitecto Baptista de Magalhães, azulejos para arquitectura e decoração de interiores, numa loja chamada Ratton e dedicada às cerâmicas, desenho na loja cujo nome (Loja de Desenho)



é um programa e, no último espaço, de 30 metros quadrados, objectos e tecidos de decoração, na Feitoria.

Sábados surpreendentes

Quase surpreendentemente, quem for num sábado à tarde para a Rua da Academia das Ciências, vê pessoas que deambulam entre as lojas, espreitam, entram, perguntam, conversam, compram.

Muita gente, indiscutivelmente, é atraída pelas tapeçarias. Elas são de facto as vedetas. Mas, uma semana depois da abertura, as lojas não podem queixar-se de ter estado às moscas. Bem pelo contrário.

No caso da loja de arquitectura e decoração, marido e mulher, ele arquitecto, ela arquitecta também, mas de interiores, vários «stocks» já esgotaram. Sendo simultaneamente criadores e fornecedores eles podem conjugar cores e padrões, fazer uma decoração uniforme. E, sobretudo, resolver os problemas de quem tem falta de tempo para se ocupar do escolher tecido, ir ao estofador, negociar «timings» para que o maple renovado dê com a nova decoração.

Na loja de desenho, como nas tapeçarias e nos azulejos, as pessoas vão sobretudo ver. Para o jovem patrão, a loja está ali por carolice deles que gostam de desenho. Desde que pague a electricidade, tudo bem.

Mas, por outro lado, há produção dos artistas plásticos portugueses que justifica uma loja de desenho. A muita gente que os procurou convenceu-o disso. Mas não há, em Portugal, o hábito de comprar desenhos, que não

são vistos como uma forma de arte mas sim como algo que está antes de pintura, a precede e lhe é inferior. Depois, claro, mas já só depois da certidão de óbito passada, então, um pintor ou escultor que também tenha sido desenhador pode vender os seus desenhos. A morte assegura a qualidade e qualquer papel assinado por um nome grande é arrebatado como se se tratasse do enigmático sorriso de Gioconda.

O objectivo da loja de desenho é fazer parte do itinerários culturais do Bairro Alto. Para isso, depois da exposição de António Sena, já há outras coisas preparadas, sempre no campo do desenho. Quem compra ali é porque gosta, não compra ao metro ou ao conto de reis. Eles, aliás, não estabelecem contratos comerciais com os artistas. Fizem a loja, simplesmente, porque gostam de desenho.

Na loja de artigos e tecidos de decoração de interiores, dirigida por Rosa Almeida, Mário Martins da Silva e Klaus Blahak, há satisfação pela forma como as coisas correram durante a primeira semana.

Satisfação, sobretudo com a forma como as pessoas encararam os tecidos de decoração, de origem italiana, sem se importarem com os preços. Mesmo os mais caros, que só dificilmente entram no mercado alemão são aqui mais procurados do que na Alemanha. Satisfação também com os estanhos da fábrica Alcaide, do Porto. No que toca a porcelana já é diferente, talvez devido à habitação nacional às porcelanas da Vista Alegre.

Aposta ganha

Assim, a aposta de fazer reviver a antiga zona alta setecentista parece ter sido ganha. Pelo menos a primeira batalha. Esperemos que na segunda não aconteça o mesmo que aconteceu ao projecto de Pombal em que Ratton se integrava, quando uma viradeira voltou a dar tudo ao tratado assinado em 1703 com Methuen, o irmão de um fabricante de panos.

Depois disso, passada essa e outras viradeiras, cresceram mais palacetes — e mais crescem à medida que as viradeiras passavam — entre a Escola Politécnica e a Academia das Ciências, descendo a encosta para a Praça da Alegria, onde não chegam. São Bento já é história mais moderna. Santa Catarina também.

Posteriormente, os personagens de Eça moravam no Combro, encontravam amantes no Intendente, cultivavam-se em Paris, intrigavam no Chiado, tinham casa de campo em Benfica, espanhóis no Dafundo, iam a banhos ao Ginjal e acabavam por matar-se na Rua das Flores.

Mais tarde fizeram-se prédios no estilo perspectiva Nevski ou porta de Brandeburgo, mais umas coisas nos anos sessenta, de mosaíquinhos vidrados verde desmaiado e soleiras de mármore preto — no mais nacional e imaginativo que o pato-bravo criado pelo regime conseguia.

Agora, finalmente, ao fim de tantos anos de queda que, curiosamente acompanharam a figura de Pombal na consideração de nossas elites, a zona recupera-se. Ou melhor, começa.

Municípios de Évora vão criar

Região de Turismo

A Associação de Municípios do Distrito de Évora vai entregar até ao final do ano na Secretaria de Estado do Turismo o processo para criação de uma Região de Turismo que englobe todo o distrito, segundo foi ontem anunciado em Santarém. A sua denominação, porém, não está ainda decidida.

Mesmo os municípios que não são membros da associação, depois de contactados por esta, mostraram-se dispostos a colaborar e a apoiar a constituição da Região de Turismo.

Neste momento estão a ser realizados os estudos de impacto económico de uma tal iniciativa, estudos que estarão igualmente prontos antes do final do ano e que serão incluídos no processo.

O facto de a cidade de Évora estar classificada pela UNESCO como património mundial deverá funcionar como pólo dinamizador da Região de Turismo a constituir.

ISEF promove

Conferência Mundial

Por iniciativa do Instituto Superior de Educação Física decorre de 2 a 5 de Dezembro, na Fundação Gulbenkian, uma conferência sobre reabilitação de deficientes, ergonomia, dança e desporto.

Representantes de mais de cinquenta universidades de todo o Mundo discutirão novos modelos de formação e de intervenção bem como os estudos naquelas áreas.

Durante os trabalhos serão também discutidas políticas de primeiro emprego de acordo com as necessidades ou características do desenvolvimento de cada país.

O programa da conferência inclui ainda seminários sobre problemas de grande actualidade como actividade física e controlo corporal adaptado à terceira idade, bem como a influência da actividade física na reabilitação de toxicó dependentes.

Orlando Cardoso

continua

na direcção

do PRD de Leiria

No artigo que, no passado dia 27, publicámos sob o título «PRD — Renascimento ou Morte», referenciamos o seu autor, Orlando Cardoso, como «ex-membro da Comissão Directiva de Leiria do PRD».

Acontece que, em carta que agora nos enviou, o dr. Orlando Cardoso afirma que «embora tenha uma posição muito crítica em relação à trajectória passada e ao presente do PRD, continua a ser seu militante e não está demissionário da Comissão Distrital de Leiria». Aqui deixamos portanto a solicitada rectificação.

VIAJE CONNOSCO

ATÉ 1917...

Albert Nenarókov

História

ilustrada

da Grande Revolução Socialista de Outubro

1917

na Rússia mês a mês



EDICÕES PROGRESSO
EDITORIAL «AVANTE!»

A Revolução Socialista de Outubro, cujo 70.º Aniversário este ano se comemora, iniciou uma nova época na história da Humanidade.

Sobrecapa em papel Printover, 1 face de 130 g, impressa a 4 cores e plastificada.
Miolo com 400 páginas, impresso a 4/4 cores, em papel Printomate de 120 g.
Encadernação com capa armada em cartão de 2 mm, revestida a tela Gualflex, com gravação a ouro e miolo cosido à linha e reforçado a talagarça e com transfil.

... COM OS OLHOS POSTOS NO FUTURO

edições
Avante!

A DIFERENÇA DE UMA VISÃO CIENTÍFICA DO MUNDO

CDL A DISTRIBUIÇÃO

CORREIA DA CUNHA DIZ QUE "DINFO" O INCENTIVOU A CONTINUAR

Com a audição dos quatro réus portugueses e de uma testemunha de defesa, terminou ontem em cinco presumíveis membros dos «GAL» — Grupos Antiterroristas de Libertação. Esta organização, alegadamente de extrema-direita, pretendia eliminar fisicamente dirigentes e outros membros da ETA.

Mário Correia da Cunha, ex-agente dos Serviços de Informação das Forças Armadas Portuguesas (DINFO), nas declarações proferidas afirmou que os co-réus António Macedo e Jean Labade o foram procurar em Lisboa para que ele arranjasse elementos dispostos a fazerem «cobranças difíceis em Espanha».

Correia da Cunha disse ter vindo a Viana do Castelo para lhes apresentar o co-réu Rogério Carvalho da Silva, ex-funcionário de uma empresa de segurança.

Mário Cunha disse ainda que os co-réus, quando regressaram, lhe adiantaram «não se tratar de cobranças difíceis, mas sim de outras coisas, designadamente acções violentas que teriam recusado».

Correia da Cunha admitiu em tribunal que trabalhou para a DINFO até ao dia em que foi preso, e sustentou que «sempre manteve ao corrente de tudo este departamento dos Serviços de Informação das Forças Armadas Portuguesas».

Salientou ainda que os seus superiores na DINFO o «incentivaram a continuar os contactos para investigar o que se estava a passar».

Posteriormente, depôs o réu Rogério Carvalho da Silva, ten-

do afirmou que fora contactado pelo Mário Cunha «para ir a Espanha fazer cobranças difíceis». Admitiu ter tido em Viana do Castelo uma reunião com dois espanhóis, em que também estiveram presentes o António Ferreira e o Paulo Fontes, «não tendo no entanto ficado claro o que iriam fazer a Espanha».

Rogério Silva salientou que, «após inicialmente ter desconfiado que os dois espanhóis eram membros da Polícia», acabaria por confirmar as suas suspeitas, pois que estes «tinham enorme facilidade de deslocação em Espanha, recebiam continência da Guarda Civil, e em menos de duas horas arranjaram identificação para Paulo Fontes que não tinha».

Acrescentou que, em Bilbao, fora posto ao corrente, numa forma clara, aquilo que os espanhóis pretendiam, designadamente proceder à captura de indivíduos muito perigosos pertencentes à ETA militar.

Rogério frisou que quer ele quer os outros dois portugueses recusaram a proposta e se mantiveram no Norte de Espanha, tendo-se inclusive deslocaado ao Sul de França, mas «apenas em recreio e turismo».

Nesta ocasião do depoimento, o delegado do procurador da Re-

pública no processo, Jorge Sousa, acentuou que o réu «se contradizia entre aquilo que afirmara na instrução do processo, onde admitira ser membro dos GAL e agora», tendo Rogério adiantado que as suas declarações anteriores eram mentira e que apenas as tinha proferido por pensar que o favoreceriam.

A seguir depôs o réu António Ferreira que, subscrivendo praticamente as declarações de Rogério Silva, respondeu — ao ser também confrontado pelo delegado do procurador da República — acerca de contradições com declarações anteriores, afirmaria «tê-las proferido baseando-se no que tinha lido em alguns jornais».

Nesse momento, o procurador alertou-o e ao seu advogado para o facto de, na contestação quinta-feira entregue ao tribunal, se admitir por escrito o envolvimento de António Ferreira em actos ao serviço dos governos francês e espanhol, não tendo nenhum dos dois respondido nada.

Finalmente, depôs o réu António Macedo, residente em Vila Praia de Âncora, acentuou que António Macedo «é muito boa pessoa e incapaz dos actos de que é acusado».

Considerou o francês Jean Labade como tendo «uma personalidade cativante» e que ele «exercia um grande ascendente sobre António Macedo».

No entanto — acrescentou — «essa influência não era suficiente para levar António Macedo à prática de crimes».

Aludiu a declarações de Labade segundo as quais «quando lhe dariesse amigos de Espanha eles dariam dinheiro», tendo reconhecido que o francês, quando se referia a amigos de Espanha, muitas vezes dizia que eles eram da polícia espanhola.

O julgamento prossegue na próxima segunda-feira com a audição de mais duas testemunhas de defesa e três de acusação.

Aquele clínico, natural e residente em Vila Praia de Âncora, acentuou que António Macedo «é muito boa pessoa e incapaz dos actos de que é acusado».

Considerou o francês Jean Labade como tendo «uma personalidade cativante» e que ele «exercia um grande ascendente sobre António Macedo».

No entanto — acrescentou — «essa influência não era suficiente para levar António Macedo à prática de crimes».

Aludiu a declarações de Labade segundo as quais «quando lhe dariesse amigos de Espanha eles dariam dinheiro», tendo reconhecido que o francês, quando se referia a amigos de Espanha, muitas vezes dizia que eles eram da polícia espanhola.

O julgamento prossegue na próxima segunda-feira com a audição de mais duas testemunhas de defesa e três de acusação.

Aludiu a declarações de Labade segundo as quais «quando lhe dariesse amigos de Espanha eles dariam dinheiro», tendo reconhecido que o francês, quando se referia a amigos de Espanha, muitas vezes dizia que eles eram da polícia espanhola.

Quadrilha de assaltantes detida em Setúbal

Oito indivíduos, acusados de assaltos à mão armada e furtos em estabelecimentos comerciais, foram detidos pela Polícia Judiciária que lhes apreendeu 13 mil contos em valores — revelou a PJ.

A Polícia Judiciária de Setúbal apreendeu também aos arguidos, cuja prisão foi confirmada pelo Tribunal de Instrução Criminal de Almada, «duas espingardas caçadeiras, uma das quais com coronha e canos serrados, cartuchos carregados, duas pistolas de calibre 6,35 milímetros e duas navalhas de ponta e mola».

A detenção dos indivíduos, cuja identidade a PJ não revelou, verificou-se na sequência da prisão pela GNR de Almada de dois presumíveis assaltantes, de apelidos Carvalhal e Bacalhau, de acordo com uma queixa de furto apresentada àquela força militarizada.

Segundo a PJ de Setúbal, o grupo utilizava para os assaltos viaturas que roubava e depois abandonava.

Os detidos são acusados de ter assaltado nove estabelecimentos comerciais, em Almada, Laranjeiro, Feijó, Cascais e Parede, de ter furtado onze viaturas e ainda de dois assaltos à mão armada em bombas de gasolina.

Intoxicação alimentar em escola de hotelaria

Dos cinquenta alunos e funcionários da Escola de Hotelaria de Faro, que na quinta-feira deram entrada no Hospital Central de Faro devido a intoxicação alimentar, seis encontravam-se esta manhã ainda internados, soube-se de fonte hospitalar. Ontem ao fim da tarde eram ainda vinte o número de doentes que se encontravam em observação.

No entanto não existem casos considerados graves e não foram determinadas as causas da intoxicação, que terá sido provocada pelo creme de um bolo composto por gelatina, servido como sobremesa do almoço de quarta-feira e que se encontra a ser analisado em laboratório.

Português morto e sete feridos em Espanha

Um português morreu e sete outros ficaram feridos num acidente de viação verificado ontem próximo da localidade espanhola de Lezaun, na provincia de Navarra, informou a Guarda Civil de Tránsito de Espanha.

O morto é Licínio dos Santos Correia, de 30 anos, natural de Salsas, concelho de Bragança.

Os feridos são António Francisco Teixeira, 35 anos, José Leonor Serra, 27, José Manuel dos Santos, Manuel dos Anjos, 17, e João Correia, 19. Todos ficaram internados no hospital de Estella.

No acidente morreu também o espanhol Angel Egea Marin, 25 anos.

As vítimas estavam em deslocação de trabalho e seguiam entre as localidades de Alsua e Salinas de Ouro, iam efectuar trabalhos de revogação da rede de abastecimento de água.

O acidente ocorreu quando o jipe em que as nove pessoas viajavam saiu da rodovia por razões ainda desconhecidas foi embater numa árvore, na estrada nacional 120.

Com 13 portugueses e quatro sul-africanos

"Bartolomeu Dias" larga amanhã para o Cabo da Boa Esperança

Quando, amanhã, treze portugueses e quatro sul-africanos manobram a caravela «Bartolomeu Dias» para fora da barra do Tejo, não será o início do refazer da viagem histórica do descobridor do Cabo da Boa Esperança, mas começará aí muito mais do que uma viagem de recreio.

A largada para a primeira evocação no mar alto do feito de Bartolomeu Dias — um percurso de quase 6000 milhas entre Lisboa e Mossel Bay, na África do Sul — foi precedida de intensos preparativos.

Na semana que agora acaba viveu-se uma actividade febril a bordo da caravela, atracada na doca de Alcântara para que os trabalhos não fossem constantemente dificultados pelas visitas de estudantes e turistas.

Cabos foram substituídos para reforçar a ligação da verga ao mastro, brandais mais resistentes foram colocados, o motor auxiliar sofreu as últimas afinações, o rádio foi reparado, o convés foi-se tornando numa agitada oficina.

No interior, os tripulantes deram nova disposição ao lastro volante, cerca de dez toneladas

de pedras, de granito, das usadas na pavimentação de ruas, de modo a que a réplica da caravela de Quatrocentos tenha a caravela de pouco mais metida na água.

Durante dias, cada um tentou melhorar o respectivo beliche, fixando pequenas prateleiras ou faixas de rede de pesca para os objectos a ter mais à mão, o colete de salvação, os arneses de segurança para trabalhar no convés.

Há que usar bem o pouco espaço disponível para os pertences de cada um na camarata e sala de refeições sob o convés, a zona comum que já todos apelidam de «Pensão Estrela».

Ninguém parou nestes últimos quinze dias. Tudo é urgente e há como que a sensação de, à beira da partida, ficarem muitos bocados de vida por resolver. É a azáfama de tratar dos últimos pro-

blemas burocráticos, da compra dos objectos que sempre se pensou em levar e que agora não se encontram de lado nenhum. Da resolução de encontros com a família, de rápidos regressos a ligações sentimentais.

A tensão não tem prejudicado o relacionamento entre os dezasete tripulantes, cada um deles com idades (dos 20 aos 66 anos) e histórias pessoais muito diferentes. «Chegou a altura de tomar um 'lexotanzito' para quebrar a agitação interior» — ironizava esta semana um dos tripulantes.

A caravela já fez aguada. Meteu cerca de 3 mil litros de gasóleo e perto de 5 toneladas de mantimentos (bacalhau, carne e peixe para congelar, legumes liofilizados, arroz, massa, vinho). A próxima escala para frescos será o Funchal.

Na farmácia de bordo, para além de alguns remédios contra o «enfadamento do mar», que sempre aflige um ou outro tripulante — e para o qual cada um propõe uma terapia diferente —, entrou gesso, um ressuscitador,

material de costura e medicamentos vários. Um bom avanço sobre as boticas das embarcações de há meio milénio, que se remediavam com sedouros, cordiais, tisanas, purgantes, ameiçoadas e outras mézinhãs, mais frequentemente administradas por barbeiros que por médicos verdadeiros.

Carga simbólica enche caravela

Mas nem só mantimentos têm entrado a bordo da «Bartolomeu Dias». Alguma carga simbólica já ameaça «atafuhá-la», a começar por uma réplica de um dos padrões deixados na costa africana por Bartolomeu Dias, agora estivoado entre um beliche e a mesa das refeições. Painéis de azulejos, destinados às festividades da chegada a Mossel Bay, entrarão também a bordo, assim como um pacote de livros sobre o navegador português destinados aos portugueses residentes na África Austral.

Até uma coroa de flores en-

trou, quinta-feira, na caravela. É uma oferta da Comissão Nacional para as Comemorações Descobertas Portugueses que, indiferente a agiões, pretende vê-la lançada ao mar ao largo do cabo, onde Bartolomeu Dias naufragou cerca de 12 anos após ali ter estado pela primeira vez.

«São flores secas. E não lhes juntámos ramos de louro, não fosse vocês terem falta de temperos», revelou à Lusa o portador da encomenda.

Chegaram ao fim cerca de três meses de testes e preparativos. Desde Agosto, 17 homens procuraram entender o comportamento deste barco, dominar as velas latinas triangulares e conseguir um modo de vida a bordo compatível com o isolamento e as limitações de espaço. Na primeira tirada, até à Madeira, ver-se-á até que ponto renderam as lições.

Até agora os trabalhos nesta espécie de laboratório histórico flutuante já deram res-

posta a algumas perguntas. Os autores da caravela — uma equipa de que fazem parte o Oliveira e o médico e estúdio de embarcações antigas, Manuel Leitão — consideram agora, após os treinos de tripulação, que no século XV, as caravelas, sobre as quais ficaram poucos elementos técnicos, já dispunham de poleame (peças rígidas de madeira por onde passam os cabos) dotado de rodas, em vez do poleame «surdo», que exigia muito mais esforço físico.

Emílio de Sousa, o veterano da Marinha Mercante que comanda a caravela — «já andei em todo o tipo de barcos e gostei de todos», costuma afirmar — está optimista, tal como os tripulantes que comanda.

No entanto, como afirmou recentemente numa reunião rotária, preferiria ter ainda mais alguns meses diante de si, o que daria uma maior rodagem à equipa.



Dois aspectos da actuação da polícia de intervenção e o ministro Fernando Nogueira após a visita

Agressão a um preso foi a "gota de água"

NOVE FERIDOS NO MOTIM DA PENITENCIÁRIA

Cerca de uma dezena de feridos foi o balanço final do motim que durante a tarde e o princípio da noite de ontem envolveu aproximadamente três centenas dos 639 reclusos da Penitenciária de Lisboa. Ao contrário do que chegou a ser divulgado, as últimas informações indicam que não se registou nenhuma morte. Dos seis detidos que foram conduzidos ao Hospital de São José, apenas três ficaram internados, não havendo conhecimento de nenhum caso a inspirar cuidados. Os dois guardas prisionais e o bombeiro que receberam tratamento hospitalar na sequência dos incidentes também regressaram às suas casas. Os presos do caso FP -25 não participaram na revolta.

Na origem do motim, apurou o «DL» junto fontes da cadeia, esteve a agressão, por parte de alguns guardas prisionais, de que foi vítima um dos detidos ali internados preventivamente. «Essa foi a gota de água que precipitou os acontecimentos», comentou um funcionário do estabelecimento. Na verdade, tudo indica que os incidentes não tiveram qualquer premeditação e que decorreram essencialmente - como aliás o director da prisão reconheceu em declarações ao «24 Horas» da RTP - do «movimento de solidariedade» gerado por aquela agressão. O preso agredido ter-se-à recusado a acatar uma ordem, ao que parece relacionada com a sua transferência para outra cadeia, e terá sido de imediato soado por alguns guardas na presença de outros detidos.

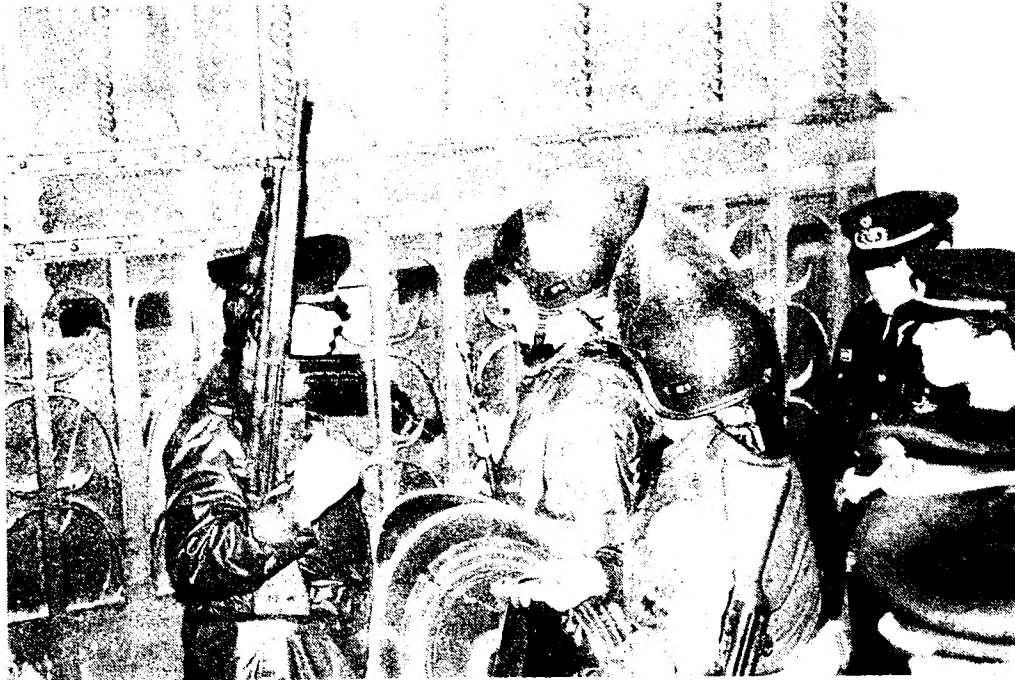
Visita do ministro desagradou

Durante a manhã o Ministro da Justiça, Fernando Nogueira, tinha visitado o estabelecimento de surpresa e, segundo algumas fontes, teriam causado desagrado entre os detidos as suas declarações, transmitidas na rádio, de que «quando estudava em Coimbra» não tinha um quarto idêntico aos da prisão. Os

reclusos da Ala C, uma das mais degradadas e nas quais as condições de detenção são consideradas «desumanas» por familiares dos presos ouvidos pelo «DL», não teriam gostado igualmente de terem sido ignorados durante a visita do ministro. Jornalistas que acompanharam Fernando Nogueira confirmaram que à sua passagem nas proximidades daquela ala tinha sido ouvida uma vaia longínqua e que o ministro apenas ali tinha contactado com um pequeno grupo de traficantes de droga sul americanos, com os quais trocou algumas palavras, enquanto almoçavam sózinhos num refeitório. Todos os outros, entre os quais muitos jovens toxicómanos geralmente detidos há pouco tempo, encontravam-se encerrados nas suas celas.

As poucas fontes oficiais que até à data se pronunciaram sobre o motim recusam-se a estabelecer qualquer elo entre estes factos e a eclosão da revolta, mas são consistentes os indícios que apontam para uma ligação, pelo menos ao nível da predisposição dos detidos.

A agressão do detido e o início dos incidentes tiveram lugar justamente numa das áreas mais degradadas da prisão, onde a superlotação das suas centenárias instalações



constitui um dos factores da tensão permanente que ali se vive.

Tudo começou perto das 17 horas quando os reclusos começaram a queimar madeiras da oficina de carpintaria incendiando igualmente colchões e outros objectos. Evacuado o pessoal civil e as visitas que nessa altura se encontravam no estabelecimento, começaram a chegar os bombeiros, a Cruz Vermelha e as forças de segurança. Cerca de uma centena de homens do Corpo de Intervenção da PSP e da GNR acorreram ao local, enquanto no exterior se concentravam numerosos familiares de detidos que iam tendo conhecimento da situação através da rádio.

De acordo com o sub-director da prisão, João Paiva - que às 21H45, quando o motim já era considerado dominado, foi o primeiro responsável a fornecer aos jornalistas presentes a versão oficial dos acontecimentos - o motim alargou a diversas

áreas envolvendo no total cerca de trezentos presos.

Rajadas de metralhadora

Até perto das 21 horas foi possível ouvir diversas rajadas de metralhadora na R. Marquês da Fronteira, frente à porta principal da prisão. Tratar-se-ia, segundo João Paiva, de disparos de intimidação que não teriam atingido qualquer detido. Uma fonte médica disse também ao «DL» que não tinha surgido nenhum ferido atingido por bala. A maior parte dos presos tratados no posto médico da prisão apresentava sinais de intoxicação motivada pelo fumo e, eventualmente, pelo gás lacrimogénico de que as forças policiais teriam também feito uso.

Aqueles que foram transportados ao hospital apresentavam no entanto ferimentos diversos que, segundo o sub-director da cadeia, foram provocados pelos pró-

prios presos que se teriam envolvido em zaragatas durante os incidentes. Idêntica versão contou o director da prisão que afirmou à RTP não ter havido qualquer intervenção policial, limitando-se as forças presentes a aguardar que tudo voltasse à calma.

Responsáveis dos serviços médicos disseram no entanto ao «DL» que «como se sabe o Corpo de Intervenção não é meigo nestas coisas».

Ao certo ao certo, nada de rigoroso e pormenorizado transpirou para cá das muralhas da prisão e as numerosas versões que referem terem sido feitos reféns alguns guardas prisionais carecem de confirmação. No decurso do motim os presos destruíram mobiliário, vidros e numerosos objectos. Tanto quanto se sabe, não chegaram a formalizar qualquer reivindicação específica, apesar de muitos dos seus parentes referirem com insistência que tudo aconteceu «por eles quererem condições mais huma-

nas e querem estar em prisões

mais próximas da residência das famílias».

Famíliares acusam

Famíliares de diversos detidos disseram à reportagem do «DL» que dentro da prisão «a comida não se pode trazer», as instalações são «uma vergonha» e os presos «são tratados como animais». Por entre cenas de lágrimas e desespero, agravadas pelas informações contraditórias que iam sendo divulgadas pela rádio e pela televisão quanto à existência de mortos e feridos, sem qualquer esforço de esclarecimento por parte dos responsáveis, muitas mulheres insurgiam-se contra o facto de os presos terem de «esperar anos pelo julgamento» e acusavam os guardas prisionais de as humilharem durante as visitas. «Mandam-nos embora como se fossemos gado, empurram-no e dizem shôo, shôo», garantiu-nos uma delas.

Pelas 20 horas, já depois de todos os nove feridos terem sido transportados para São José pela Cruz Vermelha e pelos bombeiros, recolheram às suas carrinhas alguns homens do Corpo de Intervenção, parecendo então que tudo estava terminado e que os presos tinham regressado às suas celas. Minutos depois os mesmos homens da PSP regressavam ao interior da prisão e só cerca das 21H30 é que se verificaria a retirada de todos os efectivos daquela força policial.

Segundo o sub-director da prisão, que pouco depois também abandonou o local, a situação estava nessa altura totalmente controlada e os detidos tinham voltado todos às suas celas.

A direcção do estabelecimento anunciou entretanto que vai ser efectuado um rigoroso inquérito ao incidente que terá estado na origem do motim.

JOGO DA PÓVOA E ESPINHO PÕE CONCORRENTES EM "GUERRA ABERTA"

Jorge Oliveira

Serviço Lusa/«DL»

Quando ainda não são conhecidas as regras a aplicar nas concessões de exploração das zonas de jogo de Espinho e Póvoa de Varzim, mais de meia dúzia de empresas e entidades de direito público anunciaram já as suas candidaturas.

As actuais concessões das zonas de jogo de Espinho e Póvoa de Varzim entregues, respectivamente, às empresas Solverde e Sopete, expiram no final do próximo ano, devendo, até lá, o Governo proceder à renegociação ou concurso das mesmas.

Esta é uma questão que ameaça criar dificuldades no seio da equipa do ministro do Comércio e Turismo, segundo fontes ligadas ao sector, já que Ferreira do Amaral defende a abertura de concursos públicos, enquanto o secretário de Estado, Licínio Cunha, favorece a renegociação com os actuais concessionários.

Solverde e Sopete começaram por defender a renegociação, dando como exemplo o processo seguido para a concessão da zona de jogo da Figueira da Foz, mas empresas como a Sonae e a RAR, que vão constituir um consórcio para concorrerem a Espinho e Póvoa de Varzim, pretendem abertura de concurso público.

Além deste consórcio, também a Sociedade Figueira-Praia, concessionária do jogo da Figueira da Foz e a Comissão Regional de Turismo do Verde Minho, que agrupa nove municípios, declararam já a sua disposição de entrar nos concursos de Espinho e Póvoa, respectivamente.

Uma outra comissão regional de Turismo, a do Alto Minho, defende a inclusão, nas condições de atribuição da concessão da Póvoa de Varzim, de cerca de 1,5 milhões de contos de contrapartidas destinados a infra-estruturas a criar nos concelhos que a integram.

Belmiro de Azevedo (Sonae) e Virgílio Folhadela (RAR), em declarações à Agência Lusa, defenderam a realização de um concurso público que integrasse as duas zonas, declarando possuir o consórcio a formar pelas duas empresas «um projecto turístico integrado para o Norte do País».

«É tempo de se acabar com a monarquia dos casinos», afirmou Belmiro de Azevedo, acrescentando que «Espinho e Póvoa limitam-se a distribuir pequenas benesses locais, não contribuindo minimamente para o desenvolvimento da vasta região em que estão integrados».

Virgílio Folhadela, por seu lado, considerou que os dois casinos «não devem ser apenas pólos turísticos mas alargar a sua influência do litoral para o interior, abrangendo inclusivamente todo o vale do Douro e apoiando o desenvolvimento das suas potencialidades turísticas e económicas em geral».

«Contrapor uma gestão moderna à inoperância e ao caciquismo, que é o que existe, ac-

tualmente», segundo Belmiro de Azevedo, será o projecto do consórcio Sonae-RAR.

Em declarações públicas, quer a Solverde quer a Sopete afirmaram que a não-revalidação das respectivas concessões irá acarretar despedimentos nas empresas, o que foi confirmado à Agência Lusa por Arriscado de Amorim, presidente da Sopete.

«A Sopete possui cerca de 900 trabalhadores, três centenas dos quais na área da construção, sector que teremos de encerrar se não virmos renovada a concessão», disse o presidente da Sopete, depois de sublinhar que essa área de actividade «só existe em função das contrapartidas da concessão. Todos os nossos hotéis e também os blocos de habitação social, a que nos obrigamos nos termos da concessão, foram construídos por nós» — declarou Arriscado de Amorim.

«Papão agitado por concessionários»

Belmiro de Azevedo discute tais argumentos, perguntando «como é que, quem durante 15 anos andou a acumular riqueza, não consegue ter garantidas condições para manter os seus postos de trabalho», e classifica tais afirmações de «um papão agitado pelos actuais concessionários».

«A Solverde cumpriu com atraso as suas obrigações e limitou-se a acumular dinheiro. A Sopete foi mais atenta a cumprir, mas fez investimentos pouco rentáveis e nalguns casos delegou responsabilidades de gestão e chega ao fim fortemente endividada», considerou o presidente da Sonae.

Arriscado de Amorim contestou, afirmando que a Sopete «tem investido mais do que aquilo a que é obrigada contratualmente». Pode ser má gestão, do ponto de vista do capitalismo selvagem, mas basta olhar para as realizações para se ver o trabalho de desenvolvimento regional feito pela empresa. Não contamos os tostões e não fazemos uma administração capitalista das verbas do jogo mas cumprimos o que consideramos ser o nosso papel», considerou.

para Arriscado de Amorim, a Sopete possui uns estatutos que lhe atribuem «claramente funções de sociedade de desenvolvimento regional, embora não o seja expressamente».

«Daí o investimento que temos feito, e não apenas nos sectores turístico-hoteleiros, nos concelhos vizinhos, nomeadamente nos sectores cultural e desportivo. A Sopete não é uma sociedade do lucro pelo lucro», declarou o presidente da empresa.

Virgílio Folhadela (RAR) disse, por seu lado, não perceber as razões que levam os actuais concessionários a queixarem-se e a tais queixas contrapõem o «maior optimismo» do consórcio interessado.

«A RAR e a Sonae têm uma maneira mais transparente de gerir, mais moderna e eficiente, e estão na melhor situação para actuarem dentro da filosofia que é necessária neste processo, a de um desenvolvimento concertado, integrado e harmónico de toda a região Norte», defendeu.

Interrogados sobre o volume de investimentos que o consórcio Sonae-RAR tem previsto fazer, os dois administradores afirmaram ser «difícil de quantificar, nesta altura, porque não sabemos qual a rentabilidade das concessões».

«Não pretendemos ter um grande lucro com as concessões, mas sim utilizá-las, como empresários nortenhos que somos, para ajudar a um desenvolvimento global da região. Porque, aí sim, os resultados já poderão ser interessantes», disse Belmiro de Azevedo.

«As concessões são pretendidas pela Sonae e pela RAR, não pelo seu valor individual, mas pelo que podem trazer a um conjunto de projectos integrados», afirmou Virgílio Folhadela.

Ambos garantiram que o consórcio irá, «de qualquer forma, em termos de investimento, até aos limites dos cash-flows gerados», que disseram desconhecer ainda.

Enquanto que, apesar dos esforços desenvolvidos pela agência Lusa, não foi possível conseguir obter declarações da administração da empresa Solverde sobre esta matéria, a Sopete, pela voz do seu presidente, considerou «indispensável colocar a opinião pública perante os verdadeiros factos».

Para Arriscado de Amorim, e no caso da Póvoa de Varzim, a concessão do jogo «não pode ser vista apenas como um mero negócio gerador de determinados volumes de receitas».

«Para nós, uma coisa é muito clara — sublinhou — não fazemos quaisquer comentários sobre a entrega do jogo, porque entendemos que tal decisão cabe ao Estado. Não interferimos. Estamos conscientes e serenamente atentos ao que se está a passar».

Caracterizando a Sopete, Arriscado de Amorim afirmou que «nenhum capitalista é dono da empresa», já que «dos cerca de mil accionistas com títulos nominais, nenhum possui mais de 4 por cento do capital», encontrando-se o capital ao portador (31 por cento) «muito disseminado».

«Quase posso dizer que não há um poveiro que não tenha uma acção da Sopete e afirmar que a sociedade nunca poderá ser tomada por nenhum capitalista. A Póvoa de Varzim, estou certo, reagiria fortemente

contra qualquer intromissão estranha», declarou o administrador.

Mas se Arriscado de Amorim coloca a essência da Sopete, empresa que possui meia dúzia de unidades hoteleiras de dimensão variável, num total de 1500 camas, numa perspectiva regional, essa é igualmente a posição da Comissão Regional de Turismo do Verde Minho.

Nove municípios integram esta Região de Turismo do Verde Minho (RTVM) que, há três dias, decidiu, sob proposta de Mesquita Machado, presidente da Câmara Municipal de Braga, avançar com a criação de um consórcio para concorrer à concessão da Póvoa de Varzim.

«Não temos dúvidas de que a concessão deverá ir a concurso e porque entendemos que, apesar do que a Sopete tem feito, isso ainda é insuficiente, deliberamos concorrer para podermos obter a base empresarial que nos permita desenvolver realmente toda a região que directamente envolve a Póvoa de Varzim» — disse o presidente da RTVM.

Para João Casanova, trata-se «de recuperar a excelente ideia que foi avançada, quer para a zona de jogo de Vidago quer para de Tróia», estando já denunciado o interesse, quer de outros municípios quer de entidades privadas de Braga e Barcelos, para aderirem ao consórcio.

Belmiro Azevedo avisa Governo

Posição diferente é a da Região de Turismo do Alto Minho (RTAM) que, apesar de notícias vindas a lume na Imprensa «não vai concorrer a nenhuma zona de jogo», conforme assegurou à Lusa o seu presidente, Francisco Sampaio.

«Para nós, é-nos em princípio indiferente quem seja o concessionário. A Sopete tem-nos merecido a maior compreensão pois tem sido uma empresa que tem procurado desenvolver a actividade turística na região, não só na Póvoa mas também no Alto Minho».

Acrescentou que a RTAM «julga-se com direito, sobretudo depois do que aconteceu em relação ao Estoril, a beneficiar de algumas contrapartidas, sobretudo para infra-estruturas, que melhorarão as condições da nossa oferta, o que, por razões óbvias, é igualmente importante para o concessionário do jogo».

Isto porque «as zonas de jogo também beneficiam dos dinheiros que são gastos pelas câmaras, pela Região e pela própria Direcção-Geral do Turismo na promoção nacional e internacional do turismo da região».

«É lícito que hajam contrapartidas», concluiu Francisco Sampaio, que disse ter sido aprovada no âmbito da Comissão Regional do Alto Minho uma lista de projectos de infra-estruturas que totalizam os 1,5 milhões de contos.

A questão das contrapartidas do jogo é das que mais preocupa todos os interessados nas concessões. E se é verdade que o exemplo do Estoril está permanentemente na boca de todos, alguns alertam para a «necessidade de comedimento».

Esse é o caso do presidente da Sonae, que defende dever «o Governo ter muito cuidado na quantificação das contrapartidas, por forma a não permitir que suceda o que sucedeu no Estoril».

Alguns dos intervenientes no processo em curso afirmaram à Lusa dever o Governo «para prevenir tal desastre», organizar um concurso público, mas por convites, o que não parece estar nas intenções do Executivo.

Mas se são mais numerosos os candidatos já anunciados à concessão e contrapartidas da Póvoa de Varzim, em relação a Espinho, identificou-se publicamente, nos últimos dias, mais um: além do consórcio Sonae-RAR, a sociedade Figueira-Praia, concessionária do jogo da Figueira da Foz.

Declarando-se «hoje, como o foi sempre abertamente a favor das renegociações dos contratos, de concessão com os actuais concessionários», a Figueira-Praia, em declarações à agência Lusa, defendeu que a experiência existente «indica ter sido positiva a actividade das concessionárias no lançamento das zonas de turismo».

«Se o Governo optar pela abertura de concurso, este deve ser aberto a todos os interessados que reúnam as condições julgadas imprescindíveis a este género de actividade» — afirmou Fernando do Vale, presidente da empresa.

Acrescentou que aquelas «não devem ter como único e exclusivo objectivo a exploração do jogo» e declarou que «só nessas circunstâncias a sociedade Figueira-Praia ser candidata a qualquer das zonas desde que considere aceitáveis as condições mínimas do contrato e não desvirtuem o espírito enunciado».

Sobre uma eventual ligação existente entre a Figueira-Praia e Manuel Violas da Solverde, Fernando do Vale afirmou que tal ligação não existe. «Contudo uma das empresas do grupo Violas é accionista maioritário da sociedade Figueira-Praia», frisou.

Afixação

de preços

é cumprida

apenas por 1/3

dos comerciantes

de Lisboa

«Apenas um terço dos estabelecimentos comerciais de Lisboa cumprem a lei de afixação de preços» — revela o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, tornando públicos os resultados de um inquérito promovido junto do sector.

Mais de metade dos estabelecimentos comerciais de Lisboa não cumprem a lei relativa à afixação de preços, sendo apenas 36 por cento os que ostentam os preços dos artigos expostos nas suas montras. De acordo com o INDC, «é bastante deficiente a informação que o consumidor pode obter através da consulta dos preços afixados».

Em suma: o inquérito do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor permite concluir que 33 por cento dos estabelecimentos não afixam qualquer preço e que 31 por cento só afixam alguns preços. Note-se, não obstante, que a própria legislação a este respeito admite diferentes formas de afixação.

O INDC observa, no entanto, que para o inquérito em causa utilizou o Decreto-Lei nº 533-/75, de 26 de Setembro, o qual logo no artigo 1º estipula que «em relação a todas as mercadorias destinadas à venda a retalho, bem como a toda e qualquer prestação de serviços, independentemente do regime de preços em vigor, deve exhibir-se o respectivo preço de venda ao público, de forma bem visível, qualquer que seja o local de venda».

O inquérito daquele instituto ligado a todos nós data deste Verão e frisa que a parte baixa da cidade é, em termos gerais, a que mais cumpre a lei. Paradoxalmente, é na Rua da Palma e na zona compreendida pelas Ruas do Ouro, da Prata e Augusta aquelas em que a afixação correcta dos preços ronda os 50 por cento (nas que o INDC seleccionou para o efeito), sendo também essas as zonas com maior número de estabelecimentos com afixação deficiente. Neste último aspecto — afixação deficiente dos preços —, duas outras zonas se aproximam daquelas duas: a das Avenidas 5 de Outubro, defensores de Chaves e Duque de Ávila, por um lado; e a Avenida da Igreja e a Rua Luís Augusto Palmeirim, por outro.

A Rua da Palma e as Ruas do Ouro, da Prata e Augusta são, ainda, aquelas que apresentam a mais baixa percentagem de não afixação de preços. Pelo contrário, as zonas compreendidas pela Rua de Campolide e pela D. Carlos Mascarenhas, por um lado, e as do Conde Redondo e D. Estefânia, por outro, são as que registam maior número de estabelecimentos sem qualquer afixação de preços.

TÍTULOS NAS BOLSAS VÃO VARIAR LIVREMENTE

As cotações dos títulos nas Bolsas portuguesas passarão a variar livremente a partir da sessão da próxima quinta-feira, dia 12, segundo determinação do Ministério das Finanças.

Em comunicado, o Ministério determina que a próxima sessão de Bolsa nas duas praças portuguesas, na terça-feira, funcione ainda com o limite actual de 5 por cento, tanto para a baixa como a subida.

Esse limite de variação diária das cotações será de 20 por cento já na sessão seguinte, quarta-feira, sendo depois totalmente livre a partir daí — determinou o Ministério, que tutela a actividade das duas Bolsas, em Lisboa e Porto.

O Ministério decidiu ainda que a capacidade de intervenção dos maiores investidores institucionais seja libertada, «de modo a que os bancos e as companhias de

seguros possam dar ordens de compra de acções».

Nesse sentido, foram já dadas instruções ao Banco de Portugal para que as compras de acções pelos bancos fiquem livres dos actuais limites.

Os limites relativos às provisões técnicas das companhias de seguros vão, também na sequência deste pacote de medidas, ser revistos.

O comunicado recorda que, presentemente, o índice médio das cotações dos títulos situa-se ao nível verificado em meados de Setembro, «obviamente abaixo do pico das cotações anormalmente elevado e insustentável, atingido em fins de Setembro».

«A um excesso na subida não se deve corresponder um excesso ainda maior na descida. E salutar que haja uma normalização do comportamento do mercado» — faz notar o comunicado.

Assim, entendeu o Ministério das Finanças que «é altura de assumir algumas medidas que ajudem o mercado a encontrar, o mais naturalmente possível, a sua estabilidade».

Para o Ministério das Finanças «tudo indica que o mercado de acções está hoje na fase final do reajustamento que iniciou há semanas e este é o momento certo para o Governo actuar, reforçando os mecanismos auto-correctores do mercado.»

O Conselho Nacional das Bolsas de Valores foi, entretanto, convocado para a próxima quarta-feira, alargado aos principais investidores institucionais, com o objectivo de chegar a conclusões «de muito interesse para a estabilização do mercado de acções», segundo afirma o comunicado do Ministério chefiado por Miguel Cadilhe.

Wall Street fechou semana em baixa

O mercado de títulos de Nova Iorque sofreu uma quebra, no final da sessão de ontem com o índice industrial Dow Jones a cair 26,36 pontos, para 1 959,05.

Newton Zinder, analista na firma de corretores E.F. Hutton and Co., citado pela agência AP, atribuiu a descida — registada apenas ao fim do dia — aos investidores «que não querem ficar com os títulos durante o fim-de-semana».

Analistas fizeram notar que as vendas se intensificaram após a Bolsa de Nova Iorque ter dito que segunda-feira seriam removidas as restrições ainda existentes sobre transacções computadorizadas, impostas após a «segunda-feira negra».

Críticos deste sistema de transacção argumentam que, por vezes, ele está na base da volatilidade dos preços.

Outra das causas prováveis para a quebra são as interpretações dos operadores sobre a des-

cida do dólar face às divisas fortes.

A queda é vista como vantagem por muitas companhias norte-americanas que competem nos mercados mundiais, especialmente desde que Washington e a Reserva Federal disseram que não têm intenções de restringir o crédito.

Ao mesmo tempo, há alguma preocupação de que a queda dos valores dos títulos e da cotação do dólar detenha os investidores estrangeiros de porem dinheiro nos mercados de capitais norte-americanos.

O Departamento do Trabalho anunciou, ontem de manhã, que o desemprego atingiu 6 por cento em Outubro, contra 5,9 por cento no mês anterior. Contudo, os mesmos números mostraram um aumento de postos de trabalho da

ordem dos 549 000 empregos não-agrícolas.

As estatísticas de emprego dos próximos meses serão analisadas cuidadosamente em Wall Street, em busca de sinais de falências devido ao «crack» da Bolsa de Outubro.

As cotações que desceram e subiram equilibraram-se muito bem durante o dia de ontem, com 809 em alta, 807 em baixa e 372 sem alteração, mas quebraram no final da sessão.

Foi transaccionado um total de 228,29 milhões de acções, contra 225,96 na sessão anterior. O índice composto Nyse caiu 1,77 pontos, para 140,04.

No American Stock Exchange, o índice de valor do mercado subiu 0,18 pontos, para 225,23.

O mercado encerrou na terceira semana depois do colapso registado em 19 de Outubro com mais incertezas e volatilidade do mercado.

As ordens de venda surgiram num clima de sinais económicos antagónicos, baixa de dólar, baixa de taxas de juro e aumento de desemprego.

O índice Dow Jones, o mais conhecido barómetro norte-americano de acções, vacilou em torno de uma pequena margem durante toda a sessão, mas caiu sensivelmente na última meia hora de transacções, para fechar a 1959,05 pontos, elevando a perda da semana para 34,48 pontos.

Outros indicadores, de carácter mais vasto, também caíram.

«A confiança no mercado é extremamente frágil», disse Peter Dapuzzo, da Shearson Lehman Brothers Inc., uma firma de corretagem e consultadoria financeira.

O dólar continuou a cair. Em relação ao iene, atingiu em Tóquio o valor mais baixo de sempre desde a guerra, fechando a 135,50 ienes, menos 0,45 ienes que quinta-feira.

O dólar está também fraco na Europa e nos Estados Unidos como reacção às asserções de Reagan de que a sua prioridade é evitar uma recessão após o colapso bolsista, mesmo que isso signifique que o dólar caia.

O impacto da queda do dólar também afectou o mercado de obrigações, que tem estado a ser fortemente concorrido.

Os mercados asiáticos foram dos poucos que assistiram a uma recuperação da divisa americana, mas isso foi atribuído a uma reacção pela subida em Wall Street, ocorrida quinta-feira.

No resto do Mundo, os mercados bolsistas comportaram-se de forma errática: em Tóquio, o índice Nikkei, principal indicador do mercado, subiu fortemente na abertura, mas as incertezas geradas pelo dólar impediram que fosse além dos 22 795,02 pontos, mais 165,37 que na véspera.

Em Londres, as cotações desceram também, tendo o índice Financial Times fechado 18 pontos em baixa, a 1 620,8.

Carteira da Fundimo valoriza 0,9%

A carteira de aplicações do fundo imobiliário Fundimo apresentava, em 15 de Outubro um aumento de 0,9 por cento relativamente a 30 de Setembro.

Enquanto nesta última data, a carteira do Fundimo tinha aplicações no valor de 7,746 milhões de contos, em 15 de Outubro esse valor era de 7,816 milhões de contos. Alterações entre as carteiras das datas mencionadas encontram-se nas aplicações

monetárias e financeiras, onde o fundo começou a investir em títulos de regularização

monetária — recentemente criados — e nas aplicações imobiliárias com a aquisição de 4 fracções nas Caldas da Rainha.

A data de 15 de Outubro, o fundo apresentava, em aplicações

monetárias e financeiras, um valor de 5,931

milhões de contos contra 5,913 milhões em 30 de Setembro, e em

aplicações imobiliárias um valor de 1,902

milhões de contos contra 1,822 milhões na primeira data.

UBP: quase meio milhão de lucros

A União de Bancos Portugueses (UBP) obteve, nos nove primeiros meses do ano, um lucro de 445 789 contos, contra um prejuízo de 533 876 contos em igual período do ano passado. Os resultados do exercício da UBP registaram, assim, uma variação positiva de 979 665 contos, entre 30 de Setembro 1986 e 30 de Setembro de 1987. Os meios libertos gerados pelo Banco até 30 de Setembro

último tinham ultrapassado os quatro milhões de contos, o que representa um acréscimo de 929,5 por cento face ao mesmo período do ano passado. Tendo por base os valores de 30 de Setembro de 1986, os depósitos à ordem tiveram um crescimento de 16,2 por cento, ao passo que os depósitos a prazo tiveram uma variação negativa de 2,0 por cento. Paralelamente, os depósitos de poupança cresceram 110,7 por cento ao passar de 13,5 milhões de contos para 28,5 milhões de contos. Em compensação, o montante de crédito concedido desceu 1,7 por cento, passando

de 144,8 milhões de contos para 142,4 milhões de contos.

EMT aumenta capital para 2.18 milhões

A Empresa Madeirense de Tabacos, EMT, vai aumentar o capital social de 1,75 milhões para 2,18 milhões de contos, por emissão de 430 mil novas acções reservadas a accionistas e colaboradores. O aumento de capital, cuja decisão será formalizada em assembleia geral marcada para dia 23, deverá ocorrer ainda

este ano. «Actuar mais agressivamente no mercado continental, com o objectivo de obter uma maior quota nacional, apesar do domínio quase exclusivo da Tabaqueira», é um dos objectivos desta empresa, que realizou a 28 de Setembro, na Bolsa de Lisboa, uma Oferta Pública de Venda que lhe rendeu um encaixe de mais de cinco milhões de contos. A EMT acaba de adquirir novo equipamento fabril e, ao nível das participações financeiras, constituiu recentemente uma empresa subsidiária no sector

imobiliário, devendo também participar no capital social do futuro Banco Internacional do Funchal.

Conduril põe OPV em «stand by»

A Conduril, empresa de construção e obras públicas, decidiu adiar a OPV de 122 500 acções, prevista para o dia 9. A decisão foi tomada por se considerar que o actual clima da Bolsa não é o mais aconselhável para a operação. Um informador da Conduril

disse que a Oferta Pública de Venda das se encontra em «stand by», mas sublinhou ser desejo da administração que a operação se realize ainda este ano.

Quanto aos investimentos previstos em modernização de equipamento, aquele membro da administração referiu a necessidade de repensá-los, mas adiantou que não podem ser muito prejudicados. No dia 27 de Novembro realiza-se uma assembleia geral para decidir novos meios de financiamento o aumento de capital e as formas de realizá-lo.

Governo propõe cinco e meio por cento de aumento para os TFP

O secretariado permanente da Frente Comum de Sindicatos da Função Pública decidiu convocar um plenário nacional de sindicatos para o próximo dia 11 e plenários distritais para a semana de 11 a 18.

O objectivo destas reuniões é debater a situação criada com a proposta governamental de aumento de 5,5 da tabela salarial e 6,5 por cento da massa salarial.

Em reunião com a Frente Comum o secretário de Estado do Orçamento propôs ainda um aumento de 15 escudos do subsídio de refeição, que assim passa para 265 escudos e aumento de 120 escudos das diuturnidades, que passam para 2 mil cento e vinte escudos.

Aquele membro do Governo manifestou também, de acordo com o comunicado da Frente Comum, a disposição de reestruturar a carreira técnica superior e a reclassificação dos cargos de chefes de secção e da repartição, mas não aceitou negociar já a reclassificação das outras carreiras profissionais, nomeadamente a carreira técnica, técnica profissional, administrativa operária e auxiliar.

Os representantes dos trabalhadores da Função Pública consideram que a proposta de aumento fica aquém do que está estabelecido no próprio programa do Governo, não permitindo o aumento dos salários reais e a recuperação do poder de compra.

Relativamente às carreiras, a proposta é positiva do ponto de vista sindical relativamente á carreira técnica superior e á reclassificação dos cargos de chefe de secção e de repartição, «uma continuação a inviabilizar a justa reclassificação das outras carreiras profissionais».

O processo negocial continua no próximo dia 19 com nova reunião para debater a tabela salarial, enquanto foram marcadas para 25 e 26 do corrente, negociações para debater a nova legislação sobre férias, faltas e licenças e de duração de trabalho da Função Pública.

Ainda afectam 15% dos trabalhadores

CONTRATOS A PRAZO NÃO INCIDEM IGUALMENTE EM TODOS OS SECTORES

Eduardo Pereira

A percentagem de trabalhadores por conta de outrém abrangidos pelo regime de contrato a prazo, era, em Junho último, perto de 15 por cento. No entanto, esta percentagem varia grandemente de uns para outros ramos de actividade económica, tal como também não é a mesma para homens e mulheres.

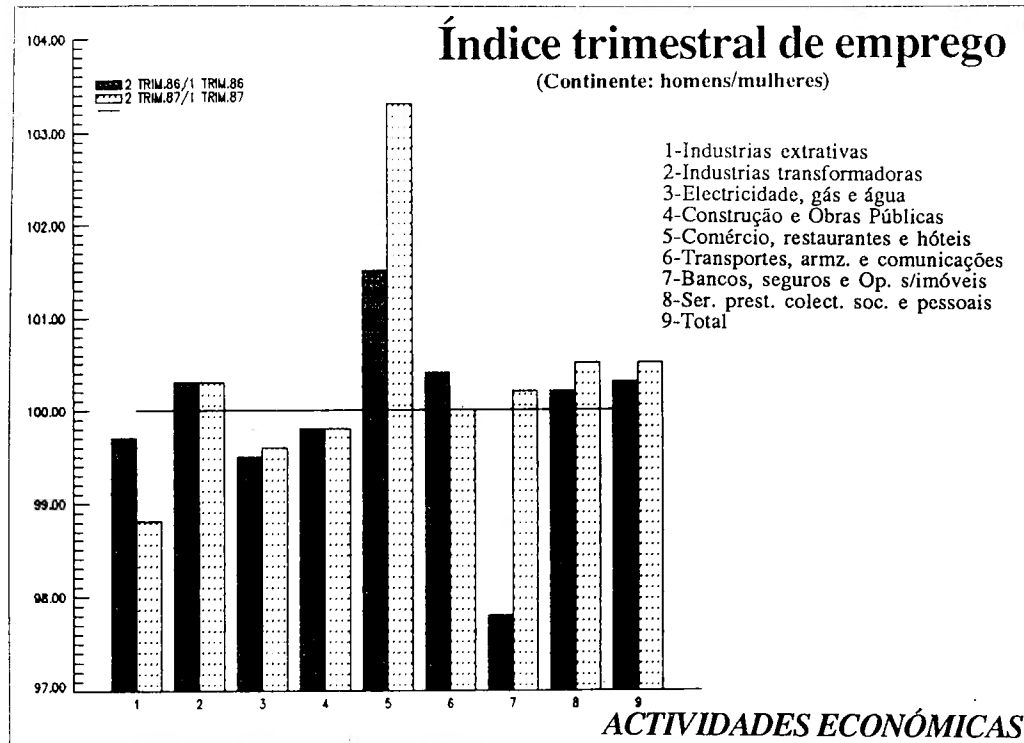
O número relativo de contratados a prazo varia entre os 2,4 por cento do sector de transportes e comunicações e os 46 por cento da construção e obras públicas. Outros sectores onde o trabalho a prazo tem um peso diminuto são electricidade, gás e água (3%), bancos, seguros e operações sobre imóveis (4,6%), indústrias químicas e de petróleo (4,7%) e indústrias metalúrgicas de base (6,5%). No outro extremo, estão, além da construção, os sectores restaurantes e hotéis (30,5%), fabrico de calçado (29%) e fabrico de artigos de vestuário (27,5%).

Estes e outros números, apresentados pelo ministério do Emprego e Segurança

Social, são parte do resultado da segunda edição deste ano do inquérito trimestral de emprego.

O diferente peso dos contratos a prazo nos vários sectores não deixa de fazer sentir os seus efeitos sobre a mobilidade da mão-de-obra, que o mesmo é dizer sobre a instabilidade do emprego.

No grupo de sectores onde os contratos a prazo têm menor peso, a mobilidade da mão-de-obra, medida pela soma das saídas com as entradas de pessoal em percentagem do volume de emprego, é relativamente pequena. No segundo trimestre de 1987, ela variou entre os 3 por cento do ramo transportes e comunicações e os 6,8 por cento do



sector electricidade, gás e água.

Ao contrário, entre os sectores que mais dependem do trabalho a prazo, a mobilidade da mão-de-obra, medida nos mesmos termos e para o mesmo período,

oscila dos 8,2 por cento no fabrico de vestuário aos 21,9 por cento na construção e obras públicas. Neste último sector, apesar de se terem registado 10,8 por cento de saídas, só foi preciso despedir 0,1 por cento dos trabalhadores: mais de

metade das saídas deveram-se à cessação de contratos a prazo, enquanto as saídas «voluntárias» originaram mais de um quarto das saídas.

Por outro lado, os contratos a prazo também não

afectam indiscriminadamente homens e mulheres. Assim, em Junho, a percentagem de homens sujeitos a esta forma de desemprego potencial era de 13,9 por cento, enquanto para as mulheres o mesmo número se fixava nos 16,5 por cento.

Outro dado curioso que nos é revelado pelos dados agora divulgados pelo ministério do Emprego, diz respeito à indústria do tabaco. Aqui, o peso dos contratados a prazo é de 12,4 por cento - número relativamente modesto, mesmo abaixo da média, mas que parece ter tendência a aumentar... As entradas de pessoal ocorridas no segundo trimestre do ano não foram de grande peso, antes se ficaram pelos 0,9 por cento do volume de emprego do sector: só que todas elas se deram por recurso ao contrato a prazo... Portanto, se o leitor é fumador, não se admire se dentro de algum tempo o seu cigarro tiver um sabor amargo: é (será) o sabor do trabalho a prazo.

Obras Públicas aceleram em relação ao ano passado

A adjudicação de obras públicas nos dez primeiros meses de 1987 decorreu em ritmo superior ao de igual período do ano passado. No entanto, o valor médio das adjudicações mantém-se abaixo do valor médio da base de licitação. Por outro lado, as vias de comunicação constituem o tipo de obra responsável pelo maior valor adjudicado.

O número de obras públicas adjudicadas nos primeiros dez meses de 1987 é superior em 21 por cento ao número adjudicado em igual período de 1986. Ao todo, foram atribuídas 686 obras, no valor global de 53,623 milhões de contos. Este valor é superior em 16,071 milhões - 42,8 por cento - ao valor dos dez meses iniciais do ano passado.

Segundo dados divulgados pela Associação Nacional de Empreiteiros de Obras Públicas (ANEOP), de entre as obras já adjudicadas este ano, 399, equivalentes a 58,2 por cento, foram da

iniciativa das autarquias locais. No entanto, quando consideradas em valor, as obras adjudicadas pelas autarquias representam apenas 19,7 por cento do total: 10,569 milhões de contos.

O facto de as obras adjudicadas pelo Estado serem mais caras que as entregues pelas autarquias, prende-se com o tipo de obra a que as autarquias se dedicam preferencialmente - as obras de urbanização e as vias de comunicação - mas também, e sobretudo, com a dimensão dos projectos em causa.

A título de exemplo, veja-se o que se passou no mês de Outubro: as autarquias locais promoveram quase 5 vezes mais projectos relativos a vias de comunicação do que o Estado (19 contra 4), mas o valor global desse projectos correspondeu apenas a 2,2 vezes o valor adjudicado pelo Estado. Ora acontece que são precisamente as vias de comunicação o tipo de obra que mais pesa no valor global de adjudicações de obras públicas.

Até fim de Outubro, as

vias de comunicação representavam 48,7 por cento do valor de obras adjudicadas, sendo seguidas à distância pelas construções escolares, com 13,7%, pelas obras hidráulicas, com 8,8%, pelas obras de urbanização, com 6%, e pelos prédios de habitação, com 5%.

Em Outubro, mais uma vez, os concursos foram adjudicados por um valor superior, embora por estreita margem, ao conjunto das bases de licitação (entrando em conta somente com o conjunto para o qual o valor destas bases é conhecido): 2,28% foi o tamanho desse acréscimo. Esta situação, que se verifica pela segunda vez consecutiva e pela quarta vez ao longo do ano, pode indiciar que, também neste campo, começam a verificar-se algumas melhorias. Em termos acumulados, no entanto, os valores reais de adjudicação continuam sendo inferiores às bases de licitação, na diferença de 2,53%.

Obras Públicas adjudicadas nos primeiros 10 meses			
Tipos de Obras		Valor	%
Edifícios	Escolas	7333,8	13,7
	Hospitais	560,38	1,0
	Habitação	2656,39	5,0
	Diversos	8144,00	15,2
Obras Hidráulicas	Obras Hidráulicas	4738,67	8,8
	Vias de Comunicação	26115,12	48,7
	Obras de Urbanização	3219,52	6,0
	Instalações eléctricas e mecânicas	855,33	1,6
Total		53623,21	100

Valor em milhares de contos

Fonte: ANEOP

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51\$90	57\$90
ALEMANHA FED. (marco)	79\$65	80\$85
ÁUSTRIA (xelim)	11\$30	11\$50
BÉLGICA (franco)	3\$615	3\$865
BRASIL (cruzado)	1\$303	2\$003
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	102\$60	104\$10
(notas de 5 a 1000)	103\$10	104\$60
DINAMARCA (coroa)	20\$60	21\$00
ESPAÑA (peseta)	1\$155	1\$275
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	134\$25	137\$75
(notas de 5 a 1000)	134\$75	138\$25
FINLÂNDIA (marka)	32\$40	33\$00
FRANÇA (franco)	23\$50	24\$20
HOLANDA (florim)	70\$80	71\$90
IRLÂNDIA (libra)	212\$90	216\$90
ITÁLIA (lira)	\$098	\$113
JAPÃO (iene)	\$952	1\$017
NORUEGA (coroa)	21\$10	21\$60
REINO UNIDO (libra)	239\$15	243\$65
SUÉCIA (coroa)	22\$15	22\$65
SUÍÇA (franco)	96\$85	98\$35
VENEZUELA (bolivar)	4\$055	5\$055

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Com a mediação do arcebispo de Manágua

NICARÁGUA INICIA CONVERSÇÕES COM A DIRECÇÃO DOS "CONTRAS"

O cardeal arcebispo de Manágua, Miguel Obando e Bravo, aceitou ontem o papel de mediano nas negociações para um cessar-fogo entre o Governo da Nicarágua e a direcção dos «contras», após reunir-se com o Presidente Daniel Ortega. Os «contras» também iniciaram ontem os primeiros contactos para as negociações do cessar-fogo no país, em resposta ao anúncio da véspera de Ortega de que estava disposto a negociar.

Contudo, os guerrilheiros denunciaram o incumprimento dos acordos da Guatemala por parte do executivo.

Os líderes rebeldes Adolfo Calero e Aristides Sanchez, dois dos seis dirigentes do grupo «Resistência Nicaraguense» afirmaram em Miami, Florida, em conferência de imprensa, que outros membros do directório, na Costa Rica, iniciaram ontem contactos com o Governo sandinista através de intermediários.

Daniel Ortega, nu ma mudan-

ça radical de opinião, aceitou quinta-feira negociar uma trégua com os «contras», que desde há seis anos combatem o seu Governo com a ajuda dos Estados Unidos.

Adolfo Calero reconheceu que o anúncio de Ortega, feito no mesmo dia em que devia ter entrado em vigor o acordo de paz para a América Central, constituía um passo positivo em relação ao cumprimento dos acordos assinados na Cidade da Guatemala.

Contudo, classificou de «ab-

surda» a recusa de Ortega em abordar temas políticos.

«É absurdo pensar que se pode discutir um cessar-fogo sem uma negociação política, já que o conflito nicaraguense é eminentemente político», disse Calero. O Governo sandinista, segundo os rebeldes, recusou o Plano Arias (Oscar Arias, Presidente da Costa Rica e arquitecto do plano de paz) e anunciou o seu próprio, o «Plano Manágua».

A amnistia parcial decretada em 1984, com a condição de levantamento do estado de emergência à efectivação do cessar-fogo anunciados por Ortega foram considerados «inaceitáveis» pelos líderes rebeldes, que sublinharam ser a simultaneidade a base principal do Plano Arias.

Calero disse que a amnistia anunciada é apenas para cerca de mil presos políticos, de um total de 12.000 a 16.000, e

não inclui os condenados antes de 1981.

Sanchez, o líder mais ligado às tropas «contras», disse que estas não respeitarão um cessar-fogo que não tenha sido anteriormente negociado e que é necessário que as condições propostas não sejam «cosméticas» para contentar a opinião pública internacional.

El Salvador

Os rebeldes salvadoreños anunciaram que não respeitarão o cessar-fogo unilateral decretado pelo Presidente José Napoleon Duarte, no âmbito do acordo de paz para a América Central recentemente aprovado.

A Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional reiterou a sua disposição para retomar o diálogo com o Governo, apesar de não aceitar o cessar-fogo em vigor desde quinta-feira.

Tunísia

Presidente Bourguiba

afastado pelo seu 1.º ministro

O presidente tunisino, Habib Bourguiba, foi hoje afastado das suas funções alegadamente devido ao seu precário estado de saúde e o primeiro-ministro Zine Al-Abidine ben Ali autoproclamou-se presidente, anunciou através da Rádio nacional o novo líder do país.

Ben Ali fora nomeado primeiro-ministro no passado dia 2 de Outubro, em substituição de Rachid Sfar, tendo antes desempenhado funções de ministro de Estado com a pasta do Interior.

Numa declaração lida através da Rádio, Ben Ali afirmou que Bourguiba era afastado porque a sua saúde precária o tornava incapaz de governar, mas alegou ainda «incompetência». Disse que «com base num relatório médico», depunha Bourguiba «à luz do artigo 57.º da Constituição».

Como primeiro-ministro, Ben Ali era o sucessor constitucional de Bourguiba, de 84 anos, a figura dominante da política tunisina ao longo do último meio século e que se tornara o primeiro presidente do país em 1957.

Bourguiba fora designado presidente vitalício em 1975.

Ben Ali, um ex-general, afirmou no comunicado lido na Rádio que a Constituição tunisina necessitava de uma revisão urgente.

A prática da designação de presidentes vitalícios está ultrapassada, afirmou Ben Ali, tal como a sucessão automática para o cargo de chefe de Estado, numa decisão «da qual o povo está excluído».

A SEMANA



Segunda-feira, 2

O discurso de Gorbachev - Historiadores Ocidentais manifestaram-se desapontados pela apreciação da história soviética feita por Mikhail Gorbachev no âmbito das comemorações do 70º aniversário da revolução bolchevique e afirmaram que ele foi pouco mais longe nas críticas ao período estalinista do que Nikita Krushchev há 30 anos. Estudiosos de assuntos soviéticos em vários países da Europa Ocidental salientaram que o discurso de Gorbachev é uma prova da sua fraqueza face aos opositores das reformas políticas por ele implementadas. Vários comentadores disseram que o líder soviético repetiu «simplesmente, em termos mais moderados, o que o sucessor de Estaline já tinha dito» e que «parece que houve 30 anos que passaram em vão».

Terça-feira, 3

A Guerra do Golfo - O Irão e o Iraque aceitaram enviar representantes a Nova York para negociar um cessar-fogo na guerra que os opõe há mais de sete anos, segundo um porta-voz das Nações Unidas. As respostas dos dois beligerantes à mais recente proposta de paz do secretário-geral da ONU, contidas em cartas assinadas por Ali Baktar Velayti e Tariq Aziz, ministros dos Negócios Estrangeiros do Irão e Iraque, respectivamente, foram entregues a Perez de Cuellar pelos embaixadores dos dois países. Quanto à data de um eventual cessar-fogo, François Giuliani disse tratar-se de «um processo diplomático difícil».

Quarta-feira, 4

Os massacres em Moçambique - O arcebispo anglicano sul-africano e prémio Nobel da Paz de 1984, Desmond Tutu, acusou a África do Sul de estar implicada no massacre que causou recentemente em Moçambique 278 mortos. O Governo do Maputo atribuiu este e outros massacres ocorridos ultimamente aos rebeldes da Renamo, apoiados pela África do Sul. Por outro lado, diplomatas Ocidentais em Maputo afirmaram estar convencidos de que os elementos da Renamo recebem alguma forma de apoio logístico e de comunicações da África do Sul.

Quinta-feira, 5

Weinberger demite-se - O secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, anunciou a sua demissão em cerimónia realizada na Casa Branca, sendo substituído pelo conselheiro nacional de Segurança, Frank Carlucci, que foi embaixador dos EUA em Portugal.

Com esta demissão, Reagan perdeu o seu principal «falcão», considerado defensor acérrimo da «Guerra das Estrelas». No entanto, Weinberger continua em funções até que a nomeação de Carlucci seja confirmada pelo Senado. Para as funções anteriormente desempenhadas por Carlucci foi nomeado o tenente-general Robert Colin Powell, que passou a ser o primeiro negro a ocupar um cargo de destaque na administração Reagan.

Sexta-feira, 6

Irangate francês - O Presidente francês, François Mitterrand, começou a ser pressionado para explicar por que aparentemente não interveio para impedir a venda ilegal de munições ao Irão, numa violação do embargo imposto pela França. No entanto, o Primeiro-Ministro Jacques Chirac deitou «água na fervura» do escândalo, afirmando ser «inevitável» em democracia que determinados assuntos sejam empolados pelos meios de comunicação. Um relatório oficial divulgado esta semana revelou que colaboradores do ex-ministro socialista da Defesa, Charles Hernu, ajudaram a companhia Luchaire a encobrir exportações ilegais de 500 mil projecteis de artilharia entre 1983 e 1986.

EUA vão fornecer mísseis "Stinger" ao Chade

Os Estados Unidos decidiram vender mísseis portáteis terra-ar «Stinger» ao Chade, anunciou um porta-voz do Departamento da Defesa.

«Em resposta à contínua ameaça de ataques aéreos pela Líbia, decidimos satisfazer o pedido de mísseis «Stinger» pelo Chade e enviar especialistas para ensinar a maneja-los», disse o tenente-coronel Keith Snyder.

O porta-voz recusou indicar o número de mísseis e a data em que serão entregues, mas fontes do Departamento da Defesa, que pediram para não ser identificadas, disseram que 24 «Stingers» e sete lançadores, no valor de dois milhões de dólares... serão entregues dentro de duas semanas.

Os mísseis «Stinger» são lançados por um tubo apoiado sobre o ombro de um soldado.

A França, que recusou satisfazer os pedidos de Djamena para aumentar os fornecimentos de armas, manifestou ao governo norte-americano o receio de que os mísseis possam intensificar a

guerra entre o Chade e a Líbia, diz o «New York Times».

O porta-voz do Departamento de Estado, Charles Redman, confirmou que militares norte-americanos vão ser enviados para o Chade para treinar as Forças Armadas na utilização dos mísseis.

Redman acrescentou que foram «tomadas as necessárias precauções para evitar que os mísseis possam cair nas mãos de terroristas ou inimigos dos Estados Unidos».

Há provas de que alguns dos mísseis «Stinger» fornecidos aos rebeldes afegãos foram parar ao Irão, podendo vir a ser utilizados contra aviões norte-americanos no golfo Pérsico.

Os guerrilheiros afegãos dizem que os mísseis foram capturados por uma patrulha iraniana, mas os serviços secretos norte-americanos suspeitam que foram vendidos a um milhão de dólares cada um.

Negociações Espanha-EUA terminam sem resultados

Os Estados Unidos apresentaram uma nova proposta à Espanha sobre a redução da presença militar norte-americana em território espanhol, que o Governo de Madrid considerou inaceitável e insatisfatória, disse um porta-voz oficial espanhol.

A sétima sessão negociadora entre a Espanha e os Estados Unidos sobre a redução da presença militar norte-americana em território espanhol terminou ontem, sem resultados, como aliás se previa.

Na próxima semana, o Governo espanhol enviará uma co-

municação oficial à Administração norte-americana, em que lhe anuncia que não tem intenção de prorrogar o convénio bilateral nas actuais condições, disse o porta-voz oficial do Governo, Santiago Varela.

A nova proposta dos Estados Unidos, sobre que divergem as fontes espanholas e as norte-americanas, consistia na retirada de Espanha de um esquadrão da ala táctica 401, com base em Torrejón de Ardoz (Madrid) e a permanência dos restantes dois.

Fontes norte-americanas disseram que se retirariam dois esquadrões e apenas permaneceriam em território espanhol 24 F-16.

Embora a base da ala táctica seja Torrejón de Ardoz, habitualmente só permanecem 24 aviões, pois os restantes encontram-se em missões na Itália e Turquia.

O Governo espanhol considerou esta proposta insatisfatória e inaceitável e manteve a sua exigência de retirada dos 72 F-16 e dos cinco aviões-tanque, com base em Saragoça.

UM ALMOÇO PORTUGUÊS QUE A DGT GERMANIZOU

O almoço de ontem em Santarém foi da responsabilidade da organização que entende apresentar a 300 agentes de viagens alemãs uma amostra de Portugal. Os alemães, sem dúvida saíram contentes. Além da sopa de pedra, com explicação em inglês, de perdiz à moda de Portalegre e dos doces de várias regiões, tiveram direito a um fandango e um vira, uma chula e mais danças minhotas do grupo da Areosa, em pé de Viana do Castelo.

Começamos pelo fim. As peras em vinho, decoradas com a sua folhinha de hortelã estavam ótimas, tal como o presunto doce e a castanha doce, o teco-lameco e o doce de abóbora, onde a canela se fazia notar bem, marcando-o do modo certo.

Antes ainda, a perdiz à moda da serra de S. Mamede, acompanhada com o pão frito e batata frita também. acepipe este que é de duvidosa nacionalidade. De certo os Cemps, o nome que se dava a si própria a gente que habitava a região de Portalegre no tempo dos lusitanos, caçava perdiz e talvez a fizesse assim — mas sem batatas fritas. De resto tudo estava bem apaladado.

Mais uma vez José Henriques esteve de parabéns no que tocou à escolha do prato.

A começar veio a sopa de pe-



dra, bem fornida de enchidos, feijão e batata certos, toucinho menos. Faltava-lhe algum brilho, que se encontram ou encontraram noutras sopas de pedra, nomeadamente numa casa do Entroncamento e nalgumas ainda de Lisboa.

Dos vinhos, a sopa levou Borba branco do ano e a carne Periquita de 84. Não se entende o porquê da insistência em vinhos alentejanos.

O Borba branco poderia substituir-se com vantagem por um vinho mais ribeiro (como dizem os nossos irmãos galegos). Claro que ao pé dos «rieslings», vinhos da Renânia, o Borba pertence aos néctares divinos. Claro que para bebedores de cerveja — como o são os alemães — o Borba pode aparecer como invenção suprema da civilização. Mas



reconheçamos que Portugal tem brancos de qualidade muito superior.

Quanto ao tinto, o Periquita 84, há melhores anos de Periquita ou, então, o Periquita já foi melhor... Esperemos que não seja este o caso.

A aguardente amarela de Almeirim, um pouco doce, é certo, bebia-se bem. Mas, e gostos são gostos, um bom bagaço de verde ou um medronho (ou madronho, como se diz na serra) algarvio faria as delícias. Talvez os alemães já conheçam o medronho e então poder-se-ia optar por um maracujá do Ezequiel ou uma aguardente de cana madeirense para digerir (que o festival é, ou devia ser, nacional). Para já não falar em algumas invenções do Baixo Alentejo e do Algarve que resta.

Mas essas, devem ficar, de facto, guardadas só para quem aprecia, para quem enteatece com o sabor das ervas a ponto de ver druidas de foice de ouro e cajado na mão a cortarem visco dos quercos e a apanharem ervas para poções mágicas — como aquelas aguardentes.

Só dois apontamentos mais: Em primeiro lugar, a Região de Turismo da serra de S. Mamede teve a ideia de oferecer um

tarro, com doces a todos os almoçantes. Foi simpático, apesar de o aglomerado de cortiça não chegar aos calcanhares dos velhos tarros de tronco, presos com rebites de madeira e de asa daquele vime grosso (salvo erro) de que se faziam também os cabazes de peixe de todo o Sul. Já ontem a Comissão Regional de Turismo de S. Mamede oferecera uma taleiga (como diz o dicionário) ou talêga, como se diz de facto por todo o Alentejo, tarro e talêga tinham ambas a mesma função e eminentemente comial — levar os farnéis para o campo. Só faltou uma cantarinha das decoradas em Nisa com pedrinhas, como já se fazia há quatro mil anos.

Em segundo lugar, a Direcção-Geral de Turismo e apenas ela teve o lapso de só explicar aos portugueses que Suppe era Sopa de pedra. Do resto da ementa, para quem não lesse a língua de Marx, percebia-se que havia qualquer coisa da serra de Portalegre (que se escreve da mesma maneira nas duas línguas) e que teríamos outras coisas portuguesas — já que qualquer pessoa era suficientemente perspicaz para desvendar o significado de «Portuguesische». E, obviamente, weine, era vinho. Mas haveria refeição portuguesa sem vinho?



A RECEITA DO DIA

Patrocínio **GALP** gás
uma chama mais viva

Perdizes à moda de Lisboa

Ingredientes (para 6 a 8 pessoas): 4 perdizes novas; sal; seis grãos de pimenta; dez colheres das de sopa, de azeite fino; quatro colheres, das de sopa, de vinagre branco; 24 cebolas pequenas; dois dentes de alho; uma colher, das de sopa, de molho de tomate; um ramo de salsa; um decilitro e meio de molho de carne assada; três decilitros de vinho branco seco; farinha de trigo torrada; quatro fatias de pão.

Confecção: Limpas as perdizes, atam-se e põem-se num tacho de barro ou caçarola de ferro ou cobre estanhado com tampa que vede bem. Tempera-se de sal e juntam-se os grãos de pimenta, o azeite fino, o vinagre e o vinho branco. Tapa-se e deixa-se cozer por duas horas, juntando-se então as cebolas pequenas, os dentes de alho, a polpa de tomate, o ramo de salsa cortado grosseiramente, fervendo por mais uma ou duas horas, conforma a dureza das perdizes. Um quarto de hora antes de se tirarem do lume, deixando continuar a ferver, acrescenta-se o decilitro e meio de molho de carne assada, engrossando-se o molho, se for necessário, com a farinha. Serve-se numa travessa em que se puseram algumas fatias de pão, que pode ser frito para quem preferir.

GALP gás
uma chama mais viva

Hoje!



DIAS DA URSS EM PORTUGAL/87
COM A PARTICIPAÇÃO DA R.S.S. DO AZERBAIDJÃO

CONJUNTO ESTATAL DE DANÇAS DO AZERBAIDJÃO

PAVILHÃO CARLOS LOPES

Parque Eduardo VII

7 Novembro • 21 Horas

Sessão solene comemorativa dos 70 anos da Revolução de Outubro



ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS

BILHETES A VENDA NA SEDE NACIONAL
(R. S. Caetano, 30) e nos Conselhos Locais.



- FÉRIAS NA NEVE
- MADEIRA
- LONDRES
- EXTREMO ORIENTE
- AUTOFÉRIAS
- VIAGENS DE NEGÓCIOS
- FEIRAS
- CONGRESSOS

CONSULTE A:



mundial turismo

AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 90-A
1097 LISBOA — Telef.: 52 89 61 / 55 37 04

COFRE DE PREVIDÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS E AGENTES DO ESTADO

(ANTIGO COFRE DE PREVIDÊNCIA DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS)

ASSEMBLEIA GERAL (Sessão Ordinária)

Nos termos do Art.º 86.º dos Estatutos, vai reunir pelas 21 horas do dia 10 de Dezembro p.f., no Hotel Mundial (Salão Azul), sito na Rua D. Duarte, n.º 4, em Lisboa, a Assembleia Geral, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 — **Apreciação e votação do orçamento da receita e despesa para o ano económico de 1988;**
- 2 — **Pedido de autorização para a alienação do r/c Dt.º do prédio n.º 789, da estrada de Benfica, em Lisboa;**
- 3 — **Recursos de deliberações da direcção;**
- 4 — **Informações.**

Lisboa, 3 de Novembro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Dr. Carlos Alberto de Andrade Neves

TÊNIS: NUNO MARQUES NAS MEIAS-FINAIS

Eis-nos chegados, finalmente, à última prova do Circuito Satélite TAP, o Masters Tabaqueira, que é, simultaneamente, a última competição internacional do calendário nacional de 1987.

A última semana de um circuito satélite é sempre especial e diferente das outras. Ao reunir o melhor lote de jogadores (neste caso 24), escolhidos entre os demais pela valia demonstrada nos torneios antecedentes (graças a uma classificação pontual intrínseca ao circuito que não é influenciada pela classificação das tabelas ATP), o Masters perde e ganha atributos que o singu-

larizam das outras provas. Assim, não encontramos na Quinta Magnólia do Funchal aquele festival de ténis proveniente de dezenas de jogadores que tentam, desesperadamente — através do torneio de qualificação — um lugar no quadro final de 32 eleitos que disputarão a prova principal, afinal, o único modo de ameaharem alguns pontos ATP e de honrarem os compromissos publicitários que os sustentam. Com efeito, o ténis não é só aquele desporto de vedetas milionárias de que tanto falam os jornais e a Televisão. E neste tipo de satélites que muitas vezes

assistimos a atletas que, para pagarem o alojamento e os transportes (as organizações só custeiam aos integrantes dos quadros principais), são «obrigados» a uma alimentação precária, nada condizente com as exigências da alta competição. Daí a importância destes circuitos para os países que, como Portugal, agora despontam para a modalidade, de molde a acabar com certos mitos e preconceitos que persistem em rodeá-la.

Contudo, o facto de o Masters não possuir a competitividade dos outros torneios, uma vez que não se disputam «qualifyings»,

não diminui os seus atractivos. Antes pelo contrário, aumenta a sua espectacularidade para a qual contribuem vários factores: a restrição da quantidade de jogadores fazendo sobressair a qualidade, o maior prestígio do torneio que, desse modo, doa mais pontos e prémios monetários aos participantes e, por último, o facto de ser a prova decisiva no que toca à atribuição do título do Circuito.

Finalmente os atletas nossos compatriotas deram um ar da sua graça ao atingirem, com todo o

mérito, este torneio de «estrelas». Nuno Marques, devido à excelente prestação no Reader's Digest, onde atingiu os quartos de final, e Cunha e Silva, graças a um sorteio que apurou três jogadores dos quatro candidatos.

Todavia, não ficaram por aqui e, neste momento, Marques é já quarto finalista, mercê dos triunfos sobre o sueco Magnus Bile e o sul-africano De Wet (desforçando-se da humilhação imposta por este no Vista Alegre, que o derrotara por 6/1 e 6/2). Cunha e Silva também brilhou e afastou na primeira eliminatória o inglês

Nick Fulwood, sendo eliminado pelo espanhol José Bardou.

Entretanto, Nuno Marques vai defrontar esta tarde o espanhol Jorge Bardou nas meias-finais de singulares do «masters» do circuito, e a final de pare, vai por frente a frente a dupla Jensen-Langaskens, que eliminou (nas meias-finais) a dupla norte-americana Shanw Taylor/Bo Johnson, por 3-6, 7-5 e 6-4, e o vencedor do encontro entre Lodder/Bruin e a dupla constituída pelo alemão-feral Palme e o argentino Mirad.

Assunção Ribeiro

Hoje

Atletismo

Maratona de Portugal: organizada pela Xistarca realiza-se a partir das 9 horas a Maratona de Portugal, com partida e chegada à Praça dos Jerónimos.

Andebol

Passos Manuel-ABC de Braga (Pavilhão da Ajuda) e Benfica-FC Porto são os encontros de hoje a contar para o campeonato nacional. Ambos terão início às 17 horas.

Basquetebol

Eis o programa para hoje: Estrelas da Avenida/Mita-Beira Mar/Cunha Queiroz, às 17 horas, no Pavilhão da Luz, em Lisboa; Queluz-Heller Factoring-FC Porto/Pioneer, às 17 e 30, no Pavilhão de Queluz, em Queluz; Sangalhos/Lepe-Belenenses, às 18 e 30 no Pavilhão do Sangalhos, em Sangalhos; Esgueira/Telavario Comercial-Benfica/Helix, às 18 no Pavilhão do Esgueira, em Esgueira; Imortal/Montechoro-Illiabum/Teka, às 17 e 30, no Pavilhão do Imortal, em Albufeira; Sporting-Ovarense/BIL, às 17 e 30, no Pavilhão de Alvalade, em Lisboa.

Ténis de mesa

Para as diversas competições internacionais teremos hoje a realização dos seguintes confrontos: **Taça dos Campeões** (masc.): Sp. de Espinho-VC Strassen do Luxemburgo, no Pav. Joaquim Moreira da Costa, às 17 horas. **Taça dos Campeões** (fem.): Racing de Paris-Boavista às 19.30 horas em Paris. **Taça das Taças** (masc.): Salesianos Attocha-FC Porto, às 17 horas, em Madrid. **Taça CEV** (masc.): Leixões-Dachau da RFA, no Pav. Siza Vieira. **Taça CEV** (fem.): Sporting-BTV de Lucerna, às 19.30 em Alvalade.

Hóquei em patins

O Nacional da I Divisão prossegue, esta noite, com a realização da terceira jornada, a qual integra os seguintes jogos: Paço de Arcos - Futebol Clube do Porto; Parede - Sporting; Benfica - Ferpinta; Truquel - Sanjoanense; Barcelos - Juventude de Viana; Oliveirense - Salesiana; e Sporting de Tomar - Cucujães, todos às 21 horas, nos pavilhões dos clubes indicados em primeiro lugar.

Râguebi

Horário da jornada: às 14 horas, dois jogos — Direito - Belenenses, no EUL e Cascais - Livre, no pelado Guilherme Salgado; às 15 horas, Lousã - CDUP, no relvado da Santa Rita.

Amanhã

Andebol

Belenenses - Académica de Braga, às 17 horas, no Restelo.

Basquetebol

Estrelas da Avenida/Mita - Futebol Clube do Porto/Pioneer, às 17 horas e 30, no Pavilhão da Luz, em Lisboa; Queluz/Heller Factoring - Beira-Mar/Cunha Queiroz, às 17 e 30, no Pavilhão de Queluz, em Queluz; Sangalhos/Lepe - Benfica/Helix, às 17 e 30, no Pavilhão de Sangalhos, em Sangalhos; Esgueira/Telavario Comercial - Belenenses, às 17 e 30, no Pavilhão do Esgueira, em Esgueira; Imortal/Montechoro - Ovarense/BIL, às 17 e 30, no Pavilhão do Imortal, em Albufeira; Sporting - Illiabum/Teka, às 21 e 30, no Pavilhão de Alvalade, em Lisboa.

E P

	T. 6 h	Min.	Max.	Av. 13 h.
Bragança	11	11	0,0	Fneob.
V. Castelo	12	12	0,0	Nebhina
Vila Real	12	12	0,0	Fneob.
Porto	12	12	0,0	M. nub.
Coimbra	14	14	0,0	Chuva
C. Carvoeiro	15	15	0,0	Fneob.
C. Branco	12	12	0,0	Chuva
Portalegre	12	12	0,0	Chuva
Lisboa	15	14	0,0	Nebhina
Évora	13	13	0,0	Chuva
Beja	14	14	0,0	Nevocuro
Faro	16	16	0,0	M. nub.
Sagres	18	19	0,0	Fneob.
P. Delgada	11	11	0,0	Fneob.
Funchal	17	16	0,0	Lampo

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 17, Porto 17, Faro 19, Ponta Delgada 20, Funchal 23.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N E

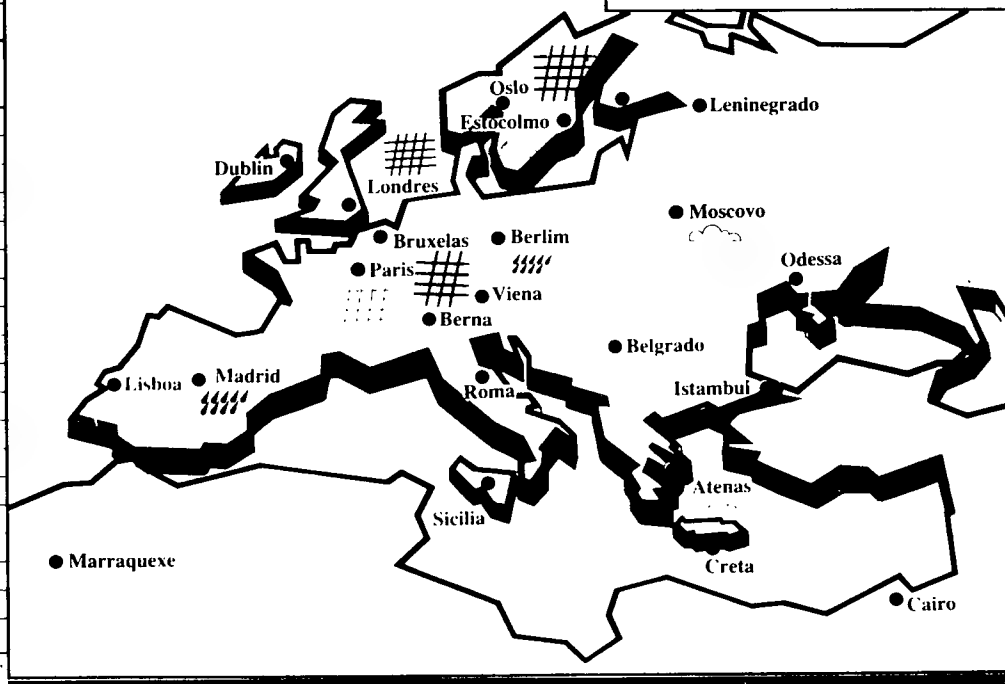
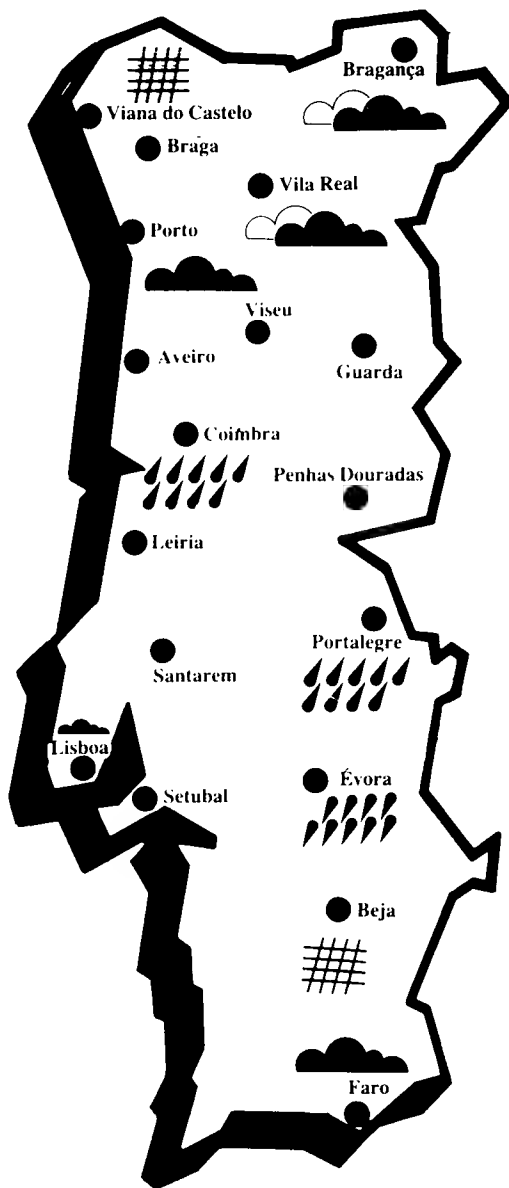
	1.7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	12	12	Chuva
Londres	6	6	Nebhina
Paris	3	3	Nebhina
Bruxelas	2	2	Nevocero
Amesterdao. ...	7	7	Bruina
Genebra	4	2	Nebhina
Roma	6	5	Nebhina
Oslo	-4	-4	Nevocero
Copenhaga	7	6	Muito nub.
Estocolmo	-1	-1	Pouco nub.
Berlim	8	8	Chuvisco
Viena	2	2	Nebhina
Varsovia	-	-	—
Atenas	9	7	Pouco nub.
Moscovo	-	-	—

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N M

	Min.	Max.	Av. 13 h.
Caracas	22	28	Nublado
Joanesburgo	19	27	Limpo
Los Angeles	13	17	Limpo
Montreal	-5	14	-
Nova Deli	14	30	Limpo
Nova Jorque	16	19	Limpo
R. de Janeiro	-	-	-
S. Francisco	12	19	Nublado
São Paulo	-	-	-
Tóquio	11	16	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu geralmente muito nublado. Vento soprando moderado de sueste nas regiões do Sul. Períodos de chuva. Nevoeiros nas regiões Norte.

Estado do mar:

Costa Ocidental — Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Costa Sul — Mar cavado. Ondulação sueste de 2 a 3 metros no Sotavento e 2 metros no Barlavento.

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado diminuindo de nebulosidade para a tarde. Vento fraco. Períodos de chuva nas regiões do Norte.

DEPOIS

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de noroeste, soprando com rajadas. Aguaceiros nas regiões do Norte. Pequenas descidas da temperatura.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Períodos de chuva fraca no grupo Ocidental.

Estado do Mar: Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste moderado, soprando com rajadas. Aguaceiros fracos.

MARÉS

Hoje

	Praia-Mar	Baixa-Mar
	3.41 4,1 m	9.19 1,0 m
	16.02 4,0 m	21.30 1,1 m

Amanhã

	4.18 4,1 m	9.55 1,2 m
	16.40 4,0 m	22.30 1,3 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

AS CONFISSÕES DO SELECIONADOR JUCA

● **Silvino: "seria injusto excluir Jesus ou Lúcio"**

● **Gomes: "jogador que não jogue no seu clube não pode actuar na selecção"**

● **Sporting: "nenhum, neste momento, merece a chamada"**

Júlio Cernadas Pereira («Juca»), considerou o encontro de quarta-feira com a Suíça «decisivo para a qualificação portuguesa para a fase final do Europeu».

«Os contratemplos até agora surgidos, lesões de Jaime Magalhães e de Rui Barros, vão servir de acicate para derrotarmos a rejuvenescida equipa suíça», acrescentou.

Juca falava durante a concentração dos convocados das selecções «A» e de «Esperanças», da qual apenas Futre esteve ausente.

Quanto às discutíveis dispensas, do guarda-redes benfiquista Silvino, da ausência de jogadores sportinguistas e ainda da exclusão de Gomes, marcador do gol contra a Suécia, Juca afirmou ter obedecido a um critério «coerente».

«Silvino é um excelente guarda-redes e encontra-se em boa forma, mas não seria justo excluir quer Jesus, quer Lúcio, que tão bem têm jogado nos seus clubes e na selecção», disse Juca.

Quanto à ausência de jogadores leoninos dos trabalhos das selecções Juca lembrou que os dois elementos que recentemente jogaram com a Suécia, Venâncio e Oceano, se encontram lesionados, acrescentando que «Nenhum outro, neste momento» — segundo o seu critério — «merecia a chamada».

Relativamente a Gomes, Juca

salientou «não ser um caso virgem na selecção», adiantando: «Não há caso nenhum entre mim e o Gomes e não me metam nessas confusões, pois entre nós houve chá o maior respeito». «Agora» — frisou Juca — «Tenho que ser coerente comigo próprio, ou seja, jogador que não jogue pela sua equipa não o pode fazer ao serviço da selecção nacional».

Frasco rende Magalhães

Jaime Magalhães, foi dispensado dos trabalhos da selecção portuguesa de futebol, devido a uma ruptura nos adutores da perna esquerda, contraída no jogo disputado contra o Sporting e agravada no encontro com o Real Madrid, sendo substituído pelo seu companheiro Frasco, que a partir de ontem faz parte do lote dos convocados para o encontro com os suíços.

FC Porto refuta acusações

O FC Porto desmentiu a agressão ao repórter-fotográfico espanhol do jornal «As», Javier Galvez, durante o encontro com o Real Madrid, da segunda mão da Taça dos Campeões Europeus disputado quarta-feira nas Antas.

A reacção portista surge na sequência de um comunicado da Associação Nacional de Infor-

madores gráficos de Espanha (ANIGP) que solicitou à UEFA a abertura de um processo disciplinar ao dirigente Teles Roxo, delegado do Estádio das Antas, acusado de agredir o fotógrafo espanhol.

Segundo o dirigente do FC Porto, Alvaro Braga Júnior, trata-se de «uma medíocre enenação na tentativa de minimizar a prisão de quatro adeptos espanhóis por largarem foguetes no Estádio das Antas».

Amanhã há futebol

Com as divisões 1 e 2 paradas para permitir a preparação das selecções, têm lugar todos os encontros do calendário da 3.ª divisão, realizando-se os seguintes confrontos da 2.ª divisão: Famalicão-Moreirense (com José Guedes a arbitrar e referente à 8.ª ronda), Oliveira do Bairro-Mirense (Fernando Alberto a di-

rigir e jogo da 9.ª jornada) e para acerto de calendário efectuem-se as partidas Amora-União (Pinto Correia) e Barreirense-Nacional (Vitor Correia).

Taça UEFA: programa completo dos oitavos de final

Conforme anunciámos na nossa edição de ontem, o Vitória de Guimarães recebe no dia 25 o TJ Vitkovice e os demais encontros desta 3.ª eliminatória da Taça UEFA são os seguintes: Honved-Panathinaikos, Feyenoord-Bayer Leverkusen, Barcelona-Flamurtari Vlora, Inter-Espanhol, Werder Bremen-Dinamo Tbilisi, Verona-Sportul Studentesc e Borussia Dortmund-Clube Brugge.

A primeira «mão» realizar-se-á no dia 25 do corrente e a segunda a 9 de Dezembro.

Benfica com baixa cotação na bolsa de valores da TCE

O Real Madrid é o favorito para a conquista da Taça dos Campeões Europeus de futebol, com o Benfica muito pouco cotado nas apostas inglesas.

Nesta «Bolsa de valores», o Real, que já foi seis vezes campeão europeu, a última das quais há 22 anos, surge nas apostas com 9-4, depois de ter eliminado o titular FC Porto.

Segundo a agência de apostas britânicas «Ladbroke», o Benfica está cotado em modestos 14-1.

Depois do Real, figura o Bayern de Munique, finalista derrotado pelo FC Porto, e o Glasgow Rangers, com 9-2, e o Borussia Dortmund com 12-1.

Ciclismo em congresso

A Federação Portuguesa de Ciclismo realiza hoje o seu primeiro congresso nacional, na sala anfiteatro do Centro de Estágio da Cruz Quebrada, em Lisboa.

O Congresso, a decorrer entre as 9 e as 12 horas, terá como tema: **ciclismo profissional em Portugal: que perspectivas?** (usando da palavra seis oradores que abrangem uma vasta área, desde o jornalismo aos patrocinadores).

Depois de cada intervenção, a que assistem representantes das associações, juizes e cronometristas, técnicos, treinadores,

segue-se um breve debate.

No período da tarde realiza-se no mesmo local a assembleia geral ordinária da Federação, com quatro pontos em agenda: expediente, alteração do n.º 4 do art. 27 dos estatutos, apreciação e discussão de algumas alterações ao regulamento geral e técnico de corridas e apreciação, discussão e votação do orçamento da Federação para 1988.

Corre-se amanhã Maratona de Portugal

No aprazível Pátio Alfacinha — onde Vitor Seiço e José Eduardo lideram uma fabulosa equipa da indústria hoteleira e em cujas instalações a simpatia, eficiência e a qualidade gastronómica agrada ao mais exigente

— realizou-se, ontem, uma conferência de imprensa promovida

pela Xistarca (onde o dr. Marcel de Almeida conta com a inquestionável competência de António Campos e de Ilídio Trindade)

para apresentação da II edição da Maratona de Portugal. Entre outros estiveram presentes Rosa Mota, José Pedrosa, Marco Chagas, Luís Horta, Rita Borralho,

António Faria (antigo recordista ibérico dos 100 e 200 metros), João Campos, Cidália Caetano, Armando Aldegalega (que amanhã completa 50 anos e corre a maratona pela 50.ª vez).

A importante prova que será participada por cerca de 400 atletas será dada pelas 9 horas na Praça dos Jerónimos dando duas voltas ao percurso entre a Praça do Comércio e o Dafundo com «escala» pelo Cais do Sodré, Belém e Algés. Às 9.30 será dada a partida para uma meia-maratona com partida da Praça do Comércio e chegada aos Jerónimos.

Entre os participantes destacam-se as presenças de Cidália Caetano, Elars Erik Nilsson, Rob Castello e Franco Borrelli. Cipriano Lucas e Joaquim Silva são dois estreantes dos quais se espera um comportamento relevante.

Quanto a prémios, o 1.º classificado receberá 200 contos, 2.º, 150, 3.º, 100, 4.º, 75, 5.º, 60, 6.º, 45, 7.º, 35, 8.º, 25, 9.º, 15 e 10.º 10.

Recorde-se que a I edição teve Cidália Caetano por vencedor com o tempo de 2.16.49 seguindo-se Tavares da Silva (2.19.42) e Francisco Gravito (2.19.46). Graciete Lousada venceu a competição feminina.

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

Instituição de Utilidade Pública
Membro Honorário da Ordem do Infante D. Henrique

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea b) do Art.º 31.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral de Língua Portuguesa a reunir-se em primeira convocação, na sede social, Rua de São José, n.º 41-2.º, em Lisboa, no dia 29 de Dezembro, terça-feira, às 18 horas, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS

1. — Eleger os Corpos Sociais para o Biénio 1988-1989; e
2. — Discutir e deliberar sobre o orçamento para 1988.

Não estando presente à hora marcada número legal de sócios, a Assembleia reunir-se-á trinta minutos depois, em segunda convocação, com qualquer número de sócios

Lisboa, 30 de Setembro de 1987
O Presidente da Assembleia Geral
(Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca)



INATEL
TURISMO SOCIAL

INFORMAÇÃO AOS ASSOCIADOS

Informam-se os interessados que existem vagas para a seguinte excursão:

De 19 a 22 de Novembro
FIM DE SEMANA EM MADRID 8.650\$00
(De 5.ª-feira a domingo)

INFORMAÇÕES E RESERVAS:

LISBOA: Calçada de Santana, 188
Tel. 53 88 71

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio. Execução Sumária n.º 2978 1.ª Secção Exequentes — Banco Português do Atlântico, EP. Executado — Estabelecimentos Grandella, SARL., com sede na Rua Áurea, 205, em LISBOA.

Lisboa, 6 de Outubro de 1987.

O Juiz de Direito,
Joaquim Manuel Cabral e Pereira da Silva

Pel' O Escrivão de Direito,
Ilda Maria Paiva Inácio Augusto Fernandes

«DL» 7/11/87 — 2.ª Pub.

5.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc. 9572 Acção Ordinária 3.ª Secção
(Reivindicação de propriedade)

Autor — Leonel Candeias Robalo.

Réus — Adérito Paixão Leitão e Outra, ausente em parte incerta e c/última residência conhecida sita na Rua de Cabo Verde, Lote 36 — 1.º Dt.º Olival de Basto-Odivelas.

Por este Tribunal correm éditos de Trinta dias contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o Réu Adérito Paixão Leitão, para no prazo de VINTE DIAS findo o prazo dos éditos, desocupar a casa constante dos Autos e a indemnizar o condomínio em importância nunca inferior a Esc = 426 120\$00 tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial que nesta Secretaria se encontra à disposição do mesmo.

Lisboa, 8/11/87

O Juiz de Direito,
(Assin. ilegível)

O Escrivão Adjunto,
(Assin. ilegível)

«DL» 7/11/87 — 2.ª Pub.

LISBOA: AÍ ESTÃO OS "JOGOS DA CIDADE"

Os segundos Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, que hoje se iniciam na freguesia da Penha de França, (Praça Paiva Couceiro) foram apresentados pelo vereador do Pelouro Desportivo do Município, Victor Gonçalves.

Os jogos, que terminam no dia 13 de Junho de 1988, no Terreiro do Paço, terão a participação de 7000 jovens de 800 equipas de 51 freguesias da capital, faltando apenas duas freguesias (da baixa de Lisboa) inscrever atletas.

«Metemos ombros a esta obra porque a nossa juventude não tem acesso ao desporto», disse Victor Gonçalves, acrescentando: «fazemos os jogos, porque ninguém os fez e a juventude exige».

«É missão das autarquias, seja qual for a sua ideologia, dar solução aos problemas», disse ainda o vereador durante a

apresentação dos jogos, a que assistiram representantes de todas as juntas de freguesia e dos patrocinadores.

«Gostariamos que este tipo de jogos se estendesse a todo o País, através das respectivas autarquias, para bem da nossa juventude», sublinhou o vereador, frisando que «os jogos desportivos da cidade de Lisboa não foram feitos contra ninguém, mas visando apenas os nossos jovens».

Victor Gonçalves fez também o anúncio dos primeiros jogos das cidades de língua oficial portuguesa, a disputar em Lisboa, em 1988, e que terão a participação de mais de mil atletas de Portugal, Brasil e dos países africanos de língua portuguesa.

As modalidades a praticar nos jogos, para jovens entre os 9 e 16 anos, são o andebol, atletismo, basquetebol, futebol de salão,

natação e tenis de mesa.

O orçamento dos jogos é de cerca de 5000 contos, mas a quase totalidade das despesas é assegurada pelos patrocinios, disse o vereador do desporto do Município de Lisboa.

Victor Gonçalves anunciou também a iniciativa «descoberta de Lisboa pelos alfacinhas», destinada a idosos e jovens em idade escolar, que entre as 10 e 16 horas vão passar a dispor de transportes e visitas aos principais locais da capital.

As citações acima referidas e proferidas pelo responsável pelo Pelouro de Desporto da autarquia da capital têm (na nossa opinião) um destinatário. Na verdade, encontra-se na brochura ontem distribuída e que sintetiza a his-

tória dos I Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa uma «mensagem» da autoria do director-geral dos Desportos (professor Arcelino Mirandela da Costa) de significado considerado, por alguns, como indecifrável. Escreve aquele alto dirigente do desporto português no início da sua mensagem: «A minha grande admiração pelo trabalho que as Câmaras Municipais desenvolvem resulta do facto de elas terem que atender às necessidades das populações, em vários domínios, e em áreas não sensíveis ao grande público, como é o caso do saneamento básico, os arruamentos, os equipamentos desportivos, etc».

Uma tese que contraria o entendimento generalizado, sobretudo porque todos sabemos que o Estado nada faz a favor da educação física dos nossos jovens.



Vitor Gonçalves: «Os Jogos da Cidade de Lisboa foram criados a pensar na juventude»

cabendo, então, às autarquias substituírem esse conflagrador hiato do qual a DGD não se pode isentar. Que dirão os autarcas do

Seixal, Loures, Sintra, Sines, Braga, Barreiro, Moita, Abrantes, Coimbra, Vila Franca de Xira, Amadora e outras dezenas que de forma notável, persistente

e actuante têm vindo a realizar manifestações desportivas cuja organização deveria pertencer à DGD que, através do seu primeiro responsável, vem agora

«condenar».

E que dirão, sobre tal conceito do professor Mirandela da Costa, os nossos jovens?

Alves Henriques

PONTA ESQUERDA

Mirandela da Costa vai ao Maputo

O director-geral dos Desportos, Mirandela da Costa, inicia segunda-feira uma visita de três dias a Moçambique, foi anunciado em Maputo.

Mirandela da Costa, que viaja a convite do secretário de Estado moçambicano da Educação Física e Desportos, José Andrade, deverá assinar, em Maputo, um protocolo de apoio à formação de quadros técnicos e de dirigentes moçambicanos.

A visita de Mirandela da Costa a Maputo visa ainda a assinatura de acordos de cooperação ao nível de federações e de clubes dos dois países, estágios de selecções nacionais e o apetrechamento do Centro de Medicina Desportiva de Moçambique.

Guiné-Bissau paga quotas à FIFA

A Guiné-Bissau regularizou na semana passada as quotizações junto da Federação Internacional de Futebol, pelo que os guineenses podem voltar a participar e organizar provas internacionais — informou a agência noticiosa guineense ANG.

A Guiné-Bissau tinha sido proibida pela FIFA de participar em qualquer competição internacional até regularizar as quotizações, mas a situação foi ultrapassada devido à intervenção da Secretaria de Estado da Cultura e Desportos guineense, que contactou o Banco Nacional no sentido de libertar a verba necessária para cumprir as obrigações com a FIFA.

FIFA adverte Iraque e Jugoslávia

A Federação Internacional de Futebol advertiu o Velez Mostar, da Jugoslávia, para o facto de não poder disputar os jogos programados no Iraque e ameaçou as respectivas federações de exclusão do Campeonato do Mundo de futebol.

O Velez Mostar seguiu para o Iraque, onde hoje e segunda-feira deveria jogar com clubes iraquianos, enquanto a regulamentação da FIFA proíbe a realização de jogos de futebol em países em estado de guerra.

Um porta-voz da FIFA referiu que o Velez Mostar viajou para o Iraque, país em guerra com o Irão, apesar das advertências, adiantando que, caso os jogos se realizem, as duas federações nacionais serão punidas, podendo ambos os países correr o risco de não participação nas eliminatórias do Campeonato do Mundo.

Recorde-se que as selecções do Iraque e do Irão disputaram todos os jogos de qualificação para o Mundial do México fora de casa.

Mansell não participará no "GP" da Austrália

Nigel Mansell não disputará a última prova da temporada de Fórmula Um, o Grande Prémio da Austrália, devido aos ferimentos que sofreu quando se despistou com o seu Williams nos treinos da prova nipónica disputada há uma semana.

Vida SOVIÉTICA



À VENDA

A SUA REVISTA MENSAL

ESCOLHEMOS PARA SI, EM NOVEMBRO:

1917-1987
70.º ANIVERSÁRIO
DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

- Reestruturar:
A Revolução Continua
- Ecos na Imprensa Portuguesa da Época

IAROSLAV

- A defesa do Património H.

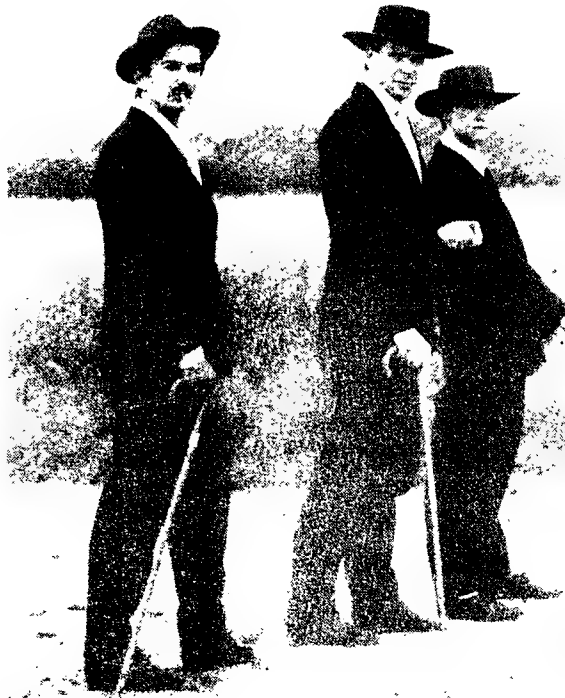
BIOCAMPO:

- Mito ou realidade?

Neste número
talão/oferta do Calendário



A CDL — Central Distribuidora Livreira
Av. Santos Dumond, 57-2.º — 1000 LISBOA
Decidi assinar a revista "VIDA SOVIÉTICA" • Preço de capa 70000
• 1 ano (12 n.ºs) — 300000 • 2 anos (24 n.ºs) — 450000
• 3 anos (36 n.ºs) — 600000 para o que envio, cheque ☐
Vale de Correio ☐ no valor de _____
NOME _____
MORADA _____
TEL. _____
COD. POSTAL _____



De um anónimo, na Colecção Tillmann & Vollmer



Fotografia de Daniel Brunemer



«Mother and Three Sons» de Diana Block

FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA MUNDIAL: OS MAIORES EM COIMBRA ATÉ DIA 15

Alguns dos principais nomes da Fotografia contemporânea mundial estão desde ontem e até ao dia 15 em Coimbra, no âmbito dos Oitavos Encontros de Fotografia, uma iniciativa que engloba mais de uma centena de exposições, conferências e seminários e é organizada pelo Centro de Estudos Fotográficos da Associação Académica de Coimbra.

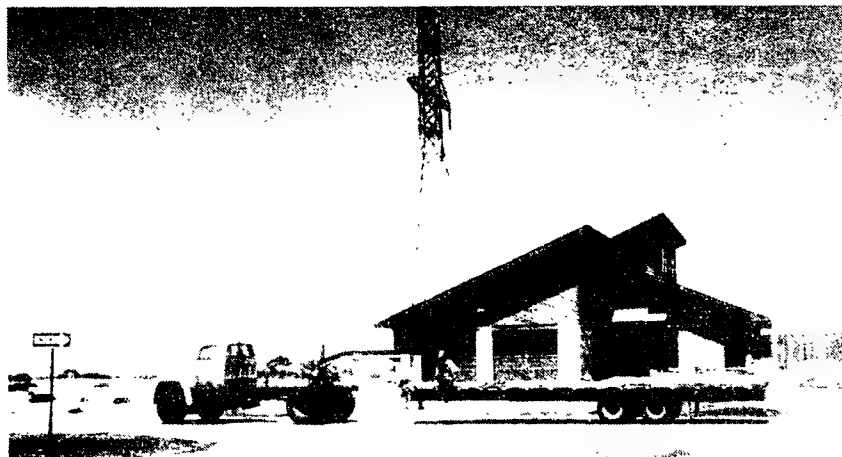
Estes oitavos encontros, segundo a organização, continuam a ser a mais importante manifestação no campo da Fotografia em Portugal, que salienta como factor importante do cartame, a descentralização dos espaços físicos onde estão patentes as exposições.

O Museu Nacional Machado de Castro, o Hotel Avenida, o Jardim Botânico, o Museu Antropológico, o Museu de Zoologia, o Teatro Académico de Gil Vicente, o Palácio de Sub-Ripas e o

Museu de Conimbriga são alguns dos locais que vão receber as exposições da oitava edição dos encontros.

Nestes encontros de Fotografia de Coimbra vão estar presentes obras do mexicano Manuel Alvarez Bravo, Joan Fontcuberta, Duane Michals, Diana Block, Wim Wenders, Rudolf Scaffer, entre outros.

Destaque ainda para a mostra do realizador de Cinema Wim Wenders, que versará essencialmente os locais em que foi rodado o filme «Pa-



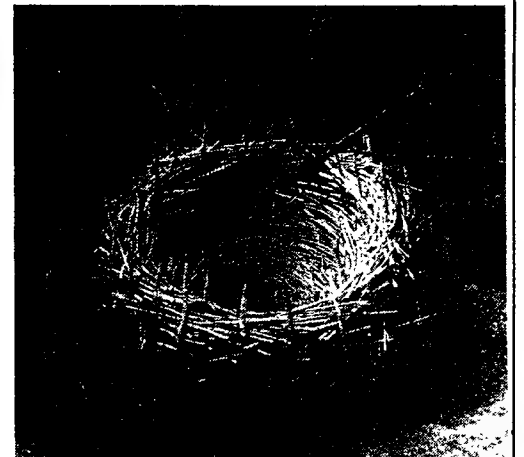
Original de Wim Wenders (do filme Paris-Texas)

ris-Texas». A obra de Wim Wenders vai ser também objecto de um ciclo de Cinema e de reflexões críticas.

No que respeita a fotografias portuguesas, vão estar presentes Ernesto de Sousa, Manuel Miranda e Sena da Silva. Também quatro gale-

rias, de Lisboa, Tarragona, Bruxelas e Vigo, vão exibir parte das respectivas colecções.

As conferências previstas vão contar com a presença dos autores, com destaque para Manuel Alvarez Bravo, Nils Udo e Joan Fontcuberta.



Trabalho de Nils Udo

A fotografia no final dos anos 80, a imagem do fotógrafo, a Fotografia e as Artes Plásticas, são alguns dos temas em discussão. A exposição da obra do mexicano Manuel Alvarez Bravo é patrocinada pela Presidência da República Portuguesa.

A organização salienta ainda a presença, em Coimbra, do director da escola Francesa de Fotografia, Alain Desvergne, que participa num seminário subordinado ao tema «A Fotografia e os seus públicos», a decorrer de hoje a domingo.

TEATRO LAURA ALVES AGORA

Rua da Palma, 251 (ao Martim Moniz)
Telefs.: 86 39 77 — 86 47 56

IO APOLLONI APRESENTA

**"SOCORRO...
SOU UMA MULHER DE SUCESSO.."**

SUB. MONTAGEM: S.E.C. E GULBENKIAN COMÉDIA MUSICAL EM DOIS ACTOS 50% DESCONTO ESTUDANTES
VERSÃO LIVRE DE CARLOS PAULO - IO APOLLONI

DE 5.ª A SÁBADO ÀS 21.30 h
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 h

CEMÁRIO: JORGE ROCHA FIGURINHO: JOSE CARLOS ENCENAÇÃO: IO APOLLONI CANÇÃO: FÚNDI GOMES DOB SANTOS ARRANJOS MUSICAIS: LUIS FILIPE

ELAN

SETE • RÁDIO COMERCIAL • DIÁRIO DE LISBOA • DIÁRIO • ANTENA 1

IO APOLLONI

«Uma actriz completa» — Carlos Porto — «Diário de Lisboa»
«Esta fúria de viver de Io Apolloni transmite-se aos espectadores» — Carlos Madeira — «O Jornal»
«Uma intérprete excepcional» — Eduardo Moura — «O Tempo»
«Actriz notável» — «Correio da Manhã»
«Plena de força e de talento» — Fernando Mátos — «Revista Mulheres»

Pianista britânico na Gulbenkian

O pianista britânico Howard Shelley apresenta-se num importante concerto, no dia 9 do corrente, às 18 e 30, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, interpretando obras de Clementi (Sonata em fá sustenido menor); de Debussy (Images (Livros I e II)); e de Mussorgsky (Quadros de uma Exposição).

Shelley estreou-se no Wigmore Hall em 1971 e nos concertos Promenade nessa mesma temporada, vindo a consolidar a sua posição como um dos mais reconhecidos pianistas britânicos.



actuando regularmente em todas as temporadas nos principais auditórios de Londres e realizando importantes digressões ao estrangeiro.

Apresentou-se como solista sob a direcção de grandes maestros e é um reconhecido intérprete de obras contemporâneas e de compositores como Pierre Boulez, que escreveu, como outros compositores em concertos especialmente para ele, obras que gravou depois para a rádio. Actua todas as épocas com as principais orquestras britânicas e

o seu êxito tem-se consolidado pelos cinco continentes, tendo participado igualmente em grandes festivais ingleses e no concerto inaugural do Festival Chopin da Checoslováquia. Visitou a Alemanha e a Polónia, actuando com a Orquestra Filarmónica de Varsóvia e deu concertos na Holanda, Finlândia, Canadá e Hong-Kong. Gravou já os concertos integrais de Mozart para piano com a City of London Sinfonia, como gravou também a obra para piano de Rachmaninov.

DANÇA CONTEMPORÂNEA NO ACARTE

Até ao dia 22 do corrente, decorre na Gulbenkian, por iniciativa do Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte, o ciclo «Aspectos da Dança Contemporânea». Depois da apresentação das companhias «Necleodanza» (Argentina) e «Stephen Petronio Company» (EUA), caberá a vez ao duo japonês «Eiko and Koma», com espetáculos programados para os dias 11, 13 e 14 (21,30), dia 12 às 18,30 e dia 15 às 15, na sala polivalente do Centro de Arte Moderna.

Eiko (mulher) e Koma (homem) foram figuras criadas no Japão do pós guerra. A colaboração entre ambos traduz-se numa experiência e

torna-se numa parceria exclusiva:

os dois estrearam-se em Tóquio em 1972 e o seu interesse pela «Neue Tanz» trouxe-os à Europa e aos Estados Unidos. Educados no Japão, mas imbuídos de conceitos estéticos ocidentais, mercê dos seus estudos tornaram-se num conjunto único que incorpora a percepção oriental das mutações e aspectos físicos com o reconhecimento ocidental do acto criativo ocidental. As reacções que provocam entre o público - emocionais, primitivas, por vezes inesperadas - são diferentes de indivíduo para indivíduo, mas são susceptíveis de verdadeira admiração pelo carácter universal dos dois artistas.



Danças e Cantares do Azerbaijão

EXPOSIÇÕES

CLUBE CINQUENTA (R. S. Mamede ao Caldas): pintura e desenho de Maria Gabriel até 9 de Dezembro, de terça a sexta das 17 às 20, sábados das 15 às 20.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 29 de Novembro, pintura de João Alfaro e colagem de António Nelos. Exposição patente nos dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17,30, sábados e domingos das 15 às 18.

CENTRO CULTURAL DE ÉVORA: pintura de Coca até 23 de Novembro.

DITEC-ESPAÇO ARTE (Av. da Igreja, 46-A): até 23 de Novembro, aquarelas e óleos de Real Bordalo, de segunda a sexta das 14,30 às 19,30, sábados das 10 às 13 e das 15 às 19,30.

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): até 5 de Dezembro, desenhos de Vasco Folha, de segunda a sexta das 18 às 22 e aos sábados das 15 às 19.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: pintura de Eduardo Teixeira até 3 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 19, sábados das 15 às 19.

RECREIOS DESPORTIVOS DA AMADORA (ex-Cine Plaza): até dia 22, uma exposição de Arte da República Socialista Soviética de Azerbaidjão, integrada nas comemorações do 70º aniversário da revolução Socialista de Outubro de 1917, por iniciativa da Câmara Municipal da Amadora e da Associação Portugal-USSR. Trabalhos de pintura, tapeçaria, artesanato em cobre, gravura e fotografia. Paralelamente, decorrerá entre os dias 7 e 21, um ciclo de Cinema.

GALERIA DA CERVEJARIA TRINDADE: até 27 de Novembro, Pintura de José Manuel Soares «Motivos do Alentejo», diariamente das 15 às 23.

GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 28 de Novembro, pintura de Álvaro Perdigão, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

MERIDIEN LISBOA (foyer): exposição de quadros «Fantasia Floral Portuguesa» de Gisela Giménez, até 15 de

Novembro, das 9 às 23.

PÁTEO ALFACINHA: Pintura de Margarida Marques até 17 de Novembro, patente todos os dias das 15 às 22 horas.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: Pintura de Eduardo Teixeira até 3 de Dezembro, dias úteis das 10 às 19, sábados das 15 às 19.

S. MARCOS (Galeria de Arte e Artesanato-Oleiros, Azeitão): exposição individual de Helena Felícia (óleos) e uma colectiva de pintura, cerâmica, tapeçaria, trapologia e escultura. Até 31 de Dezembro, diariamente das 10 às 22.

CENTRO CULTURAL DE BENAVENTE: até 15 de Novembro, por iniciativa da Câmara Municipal, a exposição «3 Mulheres no Centro Cultural», com tapeçarias, desenhos e óleos de Anabela Ferreira, Angelina Jordão e Fernanda Narciso.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): Patente até 18 de Novembro a 1ª Exposição Viragem de Pintura e Escultura, todos os dias das 15 às 19. Artistas representados: Aida S. Dias, Álvaro Carneiro, António Santiago, António Viana, Artur Bual, Costa Martins, Duarte Saraiva, Emília Nadal, Germano Santo, Jaime Silva, João Duarte, João Paulo, Lima de Carvalho, Ló, Man, Ormond Fannon, Óscar Guimarães, Paulo Ossião, Pedro Chorão, Rocha Pinto, Rogério Amaral, Sérgio Pinhão e Virgílio Domingues.

GALERIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO (Museu Nogueira da Silva-Braga): exposição de Pintura de Matilde Marçal até 19 de Novembro.

Catálogo com textos de Alçada Baptista e de Matos Chaves.

CASA DE PASTO DAS FLORES-S. Bento: até 15 de Novembro, exposição de pintura de Christine Hélène.

PALÁCIO DA CIDADELA (Cascais): Pintura e Desenho de Frederico George, organizada pela Câmara Municipal de Cascais e pelo Instituto Português do Património Cultural com o patrocínio da Gulbenkian.

MUSEU NACIONAL DE SINTRA: até 12 de Novembro, Pintura de Alice

Alves Diogo, de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 18, sábados, domingos e feriados das 14 às 18.

GALERIA GILDE (S. Torcato-Guimarães): Pintura de Lima de Freitas, subordinada ao título «Mitolusismos».

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (R. Tenente Valadim-Porto): exposição de Pintura de Abreu Pessegueiro intitulada «O Porto na Luz e na Água». Até 12 de Novembro, de segunda a sábado das 14,30 às 18,30.

CASA DA CULTURA DA AZAMBUJA: por iniciativa da Câmara Municipal, 2ª Exposição de Artes Plásticas até 15 de

Novembro, com trabalhos de Naves Espadinha e António Canau Espadinha.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): uma exposição de obras seleccionadas dos barristas brasileiros António Poteiro e Souza Netto. Até 10 de

Novembro, de segunda a sábado das 16 às 20.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 12 de Novembro, pintura de Alice Alves Diogo.

GALERIA NASONI E SALA ATLANTICA (R. Galeria de Paris, 68-80 e 67-81-Porto) inauguração dos novos espaços com duas exposições patentes até 18 de Novembro, de

segunda a sexta das 10 às 12,30 e das 15 às 19,30, sábados e domingos das 15 às 19,30: Pintura de Armando Alves na Galeria Nasoni e de Albuquerque Mendes na Sala Atlântica.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): «Desenhos Realistas: Oito Artistas da República Federal da Alemanha»

INSTITUTO ALEMÃO (Campo dos Mártires da Pátria, 37): «Desenhos Realistas: Oito Artistas Portugueses».

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 18 de Novembro, pintura de José Luís Tinoco no salão do 1º andar, de terça a domingo das 14 às 20.

GALERIA ESPIRAL (Centro Comercial das Palmeiras-Ociras): escultura de António Trindade até 25 de Novembro, de segunda a sexta das 14,30 às 22, sábados e domingos das 10 às 22.

LEO (Tv. da Queimada, 48): até 14 de Novembro, de terça a sábado das 14,30 às

19,30, uma exposição de escultura e desenho, respectivamente de Isabel Meyreles e Cruzeiro Seixas.

GULBENKIAN (exposições temporárias): exposição comemorativa do centenário do grande escultor português Delfim Maya.

ARTEFACTO 3 (Tv. Águia da Flor, 37): exposição de Joalharia «Tokyo/Osaka/Lisboa», em colaboração com o AR. CO - Centro de Arte e Comunicação Visual.

Patente até 27 de Novembro, nos dias úteis das 15 às 20.

ESCOLA SECUNDÁRIA PADRE ANTÓNIO VIEIRA (Alvalade): até finais de Novembro, uma exposição com trabalhos de Rui Moutinho.

POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): exposição de fotografias de André Gomes intitulada «Imago Operac». Misto de reportagem e de recriação, a mostra está patente até 20 de Novembro podendo ser visitada nos dias úteis das 9 às 20. Durante a

inauguração, esta tarde a partir das 18,30, será apresentado um recital de canto e piano, interpretado por Manuela Castanni e João Paulo Santos.

BRITISH COUNCIL (R. Cecílio de Sousa, 65): até 11 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 18, pintura de Julienne Knight.

ESCADA-Centro de Arte (R. da Bela Vista à Graca, 81-A): Pintura de Dora Iva Rita e Ilídio Salteiro; Escultura de João Duarte, até 21 de Novembro de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 14.

MUSEU JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): até 28 de Novembro, em colaboração com o Instituto Alemão, a exposição «Paisagens», que integra meia centena de obras de pintura, gravura e serigrafia da autoria de 17 artistas contemporâneos alemães, todos eles galardoados no seu país, a RFA.

GALERIA DE ARTE DE TAVIRA: até 20 de Novembro, «A Arte da Tapeçaria e do Têxtil», com obras de Cláudia Lima, Dália Lacerda Machado, Eveline Martin, Helena Felícia, Ilídia Soares

Lopes, Pedro Frederico e Teresa Ribeiro.

CINEMA

FORUM PICOAS: «O Caçador» às 19 e 22 horas de sábado e domingo.

CINEMATECA PORTUGUESA: às 15,30 em «Cinema Português» o filme «Cantigamente nº 3» de José Álvaro de Moraes; às 18,30, em «Homenagem a Madeleine Carroll», «Os 39 Degraus» de Hitchcock, com John Gielgud e Peter Lorre; às 21,30 «Ciclo Claude Chabrol» com «Le Cri du Hibou»/1978 com Christophe malavoy, Mathilda May e Jacques Penot.

MÚSICA

GULBENKIAN (grande auditório): às 21,30 concerto pela Orquestra Sinfónica de Montreal com o maestro Charles Dutoit e Marc-André ao piano.

AULA MAGNA DA REITORIA: hoje às 21,30 e domingo às 17, o «III Lisboa-Jazz».

TEATRO MUNICIPAL DE S. LUÍS: às 17, concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP.

TEATRO MUNICIPAL MARIA MATOS: às 16, concerto pela Orquestra Ligeira da RDP e Variedades.

SOCIEDADE EUTERPE ALHANDRENSE: hoje e amanhã a partir das 22 horas, o Grupo de Teatro «Esteiros» comemora o 13º aniversário com dois grandes espetáculos de «Café-Teatro».

PAVILHÃO CARLOS LOPES (Parque Eduardo VII): às 21 horas, o espectáculo comemorativo dos «Dias de da URSS em Portugal», com o Conjunto Es tal de danças e Cantares da RSS do Azerbaidjão. Como este ano os «Dias da URSS»coincidem com os 70 anos da Revolução de Outubro, terá lugar também uma breve sessão solene evocativa.

MUSEU DE JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): com o patrocínio da Fundação Gulbenkian, um concerto (18,30) de violoncelo e piano por Richard Higgins e Maline Peris, interpretando obras de Bach, Fournier, Beethoven, Schumann e Brahms.

ESPECTACULAR ESPECTACULAR

No mundo do espectáculo em Portugal, uma das coisas que mais me impressionaram nos últimos tempos foi o esforço desenvolvido por alguns grandes nomes, nomes «espectaculares» com vista à construção do Lar de Repouso dos artistas. Que o consigam em breve, são os meus votos. E se precisarem de mim, que não passo de mero «jongleur» de palavras e notas cursivas, não se acañhem.

Na minha modesta opinião, era ao Estado quem competia essa tarefa. O Estado afinal não serve de quem tanto se serve...

Na América do Norte, a grande selva, a competição levada ao máximo da destruição, diz-se que «só há duas classes: a primeira e nenhuma classe».

Trata-se de uma característica comum a outros países, de forma mais ou menos atenuada. Mas lá, faz-se uma festinha e angariam-se 50 milhões de dólares (cerca de sete milhões de contos) para acrescentar o Lar do Artista, debaixo do lema: NÓS OLHAMOS PELOS NOSSOS.

Olhem também os artistas portugueses «pelos nossos». Ou traduzindo: olhem por eles próprios.

José Mirandum



MÉDICO
DE
URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE (Hoje) — **ALVALADE**: Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **AVENIDAS NOVAS** — **JOÃO CRISÓSTOMO**: Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 520592); **BAIRRO AZUL**: Bairro Azul, Av. Resano Garcia, 7-A (T. 571451); **BAIXA**: Normal de Lisboa, R. da Prata, 220 (T. 878342); **BENFICA** — **BAIRRO DE SANTA CRUZ**: Lavinha, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAMPO DE OURIQUE**: Lináida, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CHELAS** — **AVENIDA DR. AUGUSTO CASTRO - CARRIS**: Sacramento, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904); **CHILE - ALAMEDA**: Nobel, R. Actor Vale, 53 (T. 842152); **CONDE REDONDO** — **SANTA MARTA**: Davi, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 554342); **LUMIAR**: Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **PAMPULHA** — **JANELAS VERDES**: Nazário Pinto, Nazário Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **QUINTA DA LUZ - CARNIDE**: Findor, R. Adelaide Cabele, 10-E (T. 7145271); **SANTO AMARO**: Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **BRANDOA - AMADORA**: Tavares de Matos, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **CARNAXIDE**: H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS**: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 981138); **PONTINHA**: Pimentel, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

PERMANENTE (Amanhã) — **ALFAMA - ESCOLAS GERAIS**: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO**: Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE**: Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS - CHILE**: Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T. 821773); **AVENIDA DA REPÚBLICA**: Cardote, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA - COLISEU**: Frazão, R. das Portas de Santo Antão, 70-72 (T. 328180); **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS**: Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES**: Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHELAS - LICEU D. DINIZ**: Lopes Cortez, R. Rui de Sousa, lote 65-A, loja B (T. 886565); **LUMIAR**: São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **PICHELEIRA**: Marluz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO - CALVÁRIO**: Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **CARNAXIDE**: H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **PATAMEIRAS - ODIVELAS**: Amaral, R. Antero de Quintal, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA**: Leitão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Rainha Santa, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTA DE CAPARICA**: Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO**: Baptista Marques, R. da Boa

Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA**: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO**: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO**: Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA**: Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS**: Lino, Alfarrim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA**: Nova Amorense, E. Nacional 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA**: Alves Velho, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO**: União Mutualista, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS**: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE**: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETUBAL**: Oliveira, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; **Portugal**: R. Camilo Castelo Branco (T. 23211). Permanente; **Mira**: P. Jorge Afonso (T. 20427). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 4104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA**: Pinto, R. Antero de Quintal, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **CAXIAS**: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; **OELHAS**: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **CARCAVELLOS**: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PARADE**: Macau, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **CASCAIS**: Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Permanente; **Amadora**: P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Até às 22 horas; **DAMAIA**: Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-B (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ**: André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Permanente; **CAMARATE**: Nova da Charneira, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM**: Guerra Rico, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS**: Química, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCES**: Claro Russo, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA**: Dumas Brousse, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA**: Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA**: Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; **LOURES**: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente; **AVEIRO**: Higien, R. Visconde Almeida Ecos, 13 (T. 22686). Permanente.

ÁLBUM DE TOMÁS ALCAIDE 20 ANOS DEPOIS DA SUA MORTE

Um álbum com seis canções ligeiras e duas zarzuelas e operetas assinala dia 9 o vigésimo aniversário da morte de Tomás Alcaide, o maior tenor lírico português de sempre.

O álbum, intitulado «30 anos», será lançado no dia 13 no Museu no Traje em Lisboa, a par de uma exposição sobre «Trajes de Ópera — guarda-roupa de Tomás Alcaide».

Tomás Alcaide era muito rigoroso na recriação do guarda-roupa que exibía enquanto cantava, motivo por que é extremamente rica a sua colecção, disse à agência Lusa, Mário Martins, da editora do tenor.

Tomás de Aquino Carmelo Alcaide nasceu em Estremoz no dia 16 de Fevereiro de 1901 e morreu em Lisboa no dia 9 de Novembro de 1967. Contava, portanto, 66 anos.

Curso o Colégio Militar, fez os preparatórios da Escola Politécnica e frequentou durante um ano a Escola Médica.

Em pequenas festas íntimas, cedo revelou a sua voz de belo timbre e a conselho de amigos e de críticos decidiu dedicar-se à carreira de artista lírico.

Tomou lições com os professores de canto, Alberto Sarti, Madame Mantelli e D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo), estreando-se, como amador, num clube de Lisboa, cantando a ópera «Bohème».

Numa festa artística do barítono Luís Macieira cantou, então, também, o «Rigoletto», em São Carlos.

Em 1925 partiu para Milão

onde se aperfeiçoou no belcanto com o professor Ferdinando Ferrara. A sua estreia como artista fez-se em 5 de Dezembro desse ano no Teatro Carcano, de Milão, com a ópera «Mignon».

De 1925 a 1930 trabalhou sem interrupção em quase todos os teatros italianos, criando repertório e adquirindo a necessária prática.

O seu nome cedo se tornou bem conhecido e em 1930, Tomás Alcaide, concretizou o sonho de todos os artistas líricos do mundo: um contrato para o Scala de Milão, o teatro máximo da ópera italiana e porventura do mundo.

Estreou-se no Scala com as «Preciosas Ridículas», de Molière, musicadas por Latuada, e o seu sucesso foi tal que se manteve no Scala durante três anos consecutivos.

A ópera tinha sido por si estreada mundialmente no «Reale», de Roma.

A sua carreira artística prosseguiu, sempre, com sucesso, nos anos seguintes, evidenciando-se como cantor de bela voz e óptima escola em grandes e exigentes teatros como o Reale, de Roma, Sancarolo, de Nápoles, Felice, de Génova, Grande Ópera, de Paris, Ópera Nacional, de Viena, e outros palcos de Nice, Ostende, Vichy, Zurigo, Riga, Helsingsfors, Reval, Bordeus, Boston, Chicago e Nova Iorque.

Tomás Alcaide cantou quase todo o vasto repertório lírico e lírico ligeiro, principalmente a «Manon», de Massenet, «Lakmé», e «Rigoletto».

Encontrava-se em Itália, em 1935, quando rebentou a guerra italo-abexim e posto perante o dilema de se naturalizar italiano ou deixar de exercer a profissão artística no país, optou por ir para França, onde continuou a carreira.

Ao rebentar a Segunda Guerra Mundial, veio para Portugal de onde, pouco depois, partiu para o Brasil.

Actuou no Teatro Colon, de Buenos Aires, e nos Municipais do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Regressou a Portugal em 1942, mantendo-se inactivo até 1947, ano em que empreendeu uma breve digressão artística pela Bélgica, França, Brasil e América do Norte.

Tendo adoecido em Nova Iorque, regressou definitivamente a Lisboa, em 1948, abandonando a carreira artística desiludido com o panorama musical e lírico que veio encontrar.

Em 1958 foi encarregado do serviço de intercâmbio da Emissora Nacional. Em 1961 publicou o livro «Um Cantor no Palco e na Vida».

No ano seguinte, em 1962, após se ter aposentado da EN, dirigiu a Escola de Canto do Teatro da Trindade, em Lisboa, acumulando com os cargos de mestre de Canto e encenador da Companhia Portuguesa de Ópera, que então se constituiu e que fora o seu sonho de sempre.

No dia anterior, à sua morte, trabalhou nas maquetes da ópera «Manon» que ia ser levada à cena.

Tomás Alcaide cantava em

português, espanhol, italiano, francês, inglês e alemão, línguas que falava fluentemente.

Foi condecorado com as Ordens de Cristo e de Santiago e com as «Palmas Académicas» francesas.

Em 1968, o Teatro da Trindade organizou uma exposição retrospectiva de Tomás Alcaide e no mesmo ano foi instituído um prémio, com o seu nome para galardão o cantor que melhor actuação tivesse todos os anos durante a temporada de ópera.

Em 1971 a Câmara Municipal de Lisboa atribuiu o nome de Tomás Alcaide a uma rua de Chelas.

No texto da contracapa do álbum, Maria Helena de Freitas, viúva do tenor, escreve que «recordar Tomás Alcaide não representa uma simples atitude saudosista».

«Homenageá-lo — continua — constitui um acto de justiça, a justiça que nem sempre lhe foi feita na Pátria à qual dedicava um culto que se manteve inalterável até ao fim da vida.»

«Em Portugal — queixa-se — não deram a Tomás Alcaide qualquer cargo compatível com as suas extraordinárias aptidões: o Teatro de São Carlos ignorou-o e bem assim o Conservatório.»

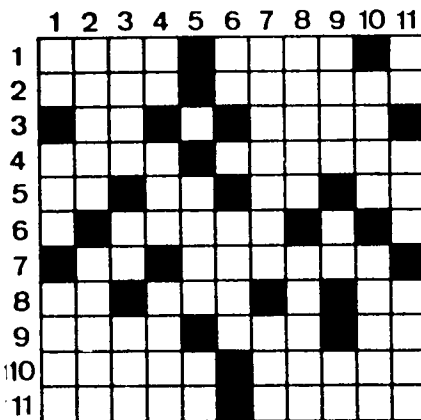
«À Beira-Mar», «Gosto de Ti», «O Teu Segredo», «Amor é Cego e Vê», são alguns dos trechos cantados por Tomás Alcaide neste álbum «Anos 30» evocativo do vigésimo aniversário da morte do maior tenor lírico português de sempre.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 17 178

HORIZONTAIS:

- 1 Aquele que. Cousa nenhuma.
- 2 Nome de tecido. Vazar com broca.
- 3 Clima. Tempo do verbo ir.
- 4 Nome científico do pato. Calculara.
- 5 Pedra de moinho. Clima. Césio (s.q.). Ósmio (s.q.).
- 6 Homem de grande robustez física (fig.).
- 7 Pronome pessoal. Feixe de luz do Sol.
- 8 Ouro (s.q.). Inventar. Neste momento.
- 9 Verseja. Patrão. Artigo indefinido.
- 10 Atasca. Anue.
- 11 Irmã. Curas.



VERTICAIS:

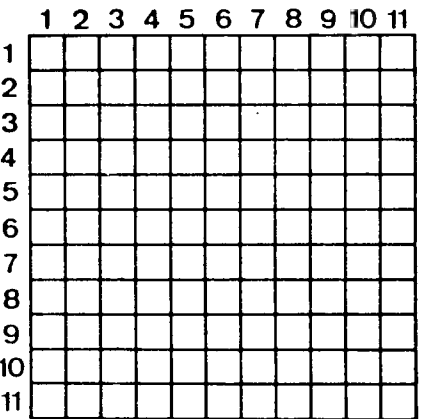
- 1 Quanto baste. Gosta muito de. Lavras.
- 2 Nome de planeta. Pronome indefinido.
- 3 Espécie de gato-bravo. Pronome pessoal. Maior.
- 4 Milímetro. Sadio. Declaro.
- 5 Zombará. Clima.
- 6 Note bem. Roga.
- 7 Esquívos. Conjunção.
- 8 Adormece. Zombaria.
- 9 O mesmo que aciosa (planta). Nota musical. Espera resposta.
- 10 Ilha do Pequeno Belt. Bairro de Lisboa.
- 11 Frâncio (s.q.). Pega. Desejas.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.16 003

HORIZONTAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Anadia. Com. da Bélgica.
- 2 Cidade da Arábia Impar.
- 3 Pronome pessoal. Cidade de Espanha.
- 4 Antes de Cristo. Praia.
- 5 Rei do Egipto. Prefixo de privação.
- 6 Estava. Prefixo de negação. General de Napoleão.
- 7 Escritor português autor de «A Ceia dos Cardeais». O mesmo que cego.
- 8 Imperador romano assassinado pelos seus soldados.
- 9 Jogo dianteiro das carretas de artilharia.
- 10 Cobre (s.q.). Ruim. Sonso (gir. bras.).
- 11 Freguesia do concelho de Mondim de Basto. Cantigas.



VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho da Figueira da Foz. Aqui.
- 2 Tornaram doce. Nome antigo da nota musical dó.
- 3 Espaço de trinta dias. Capricho.
- 4 Preposição. Tálho (s.q.). Nota musical.
- 5 Feche as asas para descer mais depressa. Ópera de Verdi.
- 6 Abreviatura que se usa em música. Imposto de transmissão. Pronome pessoal (inv.).
- 7 Estiagem. Sódio (s.q.).
- 8 Invulgar. Desfile de carros.
- 9 Cidade da Bélgica. Mil e quatro em romano.
- 10 O mesmo que mãe (gir.). Bradara.
- 11 De esquelha. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Agueda.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 177

HORIZONTAIS:

- 1 ANO. Ama. Tem.
- 2 Nó. Braga. Mó.
- 3 Lai. Ester.
- 4 Etéreo. Cós.
- 5 NEVOSO. Om.
- 6 Oram. Amo.
- 7 Rareais. Dar
- 8 Satírico.
- 9 Sr. Lás.
- 10 Ri. Orçam. Ps.
- 11 ANO. Aar. Mão.

VERTICAIS:

- 1 Antenor. Grã.
- 2 No. Terás. In.
- 3 Levarás.
- 4 Barómetro.
- 5 Áries. Ai. Rã.
- 6 Ma. Oó. Ir. Cá.
- 7 Age. Asilar.
- 8 Asco. Cam.
- 9 Tomados.
- 10 Emes. Má. Pá.
- 11 Mor. FORMOSO.

PROVERBIO: Ano nevoso, ano formoso.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 002

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|------------------|------------------|
| 1 Duende. CC. | 1 Domo. Cururu. |
| 2 Oja. Assoara. | 2 Uj. Ur. |
| 3 Compadres. | 3 Eaco. Écas. |
| 4 Ocái. Ar. | 4 Ocaso. Ova. |
| 5 Asas. Uai! | 5 Damasceno. |
| 6 Escriba. | 6 Espiar. Aa. |
| 7 Coe. Li. | 7 Sá. Silvas. |
| 8 Rua. Novelos. | 8 Roda. Bié. Só. |
| 9 Soo. Aru. | 9 Arrua. Laos. |
| 10 Ru. Assoma. | 10 Cré. Forma. |
| 11 Urraca. Osas. | 11 Cássia. Suas. |

Rádio

Antena Um

15.00: Vivosábado; 19.00: Jornal de sábado; 20.00: Sábado suave; 23.45: No estúdio e no estúdio. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

16.30: Álbum musical; 16.55: Transmissão directa, do Teatro São Luiz, de um concerto, pela Orquestra Sinfónica da RDP/Lisboa; 19.40: Música de câmara; 20.40: Obras, para piano; 21.00: Ângulos e reflexos; 22.00: Música e músicos portugueses; 22.30: Tempo de serenata; 23.00: Intercâmbio musical; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana; 19.00: Quando o telefone toca; 20.00: Genérico; 21.00: Fim-de-semana; 23.00: 24.ª hora; 01.00: Música portuguesa; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Lança-chamas; 18.00: Top do TNT; 19.00: Música da América; 20.00: Luso-clube; 22.00: Regresso ao futuro; 00.00: Um toque de classe; 02.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

14.00: Tarde desportiva; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Saricote; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Espaço musical; 21.00: Vozes na música; 22.00: Encontros; 23.00: Bola branca; 23.30: Amanhã é domingo.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

14.00: Fábrica de música; 17.00: Figuras de estilo; 19.00: Colar de pérolas; 21.00: Ideias luminosas; 22.00: Os amigos de Alex.

Voz do Alentejo

15.00: Largo da Sé; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Terra-a-terra; 19.30: Especial.

Voz do Alto Tâmega

12.00: Varanda transmontana; 19.00: Fontes termais.

Voz do Minho

15.00: Tarde desportiva; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Igreja diocesana.

Voz de Lisboa

15.00: Clube fim-de-semana; 18.00: Bola branca; 18.30: Sombra/sol; 19.00: Brie-à-brac; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Eurocanções; 23.00: Bola branca; 23.30: Jazz.

Voz do Porto

14.00: Frente desportiva; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Discos pedidos; 20.00: Porto franco; 21.00: Mercado da Ribeira; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

Voz de Viseu

15.00: Tarde desportiva; 18.00: Desporto regional; 19.00: Universidade na Rádio.

RTP

14.40 - Luck Luke

15.05 - Sobe e Desce

16.05 - Sessão da Tarde

«O Outro Amor»: Este filme inédito em Portugal, conta a história de um homem de meia idade que fica viúvo ao fim de 26 anos de casamento. No funeral, conhece uma jovem com quem vem a casar-se. Mas, mais tarde, uma avó da sua geração baralha o segundo casamento.

Intérpretes: Hall Linden, Anne Meara e Medolyn Smith, entre outros.

Realização: Melville Shavelon

17.45 - Fisga

18.50 - Saber Saúde

19.05 - Sete Folhas

19.45 - Totoloto

20.00 - Jornal de Sábado

21.00 - Boletim Meteorológico

21.20 - A Relíquia

Último episódio

22.40 - Deixem Passar a Música

Com «Carlos Mendes»

23.45 - Cinema da Meia-Noite

«Dillinger»: Kansas City, Junho 1933. Depois da morte de cinco agentes do FBI, num recontro armado com um grupo de gangsters, o chefe Melvin Purvis jura vingança — o seu principal objectivo é a destruição do «gang» de John Dillinger, um assaltante de bancos. Entretanto, após a morte de dois dos seus homens num assalto, Dillinger dirige-se para Oeste, acompanhado por Billie Frechette. Um



Carlos Mendes em «Deixem Passar a Música», no 1º canal às 22.40

por um, Purvis vai abatendo os homens de Dillinger.

Interpretes: Warren Oates, Ben Johnson, Michelle Philips, Cloris Leachman e Harry Dean Stanton.

Realizador: John Milius



16.00 - Troféu



Amanhã no 1º canal às 21.50, o 4º episódio da série «O Polvo-3»

20.05 - Som da Surpresa

(Jazz)

21.05 - Strindberg

O jovem Strindberg teve uma infância sem alegria: um pai extremamente severo, a morte prematura da mãe, os primeiros ensaios como escritor. Contra a vontade do pai, August estuda e arranja emprego na Biblioteca Real de Estocolmo. Não consegue levar à cena o seu primeiro drama «Mestre Olof», mas torna-se conhecido pelas reportagens e críticas que publica em jornais de Estocolmo. Strindberg conhece Siri Von Essen, uma actriz casada com um oficial de quem se divorcia para se casar com ele. O seu primeiro filho, abandonado à nascença, morre.

22.00 - Concordo ou Talvez Não

Em foco nesta emissão de hoje do «Concordo ou Talvez Não», a homossexualidade. O tema promete desde já pela sua controvérsia gerar um aceso debate. Com a colaboração do grande público, convidado a concordar, ou talvez não, através do contacto telefónico, vão estar igualmente no espaço «familiar» onde têm lugar as discussões de grupo algumas conhecidas figura da nossa «praça»: Natália Correia, Eduardo Cortesão, Padre Silva Soares e Dr. Laborinho Lúcio.

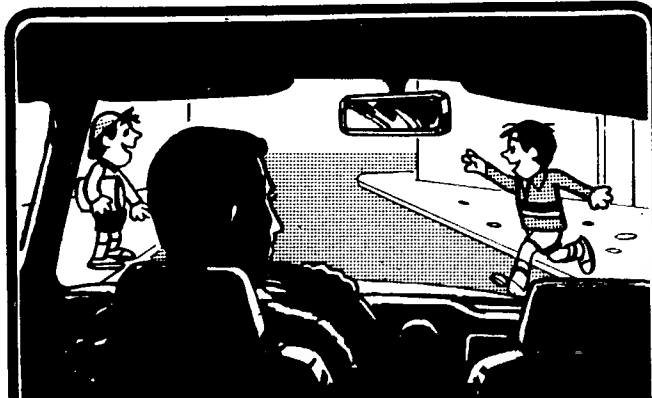
AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Juventude e Família
11.15 - Eucaristia Dominical
12.10 - 70 X 7
12.35 - TV Rural
13.05 - Jornal de Domingo
13.15 - O Som da Casa
14.00 - Casa de Irene
14.25 - Cosmos
15.35 - Primeira Matinée
«O Mundo nos Seus Braços»
17.20 - Clube Amigos Disney
19.00 - Um Anjo na Terra
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - Boletim Meteorológico
20.40 - O Abade Faria
21.50 - O Polvo - 3
22.55 - Domingo Desportivo

RTP-2

09.01 - Music Box
10.00 - Troféu
12.30 - Juventude e Família
13.00 - Caminhos
13.30 - Novos Horizontes
13.55 - TV Mulher
14.20 - Seja Bem Video
15.20 - Troféu
17.10 - A Evolução do Homem
17.55 - A Tia de Frankenstein
18.50 - Piano Bar
20.00 - Quem Sai aos Seus...
20.25 - Artes e Letras
21.25 - Cine-Clube
«O Ladrão de Bagdad»



AOS CONDUTORES



«Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

Cinema da Meia-Noite

RTP 2

Strindberg

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570





PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 2 / 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro, 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do "DL" na Madeira: 55\$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



ACABO DE VIR DOUTRO
EXCITANTE CONCERTO
PARA CRIANÇAS...



DIVERTI-ME
IMENSO!



QUAL FOI A PARTE
MAIS EXCITANTE?



QUANDO O CABIDE DAS
TOALHAS CAIU NA CASA
DE BANHO DAS SENHORAS!

NO SEIO DA MODERNIDADE

NA hora decisiva escolheu Arquitectura, a despeito dos conselhos paternos que o advertiam das fracas possibilidades de tal profissão. Engenharia provavelmente que, no ponto de vista económico, tinha outras saídas. Ora, Manuel **Graça Dias**, já em Lourenço Marques, onde viveu dez anos, reparava nos edifícios e lia, com curiosidade, os manuais que abordavam o tema, ainda que de um modo genérico. Isto, a par de esporádicas produções poéticas, do desenho, da pintura.

Muda-se para Lisboa, numa fase de extrema receptividade ao fenómeno artístico que, sob as mais diversas formas, o atraía. Caloio, na Escola Superior de Belas-Artes, tudo para ele era motivo de deslumbramento: os professores, as matérias estudadas, os meios culturais e até o simples facto de se achar à solta, fora da tutela familiar.

«Tive excelentes professores... caso do Lagoa Henriques e do Manuel Vicente.» Avido, procurava ampliar os conhecimentos e, assim, mergulha na leitura dos existencialistas, aprofunda as relações com a pintura e o cinema, exercita-se no grafismo. Foi o autor da capa do jornal «ETC» em que aparecia uma vampe a dizer «o sr. é uma pessoa muito desagradável».

Despachado o curso de Arquitectura, surge-lhe Macau. Ou a oportunidade de fazer um levantamento do património construído, «leitura poética apoiada em fotografias, desenhos e textos das coisas esquecidas e das quais não nos apercebemos numa passagem distraída por aquele território.» Nessa incursão ao pormenor buscou portas, janelas, neons e outros elementos anódinos, restituindo-lhes o papel de protagonistas. A ideia era descobrir «a degradação dos signos na arquitectura», lado que o fascina. Ver o que, no hotel **Bela Vista**, derivou, «com pujança e graça» para imagens autónomas das propostas iniciais. Prende-se ainda a fios eléctricos, ventoinhas, aquilo que devidamente ressaltado e mostrado, com intencionalidade, viria a constituir o livro «**Macau Glória**», edição pela qual a Gulbenkian se responsabilizou.

Porém, a ligação a Macau prolonga-se, abrangendo outras experiências, como a do projecto de um edifício de apartamentos, em colaboração com **Manuel Vicente**. Subordinava-se a uma linguagem simples, não obstante o arrojo das soluções no respeitante ao enquadramento do ar condicionado, aspecto frequentemente descurado e que depois se reflecte na estética final da obra, mesmo que concebida com os maiores pruridos. Após uma longa viagem, quase «round trip», com partida de Hong-Kong e passando pelos Estados Unidos, que atravessa de ponta a ponta, regressa, em definitivo, a Portugal.

Montou «atelier» na rua da Esperança, na fronteira com a Madragoa e reparte-se entre o trabalho que Lisboa lhe oferece e uma actuação regular em Trás-os-Montes, na área de Chaves. Sobre o seu estilo afirma **Alves da Costa**, num texto intitulado «Notas sobre a arquitectura alheia», que se definia por uma «saúdável ausência de tiques formais.» Acrescenta ainda que **Graça Dias** «manipula a imagem no sentido inverso da sedução, pacificando a agressão da desurbanidade e da inadequação, excedendo-a».

Conhecem o restaurante Casa Nostra? É obra de



GRAÇA DIAS, ARQUITECTO

Graça Dias. Há nele citações dos anos cinquenta... «Talvez esbatidas, tanto mais que o revivalismo não me interessa tal como não me entusiasma os pastiches dos grandes períodos da história da Arquitectura. Os anos 50 representam uma certa euforia económica, enquanto a década seguinte se caracteriza por um estilo mais pesado com incidência no industrial. Hoje verifica-se, sem dúvida, uma maior liberdade de manuseamento. Pretendi somente tirar partido das texturas e rugosidades, chamá-las à decoração, revelar o que estava tapado. O espaço existente lembrava um pouco as pensões de província, o que sugeria calma e bem estar... Deixei ficar os mosaicos do chão, baratos e ordinários, mas os da parede foram amaciados com tinta para que deles permanecesse apenas a memória.»

Graça Dias interveio também na recuperação de uma vivenda «art nouveau», ao Bairro da Graça, e no Pathé, desta vez em parceria com José Manuel Fernandes. «Não fizeram aquilo que desenhámos... houve um recuo, ao nível dos materiais». Agora tem entre mãos um projecto «interessantíssimo» que é o teatro do grupo de Campolide, em Almada, embora limitado por questões de dinheiro.

Que arquitectura, hoje? «As concepções regionais perderam o sentido, assiste-se a uma tendência internacionalista. Acabou isso da casa branca no Sul... as pessoas emigram, viajam e voltam com um conceito do mundo diferente do que se verificava há uns anos atrás. Trata-se de uma arte em constante renovação e que evolui não só de acordo com as técnicas mas também com os valores.» Modernidade? Posmodernismo? **Graça Dias** repudia o pós, talvez convenha subtraí-lo. É o retomar da modernidade que a «burocracia paralisara». Mas... Corbusier? «o movimento moderno agarrou-se a determinadas ortodoxias a fim de tomar o poder contra o

eclectismo do século dezanove, teve de forjar um corpo de regras e alibis suportado por um discurso que o justificasse. Corbusier inventou uma série de demagogias e a criatividade entupiu. O funcional, a luz do sol... qualquer construtor civil de Queluz pode utilizar esses argumentos.»

Arquitectura, nos anos 80? «Já cortou com os simbolismos e a hierarquização dos espaços. O posmodernismo serve para designar certos estilos... Boffil, Taveira, mas a outros não cola». Em Abril, **Graça Dias** esteve no Brasil, a montar uma exposição centrada em cinco arquitectos portugueses, «personalidades da mesma idade, da mesma geração, que reflectem tendências possíveis da arquitectura... mas que de maneira nenhuma a esgotam.» A escolha recaiu sobre Tomás Taveira, Siza Vieira, Luz Cunha e Manuel Vicente, à organização da iniciativa presidiu o arquitecto Carlos Duarte, na qualidade de comissário-geral. Da itinerância já cumprida destacam-se as cidades de Barcelona, Rio de Janeiro, S. Paulo, constando ainda do programa, Buenos Aires e Nova Iorque.

Para **Graça Dias**, a nossa Lisboa é uma cidade «lindíssima» com uma personalidade tão forte que «resiste a todas as agressões». Contudo nada de pánicos, o mau gosto «tanto se nota aqui como em Paris». Quanto às casas de emigrantes, sendo objectivamente «um horror», traduzem «um gosto, um amor, a legitimidade com que são feitas». A fixação no património, e a sua inflexível defesa, torna-se, por vezes, um impedimento que «me mexe com os nervos». Uma cidade, toda património, «very clean», não tem sentido. «Claro... é uma paragem no tempo... andar a meter as antenas de televisão debaixo do solo. Já viu como Óbidos é um absurdo?»

Lourdes Féria

ÚLTIMA HORA

O autoproclamado Presidente tunisino Zine El Abidine Ben Ali, que hoje depôs o Chefe de Estado vitalício e primeiro líder do país, Habib Bourguiba, anunciou ao fim da manhã a formação de um novo Governo. O executivo resultante do afastamento de Bourguiba e que Ben Ali anunciou é chefiado por Hedi Baccouche, ex-ministro dos Assuntos Sociais. O novo gabinete inclui, nomeadamente, Mahomoud Mes-tiri como ministro dos Negócios Estrangeiros.

QUEBRAS

Céus

Entre as grandes contradições do Homem, a questão do Céu assume uma importância cada vez maior. Na verdade, em contraponto com uma antiga religiosidade mais vulgar, grande parte das pessoas começou a preocupar-se com a conquista do céu «cá em baixo», o bem-estar prometido, não para depois mas para já. As preocupações meteorológicas venceram em grande parte os antigos olhares angustiados: onde dantes, os beatos numerosos procuravam vislumbrar as três portas principais — Céu, Purgatório e Inferno — hoje é mais frequente procurarem-se sinais de núvens. Nem sequer antigos halos, brisas suspeitadas, tamanhos e contrastes das luas têm agora grande importância na observação do azulão de certos dias ou da boca negra de muitas noites. De modo que, falar de céu, particularmente no plural «céus», é cada vez mais metafísica, coisa de gente que exclama muito ou vê abóbas em tudo. A peroração é extensiva, por inteiro, aos nomes das pessoas. Tudo mudou: os «inocências» são «paulos alexandres», as gertrudes viraram «cristinas» nas suas múltiplas composições com «sónias» e «tânias». As «céus» estão, portanto, condenadas, a curto, médio ou longo prazo. Ou os paizinhos deste país mudam de padrinhos e, portanto, de fonte onomástica, ou qualquer dia, o céu é mesmo uma utopia e as «céus» umas senhoras de idade que contam malhas, desfiam antigos tempos, rezam pelos filhos «que Deus tem». Esta «céu», por exemplo, resume: «Quem quer céus tem de fazê-los».

Rogério Vidigal

Trabalho de casa

MODA

Ernesto Sampaio

A moda está na moda: desde os economistas que a apreciam porque o sector é «rendível» (horrorosa e asnática palavra que também está na moda, como o «atempadamente» dos políticos), aos analistas que a interpretam como organização fantasmagórica, gratificante lugar onde se superam as carências, passando pelos linguistas que a analisam estruturalmente, como um sistema, não há praticamente ninguém que não tenha meditado sobre o vestuário.

O falecido Roland Barthes, por exemplo, no «Sistema da Moda», descobriu o «bluff» que todos os anos, ou antes, todas as estações, a moda, com o seu mito e a sua retórica, volta pontualmente a propor. Para os sociólogos, a moda é um verdadeiro problema: enquanto na sociedade abundam tiros, sequestros, greves, desgraças e trabalhos, na moda é o luxo e a fantasia que predominam, quer dizer, entre moda e sociedade parece não haver correspondências, mas dissonâncias. Com efeito, se o clima cultural ideológico destila tristeza e austeridade, no vestuário reina a alegria desenfreada e a superficialidade.

Os sociólogos podem, portanto, prever que «inconscientemente» as pessoas já não suportam a situação que vivem, metamorfoseando, através da moda, a crise em frivolidade. Hoje, como sempre, perante os sacrifícios, a moda serve de pára-raios, propondo aos cidadãos um pequeno (mas caro) prazer.

Duvido que exista uma estreita relação analógica entre história e moda, entre os acontecimentos de uma e o conjunto de elementos que constituem a ideologia da outra. A moda comporta-se arbitrariamente, tirânica e utopicamente. Há, evidentemente, épocas e períodos em que essa analogia foi mais clara e constante, mas não conheço exemplo de modas que incitem o povo a chorar neste vale tão cheio de lágrimas. É verdade que Henrique III andava de luto por Margarida de Clèves envergando uma vistosa vestimenta con-

feccinada com pequenas cabeças de morto, mas o actual **fashion look** não é capaz de imaginar «prontos-a-vestir» para os trabalhadores com salários em atraso nem «manteaux» para as desempregadas.

Não inventiva, mas combinatória, capaz de institucionalizar fenómenos incongruentes, a moda exprime-se através de sinais sempre na iminência de se fazer e de se desfazer. O seu léxico hesita e oscila entre fantasia/sageza, luxo/modéstia, loucura/prudência, alegria/rigor, comodidade/refinamento. A moda é «privada de conteúdo, mas não de sentido», disse Barthes, e faz lembrar uma espécie de Don Quixote cujo itinerário não evolui porque a sua lógica interna consiste num estímulo constante para adquirir tudo quanto seja possível consumir-se, ou um Don Juan que rompe regularmente com o passado, obrigado a actualizar, sob pena de desaparecer, o objecto do seu amor.

Para além do senso comum, que identifica a moda com o ócio da superficialidade opulenta, aplica-se-lhe uma linguagem exaltante, optimista, «espumosa» e ao mesmo tempo extremamente séria, sem ponta de ironia: é preciso convencer as pessoas de que se trata de um assunto magno. Daqui deriva o recurso sistemático às metáforas («como uma deusa do Oriente», «um encontro breve e leve como uma nuvem de tule») que servem para manter as distâncias em relação à vida quotidiana. O estereótipo do que é novo, rico, supérfluo molda e marca a indumen-

tária, tornando-a apetecível, irrecusavelmente tentadora.

Sedas frescas, tafetás vaporosos, veludos quentes, damascos acariantes, etc., são frases onde o adjetivo exorbita e exagera na ostentação da metáfora poética sobre o luxo. As situações: festas, encontros, **shopping**, recepções, **week-end**, aludindo embora a uma ditosa irreabilidade, não deixam de recordar que é de bom gosto respeitar uma condição social onde ricos e pobres se encontram nitidamente separados. É esta outra das astúcias da moda: fingindo elevar todos, age contra o igualitarismo, já que é feita para distinguir e não para unificar.

Por outro lado, se o conceito de moda é uma paixão unitária para a princesa e para a operária, as distâncias acabam por ser imediatamente restabelecidas entre as duas consumidoras. «A moda, como a cultura de massas, dirige-se a todos, mas coloca cada um no seu lugar. É uma das instituições que melhor reconstrói e fundamenta, simulando aboli-las, a desigualdade cultural e a discriminação social» (Baudrillard, **Para uma crítica da economia política do signo**). Em suma, não se conhece nenhum período da história recente em que a moda tenha renunciado a dividir.

Dramatizada, transformada em espectáculo nas **performances** que falam ao imaginário, a ambivalência sexual (bem descrita por Mallarmé em **La Dernière Mode**) marca as exigências de sedução expressas pela moda. Do unissexo passa-se ao casamento informe, amplo, masculino, debilitando aquele tabu social que contrariava todas as possíveis feminilizações. A mania dos «acessórios» difundiu-se em grande escala, incitando a «criatividade» individual: é um delírio de calças mais túnica, mais camisa, mais colete, mais casaco, mais «écharpe». Estas andainas prometem a aventura despreocupada e soberanamente indiferente, mas são realmente o que há de mais «acabado», sistematizado, codificado, revelando talvez, no seu «a mais» delirante, uma inconsciente pulsão para afastar o corpo, escondê-lo, transformá-lo num continente submerso. O corpo, com efeito, passa a valer como «travesti», como cenografia.

Ao vestuário, ainda hoje a mulher pergunta quem é, na moda delegando grande parte da sua busca de identidade, na medida em que, através dos seus sinais, promete a realização do desejo. O cumprimento do sonho. Não são apenas motivações de prestígio, ânsia de **status**, papel mimético, desejo de agradar, vontade de fugir às contrariedades quotidianas que explicam o interesse feminino pela moda: é também a convicção de nela encontrar a igualdade (oferecida pelo sistema da moda) e a diferença, sob a espécie de uma ilusão de singularidade que a moda inculca na mulher, garantindo-lhe ser diferente daquela que realmente é.



Coimbra: «O Sonho» de Strindberg

A estreia da semana é em Coimbra e está por conta do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra. É o caso: o TEUC estreia hoje no seu Teatro de Bolso uma versão de uma das mais complexas e fascinantes obras de August Strindberg, O Sonho.

Lembra-se que esta peça de 1902 foi estreada em Portugal, em 1971, por Luzia Maria Martins com o TEL, incluindo um trecho da Tempestade de Shakespeare.

O autor descreveu-a nestes termos: «Em O Sonho, o autor procurou imitar a turma incoerente, mas aparentemente lógica, do sonho. Tudo pode acontecer, tudo é possível, e verosímil. Tempo e espaço deixaram de existir... As personagens desdobram-se e multiplicam-se, desaparecem e condensam-se. Mas todas são dominadas por uma consciência suprema: a do sonhador. Para ele não existem segredos, nem consequências, nem escrúpulos, nem leis. Ele não julga, não absolve, limita-se a relatar um sonho.»

Desta vez, O Sonho, apresentado pelo TEUC, tem encenação de um dos mais inquietos criadores do teatro português, Rogério de Carvalho, com o seu colaborador habitual, na cenografia, José Manuel Castanheira. A música é de Alberto Lopes.



ALFAS TRIPLEX

ALFA 1

— T. 806496

OS INTOCÁVEIS
de Brian de Palma
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
e 24.00 h

ALFA 2

A MAIS LOUCA
ODISSEIA NO ESPAÇO
de Mel Brooks
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45
e 00.15 h

ALFA 3

AS BRUXAS DE
EASTWICK
de George Miller
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45
e 00.15 h

ALFA 4

FORÇA DELTA
de Menahem Golan
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
e 24.00 h

ALFA CLUB

O QUARTO
PROTOCOLO
de John MacKenzie
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45
e 00.15 h

AMOREIRAS

— T. 691275

SALA 1

OS INTOCÁVEIS
de Brian de Palma
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
e 24.00 h

SALA 2

007 — RISCO IMEDIATO
de John Glen
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45
e 00.15 h

SALA 3

NAS PORTAS DO
INFERNO
de Alan Parker
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30,
19.30, 21.30 e 24.00 h

SALA 4

O SEGREDO DO MEU
SUCESSO
de Herbert Ross
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45
e 00.15 h

SALA 5

O NAVIO
de Federico Fellini
(para maiores de 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
e 24.00 h

SALA 6

NASCIDO PARA
MATAR
de Stanley Kubrick
(para maiores de 16 anos)
13.15, 15.45, 17.25,
19.45, 21.45 e 24.00 h

APOLO 70

— T. 763319

A MAIS LOUCA
ODISSEIA NO ESPAÇO
de Mel Brooks
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e

21.30 h (à sexta e ao
sábado, também às
24.00 h)

ÁVILA

— T. 539930

NAS PORTAS DO
INFERNO
de Alan Parker
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 18 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45
e 23.45 h

AVIS

— T. 547163

Encerrado.

BERNA

— T. 776098

HUMILHAÇÃO
de Robert Young
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

CAPITÓLIO

— T. 372358

MISTER PORNO
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00
e 23.00 h

CASTIL

— T. 530194

AS BRUXAS DE
EASTWICK
de George Miller
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h,
sábados, domingos e
feriados; dias úteis às
15.30, 18.30 e 21.30 h

CINEBOLSO

— T. 573407

NOVIDADES SEXUAIS
(int. a men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30
e 23.30 h

CINE 222

— T. 579460

VOANDO SOBRE UM
NINHO DE CUCOS
de Milos Forman
(não acons. men. de 18
anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

RAIVA SILENCIOSA
de Michael Hiller
(não acons. men. 18 anos)
24.00 h

CINE ESTÚDIO ACS

— T. 887255

DUMA VEZ POR
TODAS
de Joaquim Leitão
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 18.30 h

CITY CINE

— T. 549999

JARDINS DE PEDRA
de Francis Ford Coppola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00,
21.30 h

CONDES

— T. 323523

ROBOCOP — O
POLÍCIA DO FUTURO
de Paul Verhoeven
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

EDEN

— T. 320768

ESTRANHA PAIXÃO
de Denis Amar
* Ver «As Estreias da
Semana»

(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

ESTÚDIO

— T. 555134

NOVE SEMANAS E
MEIA
de Adrian Lyne
(para maiores de 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e
21.30 h

ESTÚDIO 444

— T. 768078

ROBOCOP — O
POLÍCIA DO FUTURO
de Paul Verhoeven
(para maiores de 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e
21.30 h

FONTE NOVA

— T. 7145088

SALA 1

OS DIAS DA RÁDIO
de Woody Allen
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e
21.30 h

SALA 2

A DESCOBERTA
de Robert Bortz
(para maiores de 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e
21.45 h

SALA 3

O QUARTO
PROTOCOLO
de John MacKenzie
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e
21.15 h

GEMINI

— T. 734009

O GRANDE ASSALTO
de Harley Cokliss
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

HOLLYWOOD

— T. 802859

SALA 1

O PREDADOR
de John McTiernan
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30
e 24.00 h

SALA 2

OS DIAS DA RÁDIO
de Woody Allen
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30
e 23.45 h

IGOPER

— T. 708926

TRUE STORIES —
HISTÓRIAS DE UM
QUOTIDIANO
de David Byrne
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

IMPÉRIO

— T. 555134

O GRANDE ASSALTO
de Harley Cokliss
(para maiores de 16 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

LAS VEGAS

— T. 631162

SALA 1

ROBOCOP — O
POLÍCIA DO FUTURO
de Paul Verhoeven
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e
21.30 h (sáb., dom. e
fer.),
15.15, 18.30 e 21.30 h (de
2.ª a 6.ª)
(ao sábado também às
24.00 h)

SALA 2

CRÔNICA DE UMA
MORTE ANUNCIADA
de Francesco Rossi
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.45 h (sábado,
domingos e feriados);
15.30, 18.45 e 21.45 h (de
2.ª a 6.ª); ao sábado
também às 24.00 h

LONDRES

— T. 801313

CRÔNICA DE UMA
MORTE ANUNCIADA
de Francesco Rossi
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.45 h (ao sábado às
24.00 h)

MUNDIAL

— T. 538743

SALA 1

OS INTOCÁVEIS
de Brian de Palma
(para maiores de 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e
21.30 h

SALA 2

VELUDO AZUL
de David Lynch
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.15 h

SALA 3

NASCIDO PARA
MATAR
de Stanley Kubrick
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e
21.45 h

NIMAS

— T. 574362

AS BRUXAS DE
EASTWICK
de George Miller
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

OLÍMPIA

— T. 325309

DOCE ALICE
(interdito men. 18 anos)
Sessões contínuas a
partir das 14.00 h

ODEON

— T. 326283

A VINGANÇA DO
COMANDO
de Vincent Dawn
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e
21.30 h

POLITEAMA

— T. 326305

O ANJO VINGADOR
de Robert Vincent O'Neil
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e
21.30 h

QUARTETO

— T. 771378

SALA 1

NAS PORTAS DO
INFERNO
de Alan Parker
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e
21.30 h

SALA 2

JARDINS DE PEDRA
de Francis F. Coppola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

SALA 3

MELO
de Alain Resnais
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e
21.30 h

SALA 4

O SACRIFÍCIO
de Andrei Tarkovsky
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.45 e 21.30 h
PERIGO NA SOMBRA

ROMA

— T. 887778

ESTRANHA PAIXÃO
de Denis Amar
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

ROXY

— T. 548560

ESQUADRÃO
SELVAGEM
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

S. JORGE

— T. 579144

SALA 1

A MAIS LOUCA
ODISSEIA NO ESPAÇO
de Mel Brooks
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

SALA 2

NASCIDO PARA
MATAR
de Stanley Kubrick
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

SALA 3

OS INTOCÁVEIS
de Brian de Palma
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

7.ª ARTE

— T. 730715

NASCIDO PARA
MATAR
de Stanley Kubrick
(para maiores de 16 anos)
14.15, 17.00, 19.10, 21.45
e 24.00 h

STAR

— T. 804210

AS BRUXAS DE
EASTWICK
de George Miller
para maiores de 16 anos
15.00, 18.15 e 21.30 h (de
2.ª a 6.ª). Sábados e
domingos: 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30 h

TERMINAL

— T. 371573

NASCIDO PARA
MATAR
de Stanley Kubrick
(para maiores de 16 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00
e 21.30 h
(à sexta, sábado e
domingo também às
23.45 h)

TIVOLI

— T. 570595

NAS PORTAS DO
INFERNO
de Alan Parker
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

TURIM

— T. 706666

FILHOS DE UM DEUS
MENOR
de Ronda Haines
(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h
(dias úteis); 14.00, 16.30,
18.30 e 21.30 h (outros
dias)

VOX

— T. 880808

Encerrado

XENON

— T. 368480

A FREIRA DE MONZA
de Luciano Odorisio
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e
21.30 h

AS ESTRELAS

O NAVIO ★★★★★

JARDINS DE PEDRA ★★★★★

OS DIAS DA RÁDIO ★★★★★

MELO ★★★★★

FULL METAL JACKET ★★★★★

007 — RISCO IMEDIATO ★★

VELUDO AZUL ★★

AS BRUXAS DE EASTWICK .. ★★

OS INTOCÁVEIS ★

O SEGREDO DO MEU SUCESSO ●

NAS PORTAS DO INFERNO .. ●

AS ESTREIAS
DA SEMANANAS PORTAS
DO INFERNO

A partir de hoje no Avila, Amoreiras, Quarteto e Tivoli. Baseado na novela «Falling Angel», da autoria de William Hjortsberg.

A realizar: Alan Parker

Principais intérpretes: Robert de Niro, Mickey Rourke, Lisa Bonet, e Charlotte Rampling

ESTRANHA
PAIXÃO

A partir de hoje no Eden e Roma. As relações conflituosas entre Bruno e Patty, Bruno e Lorca e Bruno e José. Uma produção francesa a contrariar a tendência anglo-saxónica em matéria de estreias cinematográficas

A realizar: Denis Amar

Principais intérpretes: Richard Berry, Victoria Abril e Richard Bohringer.



«O Navio» de Fellini: prossegue o êxito de um filme absolutamente genial

ROTEIRO LISBOETA

Apesar de hoje se estreiar – com largo aparato e grande número de salas – um sério candidato ao pior filme do ano («Nas Portas do Inferno» de Alan Parker) que as normas de sanidade aconselham a evitar cuidadosamente, não faltam bons filmes para ver em Lisboa.

Começando pelo topo, dois filmes há de visão e revisão e plurivisão obrigatória: «O Sacrifício» de Tarkovski e «O Navio» de Fellini. Assim se prova que o cinema europeu – tão pouco presente nas salas portuguesas (ou dever-se-á dizer, com mais propriedade,

nas salas da Lusomundo, empresa que parece apostada numa vocação monopolista?) – continua a não deixar os seus créditos por mãos alheias. «Mélo» de Alain Resnais é outro dos filmes do velho continente a confirmá-lo.

Mas, da América, os auto-

res locais também nos enviam filmes irrecusáveis. O mais notável da pelo nome de Francis Ford Coppola que fez, com «Jardins de Pedra», uma fita admirável, para quem tiver olhos na cara e souber entender que nunca se esteve tão perto da faceta «familiar» da instituição militar. Quem preferir o humor nostálgico de Woody Allen tem em «Os Dias da Rádio» um filme embalador, embora a memória que temos de «Amarcord» não deixe lugar ao pleno entusiasmo.

Kubrick, pelo seu lado, não

parece ter acertado no pleno com «Full Metal Jacket» (que ruboriza de esteticismos ante a força, por exemplo, de «Platoon» ou do esmagador farol que foi «Apocalypse Now», isto para nos atermos a «ficções vietnamitas»). Mesmo assim é um filme que vale bem a pena ver. Kubrick nunca é negligenciável.

O Bond do ano («007 – Risco Imediato») ou «Veludo Azul» de Lynch lá vão cumprindo as suas missões, um sem pretensões maiores que as de entreter, o outro visando

mais longe e desiludindo um tanto. Desilusão grave é também «As Bruxas de Eastwick» (que só não vão para o inferno por causa das bruxas).

O leitor deve, contudo, não embarcar em três das locomotivas de 1987 que aí estão: nem «Os Intocáveis», nem «O Segredo do Meu Sucesso» e ainda menos «Nas Portas do Inferno» justificam o tempo e o dinheiro. Monumentos de mau gosto, deixemo-los de parte, a apodrecer.

J.L.R.



Alan Parker: o seu «Nas Portas do Inferno», que hoje estreia, é um sério candidato ao título de pior filme do ano



«O Sacrifício»: o comovente, dilacerado e fabuloso testamento de Tarkovski



«Cabaret» de Bob Fosse, um dos bons filmes editados em videocassete neste Novembro que chega

Novidades de Novembro

Com a aproximação do Inverno, com as chuvas a começarem a convidar, cheias de persuasão, ao «cinema em casa», os editores afinam os seus lançamentos: muitos e bons filmes continuam a chegar.

«O Último Tango em Paris» de Bertolucci, «As Portas do Céu» de Cimino (na versão integral nunca exibida entre nós), «Annie Hall» de Woody Allen, «O Gigante» de George Stevens (com que se encerra a «James Dean Collection») são as fitas mais sonantes do lançamento Warner que, como de costume, a

Kodak põe na rua mal o mês desponta.

Pelos lados da Publivideo, o «pacote» da CBS-Fox também não é de molde a desdenhar: «9 Semanas e Meia» de Arian Lync, «O Veredicto» de Sidney Lumet, «Betty Blue - 37° e 2 da Manhã» de Jean-Jacques Beineix e «Os Incorruptíveis Contra a Droga» de William Fried-

kin são títulos fundamentais em qualquer videoclub.

A Ecovideo, por seu turno, entra em Novembro com o pé direito: «Passagem para a Índia» de David Lean, «Cabaret» de Bob Fosse, «Duelo no Pacífico» de John Boorman e «Assim Nasceram os Heróis» de Robert Aldrich são quatro filmes com uma estrelinha de sucesso na lapela que todos vamos querer ver.

Menos feliz é o lançamento Vídeo Sif prestes a chegar ao mercado. Apesar de trazer à cabeça «A Missão» de Roland Joffé, dos outros nove filmes só

dois emergem («História de Piera» de Marco Ferreri e «Tempo de Guerra» de Pat O'Connor) de um conjunto onde a presença de Telefilmes é excessiva.

«Ana e as Suas Irmãs» de Woody Allen (no lançamento Orion, da Publivideo), «Êxito com Vingança» de Skolimowsky (inédito no mercado português e a sair com a chancela da Vista Vídeo) e «Terror na Auto-Estrada» de Robert Harmon (na Imavideo) são outros bons títulos que mereciam sucesso neste Novembro farto em matéria de videocassetes com filmes lá dentro.

CATÁLOGO

(A) CASA À SOMBRA DAS ÁRVORES

Quando um realizador como Clément chega ao ponto de dirigir um filme como este, constata-se sem reboços que o nome do jogo é decadência e lamenta-se que o cineasta não se tenha detido antes da absoluta senilidade cinematográfica.

La Maison Sous les Arbres (tit. vers. ingl.: The Deadly Trap). Realização: René Clément (França - 1971). Interpretação: Faye Dunaway, Frank Langella, Barbara Parkins. Cor; Suspense; 97 minutos; M/14 anos; ed. Top Vídeo.



LADY L

Uma comédia que alia a sofisticação com a brejeirice e se constitui como um instante de entretenimento sem mais ambições.

Lady L. Realização: Peter Ustinov (G.B. - 1965) Interpretação: Sophia Loren, David Niven, Paul Newman. Cor; Comédia; 124 minutos; M/17 anos; ed. Legal Vídeo/MGM.



TESTEMUNHA FORÇADA

É um filminho israelita, dos muitos sumários, violentos e rendosos produtos de 3.ª ordem que Golan e Globus produziram e produzem. Sem nenhum interesse.

Forced Witness. Realização: Raphael Rebido (Israel - 1984). Interpretação: Anat Atzmon, Uri Gavriel. Cor; Suspense; 101 minutos; M/16 anos; ed. Ecovideo/Cannon.



(OS) ELEITOS

Dos pilotos de ensaio aos primeiros astronautas, do último cavaleiro solitário do espaço aos protagonistas da aventura mediatizada das naves orbitais, se faz este filme em que a nostalgia do western sobleva o entusiasmo de caminhar em direcção aos planetas.

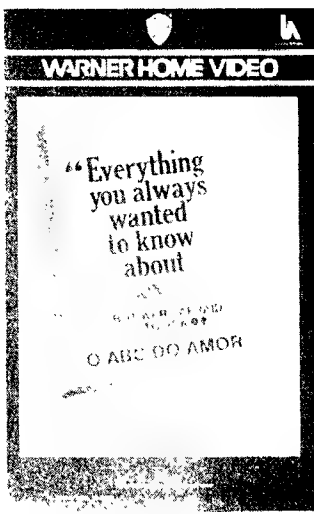
The Right Stuff. Realização: Philip Kaufman (EUA - 1984). Interpretação: Sam Shepard, Scott Glenn, Ed Harris. Cor; Histórico; 185 minutos; M/6 anos; ed. Kodak/Warner Home Vídeo.



(O) ABC DO AMOR

Woody Allen no mundo da divulgação sexual ilustra tudo o que você queria saber sobre sexo mas tinha medo de perguntar. Filme algo desequilibrado, oscila entre o melhor e o medíocre mas, quando acerta, é em pleno.

Everything You Always Wanted to Know About Sex But Were Afraid to Ask. Realização: Woody Allen (EUA - 1972). Interpretação: Woody Allen, Gene Wilder, John Carradine. Cor; Comédia; 88 minutos; N.A. men. 18 anos; ed. Kodak/Warner Home Vídeo.



55 DIAS EM PEQUIM

Uma das superproduções que Samuel Bronston fez em Espanha nos anos 60, amarga recordação para Nicholas Ray que aqui se afundou nas malhas que o dinheiro tece.

55 Days at Peking. Realização: Nicholas Ray (EUA-Espanha - 1962). Interpretação: Charlton Heston, David Niven, Ava Gardner. Cor; Drama; 154 minutos; M/10 anos; ed. Videorent.

**





Grace Kelly e Wendell Corey numa cena de «Janela Indiscreta» de Hitchcock

Um filme em destaque

«JANELA INDISCRETA» de ALFRED HITCHCOCK

Prosseguindo a edição videográfica de um conjunto de filmes de Alfred Hitchcock (tendo tido o cuidado de nele não incluir os que, meses atrás, integraram um ciclo na RTP/2), a Edivideo pôs agora nos videoclubes «Janela Indiscreta», um dos mais exímios e apaixonantes filmes do mestre.

«Janela Indiscreta» é um tal exemplo de inteligência superlativa do cinema que, apesar da qualidade da edição não ser a melhor (nomeadamente a nível cromático, fruto quicá de uma cópia de cinema com as cores já algo «viradas»), não é possível recebê-lo de outro modo: toquem as fanfarras porque, por uma vez que se gostava fosse exemplar, um filme genial encontra acolhimento no mercado videográfico, em geral pouco virado para as grandes fitas.

É preciso justificar o porquê do estatuto de obra-prima que «Janela Indiscreta» goza? Do espantoso dispositivo cenográfico, à fabulosa meditação sobre o estatuto de espectador que toda a trama encerra, da habilíssima condução do suspense, à portentosa prestação dos actores (com Stewart e Grace Kelly à frente), tudo são exemplos de uma arte que consegue ser esmagadoramente popular e deliciosamente sibilina, divertida e sagaz, belíssima. Mas basta ver a sequência de abertura em que, num único movimento de câmara e sem qualquer diálogo, ficamos a «saber tudo» sobre James Stewart, para se tornar evidente que

THE ESSENTIAL HITCHCOCK



«Janela Indiscreta» é uma magnífica lição prática do que é a linguagem cinematográfica. As explicações são supérfluas. Este filme é a evidência do génio de Hitchcock.

FICHA:

Rear Window. Realização: Alfred Hitchcock (EUA — 1954). Interpretação: James Stewart, Grace Kelly, Wendell Corey. Cor; Suspense; 107 minutos; m/12 anos; ed. Edivideo/CIC.

★★★★★



James Stewart e Grace Kelly num filme genial, agora disponível em videocassete

SÁBADO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família
12.00 - Defesa do Ambiente
12.30 - Estrada Larga
13.00 - Notícias
13.10 - Especial National Geographic
14.00 - Parlamento
14.30 - Lucky Luke
15.00 - Sobe e Desce



«Juventude e Família»

16.00 - Sessão da Tarde

«O Outro Amor», de Melville Shavelson (EUA—1983): Muitas vezes, os telefilmes aproveitam-se de situações mais ou menos caricatas para traçar retratos dos usos e costumes do nosso tempo. É o caso deste em que, em tom de comédia, se narra a odisséia de um viúvo ainda cheio de energia que se sente atraído por uma mulher muito mais jovem do que ele. Tendo aparentemente reencontrado uma companheira capaz de o fazer feliz, o aparecimento de uma outra mulher da sua idade vem obrigá-lo, com ironia e algum humor, a repensar toda a sua existência. No papel dessa «outra mulher», vamos encontrar Anne Meara (aliás, também co-responsável pelo argumento), uma vedeta bem conhecida na televisão americana. A realização é assinada por Melville Shavelson, cineasta e produtor que começou a sua carreira nos anos 40, como autor de «sketches» para Bob Hope e Dany Kaye; entre os seus trabalhos para cinema conta-se «Começou em Nápoles» (1960), com Clark Gable e Sophia Loren. Interpretação: Hal Linden, Anne Meara, Medolyn Smith, Warren Berlinger, Joe Regalbuto. Duração: 100 minutos.

17.30 - Fisga
18.25 - Viva a Música
19.05 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.00 - Boletim Meteorológico
21.05 - A Relíquia
22.25 - Deixem Passar a Música
Com Carlos Mendes

23.20 - Cinema da Meia-Noite

«Dillinger», de John Milius (EUA—1973): Iniciando um ciclo de filmes de gangsters no «Cinema da Meia Noite», «Dillinger» é um exemplo da produção dos anos 70 onde se traça um retrato frio e desencantado da violência que marcou uma época. Trata-se também do primeiro trabalho de realização de John Millius que começou por se distinguir como argumentista; antes de «Dillinger», fora responsável pelos argumentos de filmes como «O Juiz Roy Bean» e «As Brancas Montanhas da Morte», estando depois o seu nome associado a «Apocalypse Now» e «1941». Embora o filme de gansters constitua uma tradição importante na produção clássica americana, Millius não se mostra exactamente interessado em fazer uma evocação mais ou menos revivalista do género. A verdadeira temática de «Dillinger» é o confronto de poderes e a sua cristalização simbólica em duas figuras: de um lado Dillinger, do outro o polícia do FBI, Melvin Purvis. Cada um no interior do seu território afirma-se como um «leader» que, para além de acidentes ou oposições, consegue impor a sua lógica. Neste sentido, algo do «western» clássico passa por aqui: este é o duelo implacável entre dois senhores, até ao aniquilamento de um deles. Um dos aspectos mais fortes do filme de Milius provém da cuidadosa utilização de uma galeria de actores que, habitualmente, são relegados para papéis mais ou menos secundários. Entre eles, será justo destacar Warren Oates e Ben Johnson, respectivamente como Dillinger e Purvis, e ainda Harry Stanton (um secundário crónico) e Richard Dreyfuss (no mesmo ano da sua revelação em «American Graffiti»). Aliás, tal aspecto é um sintoma do próprio posicionamento de «Dillinger» na indústria americana da época: trata-se de uma produção da American International Pictures, uma pequena empresa que, em especial devido ao papel de Roger Corman, pôde afirmar-se como uma via singular no cinema americano dos anos 70. Interpretação: Warren Oates, Ben Johnson, Michelle Phillips, Cloris Leachman, Harry Dean Stanton. Duração: 107 minutos.

RTP 2

09.00 - Compacto Count Down
13.00 - Compacto «Tudo ou Nada»
16.00 - Troféu
20.00 - Almanaque
20.05 - Som da Surpresa
Jazz
21.05 - Strindberg
Estreia
21.55 - Concordou Talvez Não

DOMINGO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família
11.15 - Eucaristia Dominical
12.00 - 70 X 7
12.30 - TV Rural
13.00 - Notícias
13.10 - O Som da Casa



«A Casa de Irene»

14.05 - A Casa de Irene
14.25 - Cosmos
15.30 - Primeira Matiné

«O Mundo nos seus Braços», de Raoul-Walsh (EUA—1952): Raoul Walsh é um dos grandes fundadores do cinema americano. A sua obra, repartida por meio século (1914/1964), é um impressionante painel de títulos de quase todos os géneros e tendências (hoje mesmo, na rubrica «Cineclube» passa «O Ladrão de Bagdad», uma das suas obras-primas mudas). Este «O Mundo nos seus Braços» pertence à vaga de cinema de aventuras que marcou a produção americana dos anos 50, afinal aquela onde muitos cineastas contemporâneos foram colher inspiração para o chamado «regresso da grande aventura». Combinando as sequências de acção com uma intriga romanesca em torno do par Gregory Peck/Ann Blyth, Walsh não se afasta das convenções do género. O que distingue o seu trabalho é, acima de tudo, a capacidade de transcender essas convenções através de uma energia física e narrativa verdadeiramente invulgar. Confiando-se como um notável paisagista, Walsh sabe tirar partido dos cenários naturais (com a contribuição preciosa do director de fotografia Russell Metty), de modo a tratar o espaço como um imponente teatro de cores e contrastes onde se vem revelara grandiosidade ou a fragilidade dos seus heróis. No mesmo ano de 1952, Walsh dirigiria outro título célebre da aventura — «Barba Negra, o Pirata» — revelando, assim, a espantosa vitalidade da sua carreira (em alguns anos, realizou três e mais longas-metragens). Esse é, afinal, um sintoma perfeito do «segredo» mais fundo do seu universo: um exuberante gosto pela vida e a entrega ao trabalho de «mise en scène» com uma felicidade feita de cor, movimento, acção e emoção. Ele é, enfim, um dos nomes grandes dessa família de pioneiros que tem em John Ford a sua referência central. Interpretação: Gregory pack, Ann Blyth, Anthony Quinn, John McIntire, Andrea King. Duração: 104 minutos.

17.30 - Clube Amigos

Disney

18.45 - Um Anjo na Terra
19.35 - Saber Saúde
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - Boletim Meteorológico
20.40 - Programa Recreativo
21.40 - O Polvo-3
22.35 - Domingo Desportivo

RTP 2

09.00 - Musica Box
10.00 - Troféu
12.30 - Juventude e Família
13.00 - Caminhos
13.20 - Novos Horizontes
13.40 - TV Mulher
14.10 - A Evolução do Homem
15.00 - Troféu
17.00 - Seja Bem Vídeo
18.00 - A Tia de Frankenstein
19.55 - Almanaque



«Quem Sai aos Seus...»

20.00 - Quem Sai aos Seus...
18.55 - Piano Bar



Marilyn Monroe

20.25 - Arte e Letras
«N. Jean Baker (Marilyn Monroe)»
21.25 - Cine-Clube
Obras Primas do Cinema Mudo Americano.
«O Ladrão de Bagdad», de Raoul Walsh (EUA—1924): Um dos clássicos imorredoiros do cinema mudo americano, apogeu da carreira de Douglas Fairbanks.
Cenários, efeitos especiais, artificialismo, exuberância exótica e feliz, o sorriso de Fairbanks, tudo são motivos de entusiasmo ante este filme.
E será que ele vem com uma versão tintada, próxima do original?
Interpretação: Douglas Fairbanks, Snitz Edwards, Charles Belcher, Julianne Johnston, etc. Duração: 158 minutos.

SEGUNDA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.01 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
17.35 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando



Manoel de Oliveira em «Grande Ecrã»

18.20 - Grande Ecrã

«Manoel de Oliveira». Programa conduzido por Eduardo Prado Coelho. Destaque para os exertos dos filmes «Douro Faina Fluvial», «Francisca» e «Benilde ou a Virgem Mãe».

18.55 - O Império de Carson

A notícia da «doença» de Edgar espalha-se e, num jantar em casa de Godfrey, na presença de Sir Humphrey Moore, ele é posto à prova.

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.10 - Saber a Valer
22.25 - A Clínica da Floresta Negra

Arthur Wilkens, um misto de vagabundo e de viajante, dá entrada na Clínica da Floresta Negra com um tornezo partido. Como não tem assistência social é o professor Birkmann quem lhe paga todas as despesas e, em troca, Wilkens fica a trabalhar na Clínica como jardineiro. Mas, apesar das suas boas intenções, Wilkens não consegue resistir ao desejo de viajar e acaba por desaparecer.

23.25 - 24 Horas

23.55 - Remate

RTP 2

13.15 - Countdown
14.10 - Agora Escolha!
15.10 - 2º Concurso Europeu para Jovens Bailarinos
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.00 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Totally Live
19.55 - Hitchcock Apresenta
20.20 - Os Malucos do Circo
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Bolsa & Negócios
22.00 - Teatro

«O Pai», de August Strindberg. Trata-se de uma peça do autor teatral mais importante da Suécia. Durante a década de 1880 escreveu uma série de peças naturalistas, entre as quais «Miss Julie» e «O Pai», sendo esta última a sua obra mais conhecida e de maior impacto. O tema de «The Father» («O Pai») é um casamento em que a única filha do casal se transforma numa arma que aquele usa no seu combate. O marido, um oficial e cientista, representa um machista superhomem que era a expressão de uma sociedade particular e extremamente disciplinada. Neste ambiente, a fraqueza da mulher é compensada pelo seu espírito inventivo e a força que tem, não como mulher, mas como mãe. A obra de Strindberg tem a estrutura rigorosa de uma Tragédia Grega. Ao insinuar que o marido não é o pai da sua filha, a mulher vai, gradualmente, enlouquecendo-o. No entanto, tal como em «Miss Julie», o realizador Alf Sjöberg quebra a estrutura dramática da peça ao transportá-la, na parte final, para uma época mais moderna.

TERÇA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.10 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
17.35 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.25 - A Mão e o Homem em Projecto

O desafio do grande mar e a música das navegações: imagens de símbolo, documentos antigos. A função dos grandes barcos de carga, a sua pose e o seu trajecto, e a faina dos pequenos barcos de madeira nas suas pescas artesanais. O fascínio e a medida dos recursos da Natureza. Paralelo entre a indústria naval nos grandes estaleiros (construção e reparação) e os estaleiros de embarcações de madeira. As gravuras da memória antiga. Sempre a mão trabalhando os respectivos materiais em tais espaços de construção, a mão como símbolo permanente de uma particular vitalidade criadora.

18.55 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.10 - Primeira Página
22.15 - Acção em Miami

Crockett e Tubbs partem à descoberta de um grupo de terroristas e traficantes de droga, responsável pela morte de um jovem polícia e por ferimentos graves noutro. Entretanto, Crockett recebe os documentos relativos ao pedido de divórcio, por parte da mulher, que quer ir viver para Atlanta com o filho.

23.20 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP 2

13.15 - Countdown
14.00 - Dois dedos de Conversa
15.40 - Quando as Mulheres Triunfam

1920. Milhares de homens dados como desaparecidos é uma das muitas consequências da I Guerra Mundial. Florence Potter é uma das mulheres casadas cujo marido não regressara de França. Mas, ultimamente, Florence anda obcecada com a ideia de que vira o marido, e a sombra dele persegue-a pelas ruas de Londres. Ao ver um anúncio de «Ladies in Charge», Florence dirige-se à agência e, embora com uma certa relutância inicial, acaba por pedir ajuda.

16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Totaly Live
19.55 - Hitchcock Apresenta
20.20 - Os Malucos do Circo
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove



Jean-Luc Godard, realizador de «Grandeza e Decadência de uma Pequena Empresa de Cinema»

21.35 - Cinemadois
«Grandeza e Decadência de uma Pequena Empresa de Cinema», de Jean-Luc Godard (França—1986): Há quem sustente a contínua genialidade de Godard, há quem afirme que o cineasta se encontra paralisado e começa a parecer um realizador que tem a mania que é o Godard. Mas — seja lá como for — a estreia do seu mais recente filmeto RTP é um acontecimento. Intérpretes: Jean-Pierre Leaud, Jean-Pierre Mocky, Jean-Luc Godard. Duração: 90 minutos.

QUARTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.01 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
17.35 - Sumário
18.40 - Brinca Brincando
18.25 - Portugal de Faca e Garfo
«Abertura e Caça»: Nem agricultor nem caçador, o homem primitivo encontrou nos produtos que a natureza lhe oferecia a base da sua alimentação, constituída, de início, e só no que se reserva à fauna, por ovos, crias de animais velhos ou feridos de fácil captura, até mesmo por animais que encontrava mortos. Sendo desde o início fonte importante para a obtenção de alimentos, a caça transformou-se em campo privilegiado da gastronomia.
18.55 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico



«Roque Santeiro»

20.15 - Roque Santeiro
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.35 - Lotação Esgotada
«Paragem de Autocarro», de Joshua Logan (EUA—1956): Prossegue o ciclo dedicado a Marilyn com aquele que foi um dos seus grandes sucessos. Espera-se que a RTP tenha adquirido a cópia em Cinemascope, a única capaz de restituir, com a possível fidelidade, o espaço dramático desta comédia. Intérpretes: Marilyn Monroe, Don Murray, Betty Field, Arthur O'Connell, Eileen Heckart. Duração: 96 minutos.
23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate

RTP-2

13.15 - Countdown
14.00 - Agora, Escolha!
15.30 - Futebol
Transmissão do jogo Portugal-Suiça de júnior
17.15 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Totaly Live
19.55 - Hitchcock Apresenta
20.20 - Os Malucos do Circo
20.55 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Fantasia e Realidade
O cineasta iraniano Reza Allameh Zadeh, refugiado na Holanda, dirigiu «Umas Simples Frases» com a intenção de mostrar que não é fácil a inserção de seres humanos, forçados a emigrar, desconhecendo a língua e os costumes locais... A canção «Tenderly», interpretada por Ella Fitzgerald e pelo trio de Oscar Peterson, inspirou a John Hubley uma bela história de dois jovens apaixonados: «Jogo de Ternuras».
22.00 - Clube de Imprensa
22.35 - Crime Organizado nos EUA
Este episódio ocupa-se, em especial, da exploração dos trabalhadores americanos e domínio dos sindicatos pela Máfia. Como é que a organização se infiltrou nos sindicatos? Quais os seus objectivos? Quais os sindicatos que estão sob controlo? Eis algumas das questões a que se procura responder.

QUINTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
17.35 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.25 - Você sabia Que...
Pretende-se gravar um diálogo de pergunta resposta com o telespectador no sentido de se abordarem de forma algo despreocupada assuntos tão diversos quanto os 31 temas tratados ao longo de seis episódios. Do castro às povoações fortificadas a evolução natural da habitação humana, suas formas e contornos, os modos de vida, como primeiro tema do episódio. Lagariça é como é conhecida uma curiosa construção talhada na rocha existentes em castelo Novo, enorme concha que tudo indica foi local comunitário de pisa de uvas ou azeitonas é um insólito que surge juntamente como um outro referente à igreja de Reguengos de Monsaraz a dar um toque surrealista.

18.55 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia-a-Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro



Sequeira Costa: última Sonata na RTP

21.10 - Primeiro Andamento
Nesta série dedicada às Sonatas de Beethoven, Sequeira Costa interpreta a «Sonatas Op. 7».
21.30 - Telemundo
22.00 - Anastásia
23.05 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP-2

13.15 - Countdown
14.10 - Pano Para Mangas
15.40 - As Blue Bell
O novo grupo formado por Bluebell é o grande êxito de Paris. O seu triunfo no Cinema Paramount leva-a, de novo, ao Folies Bergère, onde apesar dos problemas com atracções como Mistinguett e Chevalier, as «Bluebell Girls» são as vedetas favoritas. Os nazis invadem a capital francesa e Bluebell é presa.
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Totaly Live
19.55 - Hitchcock Apresenta
20.20 - Os Malucos do Circo
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Já Está!
23.00 - As Teias da Lei
Sifuentes é convidado a ir jantar a casa dos Brackman efica furioso quando eles lhe pedem que ele case com a criada Estella. McKenzie Markowitz e Brackman ocupam-se de um recurso de um milionário sexagenário contra uma decisão da administração fiscal e Kuzak trata em tribunal do caso de um jovem que ficara ferido num acidente num parque de diversões. E, na ida para o julgamento, tenta de novo conquistar Grace Van Owen...

SEXTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
As aventuras hilariantes do pequeno Arnold, na série norte-americana «Different Strokes», ocupam parte da primeira hora deste programa. Um começo bem disposto para um tema algo sombrio: «A superstição». Estamos numa sexta-feira, dia 13, os convidados no estúdio são 13 pessoas. Além disso, também tudo está preparado para que passe um gato preto frente à câmara, para que alguém passe debaixo de uma escada, para que um espelho se parta... Vamos lá a ver se dá azar!



«Tudo ou Nada»

12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
17.35 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.20 - Os Anos Não Contam
18.55 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.10 - Scadinavian Connection
22.10 - O Programa das Festas
22.55 - 24 Horas
23.30 - Remate
23.45 - Pela Noite Dentro
«O Rapto»

RTP 2

13.15 - Countdown
14.10 - Agora, Escolha!
15.40 - O Mundo é um Palco
Em Londres, durante o período isabelino, a margem sul do Tamisa era um centro de divertimento popular onde se podia ver desde lutas de galos e espectáculos de maionetas e de teatro ao ar livre. Foi aí, também, que as peças de Shakespeare, o maior dramaturgo de sempre, começaram a ser conhecidas. Cenas características de «Mankind», uma peça moralista do século XV e de um interlúdio da época Tudor, mostram-nos o desenvolvimento do drama poético desde a tradição dos actores ambulantes até Marlowe e Shakespeare. Extratos do «Dr. Fausto», do prólogo de «Henrique V» e de «Hamlet», com Jeremy Irons e Paul Rogers, são postas em cena por Michael Langham, numa réplica de Globe Theatre em Utah, nos Estados Unidos.
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Totaly Live
19.55 - Hitchcock Apresenta
20.20 - Os Malucos do Circo
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube de Jornalistas
22.10 - Fanny e Alexandre
23.25 - Troféu



Io Apolloni: uma actriz no Laura Alves

Agenda do essencial

Além da novidade coimbrã com a estreia de **O Sonho**, de Strindberg, pelo TEUC, com encenação de Rogério de Carvalho (ver capa), a semana do «Cartaz» abre com uma novidade que fala francês, como aconteceu na semana passada. Trata-se da estreia no Instituto Franco-Português de **Les Lettres de la Religieuse Portugaise**, com encenação de Jean-Marie Lejude.

Quanto a novidades, que se saiba, não há mais. Mas há o que já havia: na Comuna, **Os Dois Corcundas e a Lua**, de Richard Dénarcy, encenação de João Mota; no Teatro Maria Matos, **Toma Lá Revista**, de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal; no Teatro ABC, **Lisboa, Tejo e Tudo**, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia; no Teatro Aberto, **A Dama do Maxim's**, de Georges Feydeau, encenação de João Lourenço; no Teatro Nacional D. Maria II, **Gueras de Alecrim e Mangerona**, enc. de Carlos Avilez; no Teatro Laura Alves, **Socorro... Sou uma Mulher de Sucesso**, encenação de Io Apol-

ni; no Teatro do Século, **Metro-Cabaret**, texto e encenação de Fernando Gomes; no Teatro Villaret, **Criada para Todo o Serviço**, de Barillet & Grédy, encenação de Armando Cortez; na Drogaria Ideal, **Mulheres de Calças**, com Zita Duarte.

Fora de Lisboa: em Setúbal, **O Médico à Força**, de Molière, encenação de Carlos César, pelo TAS; no Porto, **O Tio Vânia**, de Tchekhov, encenação de Fernando Umaña, pelo Seiva Trupe; na Chamusca continua o Festival organizado pelo grupo Borda d'Água.

Atenção à RTP: na 2, sexta, às 15.35, em reposição, **O Mundo é um Palco**; no sábado, às 21.00, início da série **Strindberg, Uma Vida**, com texto de Per Olov Enquist, autor da peça **A Noite das Tribadas**, encenada por Fernanda Lapa no Trindade, também ela sobre Strindberg. E a propósito de Strindberg, não esquecer: na segunda, às 21.45, na RTP/2, uma das mais célebres peças do dramaturgo sueco encenada por um grande realizador, Alf Sjöberg: **O Pai**.



A pergunta da semana

A SEC vai apoiar, como deve, o Centro Dramático Intermunicipal, senhora secretária de Estado da Cultura?

ÚLTIMA HORA

■ A convite da Fundação Salamanca, Luiz Francisco Rebello profere na próxima segunda-feira, dia 9, nessa cidade uma conferência sobre a dramaturgia portuguesa dos últimos dez anos.

■ Teatro da Mala-Posta, nome possível para o Centro Dramático Intermunicipal, segundo o «Diário de Notícias».

■ Gabriel Garcia Marquez escreveu um monólogo para uma mulher com o título **Diatrise de Amor contra Um Homem Sentado**, primeira obra dramática do autor de «100 Anos de Solidão».

■ A Lua Começa a Ser Real, verso de Pessoa/Alvaro de Campos (Quase uma Ode), título de mais um espectáculo com textos do genial Poeta. Nomes conhecidos na dramaturgia e encenação: Manoel Carlos e António Abumjara.

■ Início ontem no Centro Nacional de Cultura do Ciclo de Teatro Vicentino orientado por Pisany Burnay.

■ Domingo, no Porto, na Casa de Serralves, no ciclo sobre O Expressionismo, Eugénia Vasques fala de O Expressionismo e o Teatro.

■ Relatório para uma Academia, texto de Kafka, vai ser interpretado por João d'Ávila, com encenação de Durval Lucena, num espectáculo a apresentar na Sala Gil Vicente do Teatro Nacional.

■ Revela o «Éxito» que a próxima revista do ABC, já em ensaios, está a ser escrita por César de Oliveira (um abraço, Cesar) e por Henrique Santana. Música: Ferrer Trindade, Jorge Machado e Casal Ribeiro.

■ Moura Pinheiro é o encenador de Édipo, Rei, a tragédia de Sófocles, em ensaios no TEAR.

COMUNA

Praça de Espanha
Tel. 7260818
Sala Nova

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00.)

Os Dois Corcundas e a Lua, de Richard Dénarcy. Trad.: Isabel Medina. Enc.: João Mota. Int.: Carlos Paulo e Paulo Ferreira; Jorge Loureiro, Manuela Couto, Almeno Gonçalves e Cucha Carvalheiro.
Quando o teatro e a poesia se dão as mãos...

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS

Av. Luís Bivar, 91
Tel. 544574

(De terça a sexta, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00.)

Les Lettres de la Religieuse Portugaise, Enc.: Jean-Marie Lejude. Fig.: Jasmin. Cen.: João Calvário. Mús.: Fernando Marques. Int.: Solange Charlot, Maria Mendes e Alexandre Melo.

TEATRO ABC

Parque Mayer
Tel. 366745

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00; domingos, às 21.30.)

Lisboa, Tejo e Tudo, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Enc.: César de Oliveira. Int.: Camacho Costa, Cláudia Martins, Carlos Miguel, José Freixo, Gina Espadinha, Mariema, Natalina José, Paulo César, Rui de Sá, Vera Mónica, etc.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha
Tel. 770969

(De quarta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00.)

A Dama do Maxim's, de Georges Feydeau, pelo Novo Grupo. Trad.: Luiz Francisco Rebello, Vera San Payo Lemos e João Lourenço. Enc.: João Lourenço. Cen.: Nuno Carinhas. Fig: Vera Castro. Mús.: Eduardo Paes Mamede. Int.: Amílcar Botica, António Rui, Canto e Castro, Cristina Carvalhal, Fernanda Montemor, Francisco Pestana, Ilda Seabra, Irene Cruz, Isabel Ribas, João Baião, Joaquim Rosa, Jorge Gonçalves, José Pedro Gomes, Luís Oscar, Luísa Salgueiro, Manuela Cassola, Melim Teixeira, Paulo Filipe, Paulo Matos, Teresa Sobral e Virgílio Castela.

O êxito de Feydeau na interpretação do Teatro Aberto.

TEATRO LAURA ALVES

Rua da Palma, 251
Tel. 863977

(De quinta a domingo, às 21.30; sábados, domingos e feriados, às 16.00.)

Socorro... Sou uma Mulher de Sucesso, comédia musical em versão livre de Carlos Paulo e Io Apolloni. Enc./Int.: Io Apolloni.
Uma (grande) actriz confessa-se.

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras
Tel. 897017

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45.)

Toma Lá Revista, de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal, pela C.^a do Teatro Maria Vitória. Mús.: João Vasconcelos, Fernando Correia Martins, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro. Enc.: F. Nicholson. Cor.: Magda Cardoso. Cen.: Moniz Ribeiro. Fig.: Helena Reis. Int.: Eugénio Salvador, Simone de

Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha, Marina Mota, Fernando Mendes, Leonor Edviges, Carlos Ivo, Maria João Abreu, Marília Barroso, Fernando Ferrão, Cristina Areia, Eva Cristina e Rute Correia.

NACIONAL D. MARIA II

Rossio
Tel 372246
Sala Garrett

(De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00.)

Gueras de Alecrim e Mangerona, de António José da Silva (O Judeu). Enc.: Carlos Avilez. Cen.: Helena Reis. Int.: António Anjos, Carlos Pimenta, Catarina Avelar, Fernanda Borsatti, João de Carvalho, Manuel Coelho, Paula Mora, S. José Lapa e Vítor Ribeiro.
Espectáculo em reposição.

TEATRO DO SÉCULO

Rua do Século, 41
Tel. 324704

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00.)

Metro Cabaret. Texto/Enc.: Fernando Gomes. Mús.: Zé Carraça. Int.: Fernando Gomes, Maria Vieira e Adriano Luz.

VILLARET

Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A
Tel. 538586

(De terça a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30.)

Criada para Todo o Serviço, de Barillet & Grédy. Adapt./Enc.: Armando Cortez. Prod.: Vasco Morgado. Int.: Alexandra Pereira, Armando Cortez, Florbela Queirós, Manuela Maria e Norberto de Sousa.

PORTO

SALA DO POVO PORTUENSE

Rua de Camões
Tel. 28344

(De terça a domingo, às 21.45.)

Tio Vânia, de Anton Tchekhov, pela Seiva Trupe. Enc.: Fernando Umaña. Int.: Alberto Quaresma, Alfredo Correia, Estrela Novais, Glória Férias, Júlio Cardoso, Laura Perry, etc.

SETÚBAL

TEATRO DE BOLSO

Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9
Tel. 29130

(Quintas e sextas, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30.)

O Médico à Força, de Molière, pelo TAS. Enc.: Carlos César e Asdrúbal Teles. Int.: Carlos Rodrigues, Maria Clementina, João Vítor, Nuno Mello, Rui Serra, etc.

CHAMUSCA
Festival de Teatro/87

(Hoje, sexta)

Auto da Ciosa, de António Prestes, pelo Centro Cultural de Évora.

(Amanhã e sábado)

Os Bonecos de Santo Aleixo.

RTP/2

Sexta, 6, às 15.35

O Mundo é um Palco, série da BBC, em reposição.

Sábado, 7, às 21.00

Série **Strindberg, Uma Vida**, de Per Olov Enquist.

Segunda, 9 às 21.45

O Pai, de Strindberg, realização de Alf Sjöberg.

Tudo para ver e rever.

1.º ACTO

Cultura e Dinheiro

Cada vez é maior a confusão entre a cultura e o dinheiro. As notícias que a esse respeito chegam ao Porto seriam para rir se não trouxessem coisas bem tristes, bem lamentáveis.

Um conjunto de entidades culturais daquela cidade viu-se obrigado a emitir o seguinte comunicado:

Os organismos culturais da cidade do Porto, contando-se entre eles utilizadores habituais do Auditório Nacional Carlos Alberto, reunidos no dia 22/10/1987, manifestam a sua surpresa e total repúdio pela nova política de cedência daquele espaço, verbal e pessoalmente anunciada pelo novo delegado da Secretaria de Estado da Cultura no Porto, Eng.º João Diogo Alpendurada.

Em resumo, propõe-se aquele delegado, a pretexto de uma pretensa viabilização económica do Auditório, que os organismos ignoram e estranham como possa dar prejuízo — exigir aos seus utilizadores uma taxa de ocupação de 130 000\$00 por dia, sujeita a descontos cujos critérios não são revelados. Esta medida entraria, segundo as informações prestadas, imediatamente em vigor, abrangendo os compromissos já assumidos, violando assim as mais elementares expectativas dos organismos culturais. Estes, como entidades não lucrativas, não estão actualmente preparados para enfrentar a filosofia neodarwinista que aquele responsável parece defender, porventura mal informado sobre a importância da função social por eles desempenhada.

Os organismos reunidos, neste contexto, exigem o esclarecimento cabal de qual a verdadeira política da Secretaria de Estado da Cultura em relação ao Auditório Nacional Carlos Alberto, mormente no que diz respeito à cedência do Auditório aos organismos culturais da cidade.

Decidem ainda manifestar o seu protesto contra as anunciadas medidas que, a serem implementadas, comprometerão gravemente a actividade e a própria existência dos organismos culturais do Porto.

Assinam estes documentos: Círculo Portuense de Opera/FITEI/Teatro Experimental do Porto/Cineclube do Norte/Cineclube do Porto/Coral de Letras da Universidade do Porto/Oficina Musical do Porto.

A este propósito o Jornal de Notícias publicou no dia 28 de Outubro uma entrevista com o delegado da SEC intitulada: Organismos do Porto contra taxas da SEC — Novos Preços do Carlos Alberto asfixiam a Cultura. Declara o sr. eng.º Alpendurada: Não se pode continuar a subsidiar através de acordos de cedência fundados em critérios flúidos por organismos culturais, na sua maioria já contemplados com os favores do mecenato estatal.

Esta descoberta é de facto sensacional. Que em Portugal os organismos culturais sejam favorecidos (obrigado sr. eng.º) pelo mecenato do Estado que é uma figura que evidentemente só existe na cabeça do sr. eng.º, é coisa que não se pensaria possível mas neste país tudo é possível. Está-se mesmo a ver: o sr. eng.º ouviu dizer que era preciso rentabilizar e vai daí pensou que o melhor seria começar por aí, por obrigar a cultura a dar lucro. A cultura e portanto os grupos de teatro e os cineclubes, a ópera, pois então, e porque não há-de dar dinheiro a Universidade e os hospitais e os bombeiros, e a Presidência da República? Se é tudo uma questão de rentabilidade para que diabo existe a cultura quando se sabe que a actividade cultural não pode ser contabilizada nesses termos?

Vejamos como o sr. eng.º Alpendurada levanta um pouco mais de véu: «Com esta nova filosofia de cedên-

cia a delegação da SEC no Porto estará em condições de incentivar uma produção própria, como já está a verificar-se através de agendamentos de espectáculos com grupos teatrais de Lisboa».

Não é uma ternura, este sr.º eng.º? Então os espectáculos apresentados no Auditório Carlos Alberto por grupos de Lisboa passam a ser produções próprias (da SEC? Do Carlos Alberto?)? Então os grupos idos de Lisboa não estarão sujeitos às mesmas taxas dos grupos do Porto? Vejamos: diz o sr.º eng.º: «Não pode pactuar com uma situação em que um espaço compartilhado — com capacidade para 600 espectadores — abriga espectáculos assistidos e participados por 30 ou 40 pessoas. Essas entidades devem sondar salas alternativas mais compatíveis com a natureza desses eventos».

Mas então isso acontece só com grupos do Porto (e quais?), não acontece com grupos de Lisboa? Mas então o sr.º eng.º ignora que a actividade artística luta com dificuldades que só podem ser resolvidas com o apoio de todos e não com o agravamento de problemas tal como S.Exc.ª (vale a excelência?) determina? Então é a isso que se chama estar na Europa, sr.º eng.º?

Mas não haverá uma outra hipótese? Imagine-se o seguinte: o sr.º eng.º Alpendurada coloca os preços de cedência do Carlos Alberto a preços inacessíveis para as entidades culturais interessadas. Estas entidades viram-se então para empresas privadas capazes de ceder os seus espaços a preços menos exagerados e em certos casos possíveis? Então, não é uma hipótese? E nessa altura o sr.º eng.º já não seria o que parece mas seria outra coisa, não era?

E a Senhora secretária de Estado da Cultura tem conhecimento do que se passa? E, nesse caso, está de acordo?

MARGENS

Debate no Vitória

Segunda-feira, dia 9, às 21.30, no Centro Vitória, Av. da Liberdade, 170, um debate sobre a actual situação do Teatro em Portugal aberto a todos os interessados.

Questões propostas:

Para onde vai o Teatro em Portugal? Que problemas e perspectivas tem? Como actua o Poder Central? Esmolas, subsídios dados e negados. Que alternativas existem? Que caminhos é possível abrir?

Estarão na mesa, entre outros, Artur Ramos, Carlos Porto, Curado Ribeiro, Helder Costa, Helena Seródio, Luzia Maria Martins, Jose Martins, Mario Jacques.

Prémios para Jovens

O júri dos Prémios de Teatro da 1.ª Mostra Portuguesa Artes e Ideias acabou por não ter espectáculo a que atribuir o prémio de melhor espectáculo já que foi bastante fraco o nível dos espectáculos apresentados. Prémios atribuídos:

Encenação/Américo Rodrigues pelo seu trabalho com a peça de Manuel Grangeiro Crespo **Homem & C.ª**, do grupo Aquilo, da Guarda; **Américo Rodrigues** obteve também o prémio para a **Melhor Interpretação**, «ex aequo» com **Silvia Brito**, interprete em **A Cantora Careca**, de Ionesco, espectáculo do Grupo Cénico de Direito. Menção honrosa em **Interpretação** para **João Jorge** interprete unico em **Ao Longo, Ao Longo da Longa Rua**, adaptação do conto de Wolfgang Borchert, do grupo A Teia, de Lisboa. **Prémio para Música Original** para **José Neves** também do grupo Aquilo.

2.º ACTO

Cultura: rectificação e reforço

O que aqui escrevemos na semana passada sobre uma daquelas horribes barracas para venda de jornais que apareceu colocada mesmo em frente da SEC deixou de ter razão de ser. Mesmo antes do nosso texto aparecer a barraca mudou de sítio, e ainda bem (embora continue a ser como as outras um horror, mais uma gracinha que ficamos a dever ao sr. eng.º Abecasis). Por aqui, as

coisas melhoraram; mas na RTP? No domingo passado, no programa O Som da Casa uma voz apresentava Luiz de Sítua Monteiro como autor das peças — Angústia para o Jantar e **Felizmente Há Luar**. Não devia ter muita importância porque o autor, que estava presente, salvo erro, não emendou. Aliás, ele mesmo, depois de declarar a sua imensa admiração por Amália, aliás justa,

declarou que ouviu Amália ou ouvir as Doce lhe dava o mesmo gozo. E não foi também por estes dias (sic) que se ouviu, num noticiário, uma voz off falar em caracteres (sic) a propósito do primeiro livro impresso em Portugal?

Carlos Porto

ESTANTE

Artigos & Miudezas

Na revista «Prelo» (1), **O Ano Literário de 1986** com Maria Helena Seródio responsável pelo **Balanco da Actividade Dramática**. Convém ter em conta a designação: actividade e não literatura dramática, o que parece querer aproximar o projecto do balanço da realidade mais especificamente teatral, a que passa pelo palco. Daí a referência a textos estreados em palco e não publicados (**Cesário Quê?**, de Luzia Maria Martins, **E Godot Sempre Chegou**, de Alexandre Pastor, **O Subsídio**, de Nuno Artur Silva, **Nós de um Segredo**, de João Brites, etc.). O estudo inclui ainda referências, necessariamente breves, a reedições de clássicos, a textos só publicados, a algumas traduções cuja qualidade merece citação (caso das traduções de Manuel João Gomes, trabalho examinado com muito cuidado), textos encenados e publicados.

No que se refere a ensaísmo, Maria Helena Seródio não se limitou ao óbvio pois procurou textos menos vistos, como artigos de revistas ou de compilações (Osório Mateus, Mário Vieira de Carvalho, Duarte Ivo Cruz), ou obras em que o teatro

surge como metaliteratura, se assim se pode dizer (caso de Oscar Lopes em «Os Sinais e os Sentidos»). A articulista recupeira, aliás, alguns textos publicados em 85, mas não referenciados em 86, entre eles obras fundamentais como **História do Teatro de Revista em Portugal**, de Luiz Francisco Rebello, e **Uma Casa com Janelas para Dentro**, o soberbo livro de memórias de Costa Ferreira.

Balanco este elaborado com aquele rigor a que Maria Helena Seródio nos habituou nos trabalhos de crítica em «o diário».

Um outro balanço do ano teatral (textos) foi publicado por nós na revista «Colóquio/Letras» (2).

Ensaíes de xerox são os que surgem nas livrarias ao abrigo da didáctica de apoio. No campo do teatro é o que acontece em **Introdução à Leitura de Gil Vicente** (3), caderno destinado ao 10.º ano — Areas A-B-C-D-E — Cursos Complementares, e em **O Drama — Introdução à Leitura de «O Judeu»**, de **Bernardo Santareno** (4), destinado ao 12.º ano/4.º Curso.

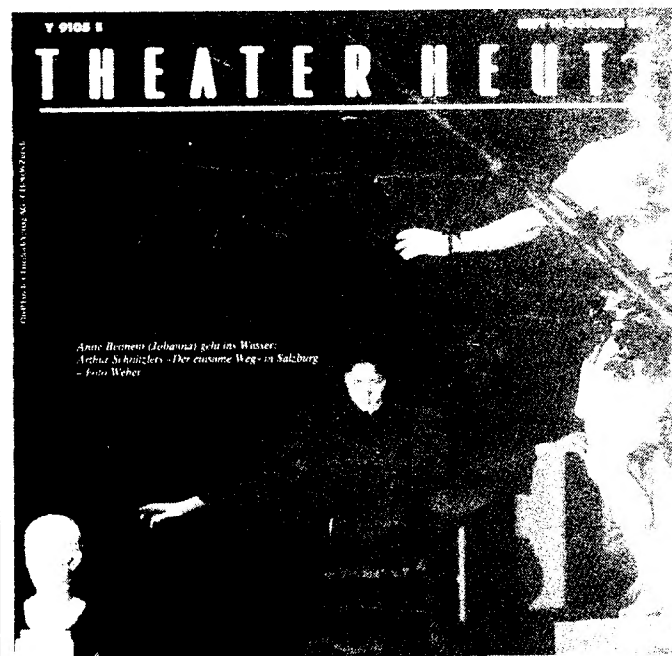
Trata-se de compilação e colagens de textos sobre o autor e a

obra focados, compilação e colagem que não são mais do que aproveitamentos parasitários do trabalho alheio. Até uma crítica nossa foi incluída no segundo caderno, o que nos honra mas só por se tratar de um trabalho sobre Bernardo Santareno.

O mais grave, contudo, é que não se consegue distinguir se existe alguma coisa de original nos dois cadernos ou se é tudo, de facto, colhido ou comido noutros, no caso de Santareno em especial no livro de José António Camelo e Maria Helena Pecante sobre «O Judeu» de Santareno, edição da Porto Editora.

Se ao menos estes cadernos ajudassem de facto os meninos e as meninas a saber alguma coisa sobre a matéria dada...

Tudo interessa a esta estante e por isso aqui registamos, que mais não vale: **Melhores Actores Saem da Rua 40** (5), artigo espanhol traduzido para «A Capital», com informação sobre o «Actor's Studio», do qual se conta a história: uma nota de Tito Lívio, crítico de «A Capital» com o título **Trabalho para a Infância merece mais apoios**, (6) a propósito do desinteresse



oficial sobre o teatro destinado aos mais pequenos.

Da RFA com imagens

Cá canta, mais um número do mensário **Theater Heute** (7), como sempre pontual. Na capa uma foto do festival de Salzburg que tem reportagem; outras reportagens: sobre o teatro estatal de Frankfurt, o teatro na China, o dramaturgo norte-americano Neil Simon de quem publica a peça **Brighton Beach Memoirs**. Ainda notícias do teatro nos paí-

ses de língua alemã, além de outra colaboração.

- (1) «Prelo» — n.º 14/Janeiro-Março 1987. Revista da Imprensa Nacional/C. Moeda.
- (2) «Colóquio/Letras» — n.º 96/Março-Abril 1987. Fundação Gulbenkian.
- (3) Edições Sebenta — Mem Martins — s/d.
- (4) Id — Cadernos de Estudos/Divulgação.
- (5) Juan Pando (Exclusivo EFE / A Capital) — «A Capital»/2-11-87.
- (6) Tito Lívio — **Trabalho para Infância merece mais apoios** — «A Capital»/2-11-87.
- (7) **Theater Heute** — n.º 10 — Outubro 1987.

ANTENA 1

SÁBADO SUAVE — Aos sábados, das 20 às 23.45; Realização de Vítor Nobre.

As artes, as letras, os espectáculos, a música, tudo num ritmo suave. Entre a bela voz de Vítor Nobre, profissional calejado, e o à vontade de Ricardo Saló se faz um bom programa cultural.

A ARTE DE BEM MADRUGAR — Aos domingos, das 2 às 6; Realização de Vítor Dias.

A única madrugada agradável da Rádio portuguesa, se não contarmos com as madrugadas musicais da RFM e do CMR, feitas de serenidade, boa música, e discreta companhia.

RISCO AO MEIO — De 2.^a a 6.^a, das 10 às 12; Realização de Armandinho Carvalheda.

Segunda-feira passada o Prof. Eduardo Luís Cortesão, que colaborou nesse dia da semana com o «Risco...», afirmou que ele era, se a memória não me falha... honesto e íntegro.

Não questiono, antes subscrevo, tal afirmação. O esforço de fazer uma Rádio viva e interveniente está amplamente presente neste programa. O que tenho criticado é o tom «demodé» em que por vezes ele é feito.

Mas voltarei em breve ao assunto.

RFM

IDEIAS LUMINOSAS — Aos sábados, das 21 às 22; programa do Clube Português de Arte e Ideias, com apresentação e realização de Nuno Infante do Carmo.

O balanço da 1.^a «Mostra de Artes e Ideias», realizada no Forum Picoas, será o conteúdo da emissão desta semana.

F E MISTÉRIO — Aos domingos, das 0 às 2; Realização de Maria Flor Pedroso.

Programa de vozes e sons femininos, com aberturas ao «masculino» quando há razões fortes... Uma presença mais segura e fluida de Maria Flor Pedroso, a provar que a «tarimba» também é necessária.

MERCADO DA MÚSICA — Aos domingos, das 13 às 15; Realização de José Maria Corte-Real.

Divulgação dos «tops» internacionais mais importantes, nomeadamente o dos Estados Unidos.

PRONTO A OUVIR — Aos domingos, das 16 às 18; Realização de João Chaves.

O homem do «Oceano Pacífico» dá aqui largas aos seus gostos musicais, com especial relevância para o «rock» sinfónico e a música da era que antecedeu a «new wave».

O ÚLTIMO METRO — De 2.^a a 6.^a, das 0 às 2; Realização de Nuno Infante do Carmo.

O único programa musical da RFM onde existe um verdadeiro trabalho de concepção e

A Comercial, de novo

Esta semana o destaque vai inteirinho para a Comercial, que, com «pezinhos de lã» iniciou já a sua nova grelha, ao menos no FM.

No FM seria mais premente, pois a opção de Rui Morrison pela RGT (Radiogeste) inviabilizou a continuação daquele que era, de longe, o melhor programa exclusivamente musical, da área do «rock», de toda a Rádio portuguesa.

Com mão de mestre, João David Nunes e Jaime Fernandes foram roubar Nuno Santos à Antena 1 para preencher parte desse vazio, e modificaram o horário de «O Som da Frente», ampliando-o em uma hora.

Aliás, a madrugada (1/3 da manhã) parece uma hora bem mais apropriada para este programa que se exprime como «o direito à diferença» e de há muito tem desempenhado funções de vanguarda na divulgação da música «rock».

Mas os rearranjos do FM aos dias de semana são pouco relevantes: parecendo antes que, mais uma vez, é o fim-de-semana que muda algo da sua estrutura.

Do regresso de José Nuno Martins às manhãs de domingo ao programa de grandes entrevistas de Júlio Isidro, passando pelo enorme (quatro horas de duração) «Cantante» de Luís Montez e pelas arrojadas «Séries» de Antó-

nio Sérgio, o menos que há a esperar é uma subida geral de qualidade da programação nos (nossos) dias de descanso.

Mas as preocupações dos responsáveis da Comercial parecem ir sobretudo no sentido da reabilitação da Onda Média, já que consideram que no FM pouco mais há a fazer e a mudar.

Jogando claramente em parrelhas de qualidade razoável e onde se juntam estilos e vocações diferenciadas (Ana Bola/Carlos Rebelo, Maria Alexandra/Manuel Luís Goucha e Jaime Lopes/Ana Maria Lucas), Jaime Fernandes e João David Nunes pretendem que os passatempos, a informação diversa e o diálogo com o ouvinte, tão típicos da Onda Média, se dignifiquem e tenham uma qualidade apreciável.

Com este esforço reforça-se a concorrência às «piratas», que embora transmitam em FM, têm na sua esmagadora maioria programação mais conforme o espírito tradicional da Onda Média.

O fim-de-semana também não foi esquecido, tal como as manhãs, mas com tempo lá voltaremos.

Até lá, penso que vale a pena (mais) uma espreitadela à Rádio Comercial.

Rui Cartaxo



João David Nunes e Jaime Fernandes

onde o trabalho de produção é relevante, feito por um entendido na matéria que tem vindo a melhorar gradualmente a sua presença aos microfones.

RÁDIO COMERCIAL - ONDA MÉDIA

CABO, CAIRO — Aos domingos, das 14 às 15; realização de Guilherme Galiano

Música africana pela mão de um jovem estudante angolano, seguramente mais bem informado e enquadrado na música desse fascinante continente.

OS BONS DIAS DA RÁDIO — De 2.^a a 6.^a, das 10 às 12.30; realização de Ana Bola e Carlos Rebelo.

A fazer lembrar o «Radio Days» de Woody Allen, beneficiando da irreverência e eclectismo de Ana Bola, que se fez profissional tarde, mas bem!

MARIA E MANEL — De 2.^a a 6.^a, das 14 às 17; Realização de

Maria Alexandra e Manuel Luís Goucha.

Experiência curiosa esta a de juntar uma jovem profissional com uma figura polivalente como Manuel Luís Goucha, que já demonstrou à saciedade, nomeadamente na TV, ter uma grande capacidade de comunicação.

RÁDIO COMERCIAL - FM ESTÉREO

ROCK EM STOCK — De 2.^a a 6.^a, das 16 às 18; realização de Luís Filipe Barros.

Com os rearranjos no FM Luís Filipe Barros é um dos «beneficiados», passando agora a ter a sua emissão de rock, que ele anima à boa maneira do «disk-jockey»; mais uma hora de transmissão.

O ROCK PODE ESPERAR — Aos sábados, das 20 às 22; realização de Humberto Boto.

O profissional da casa que melhor tem sabido dosear a passagem da música rock com músicas de outro tipo (étnicas da antiguidade, precursores de rock, etc.), agora a uma hora mais consentânea com os seus objectivos.

O CANTANTE — Aos domingos, das 14 às 18; realização de Luís Montez.

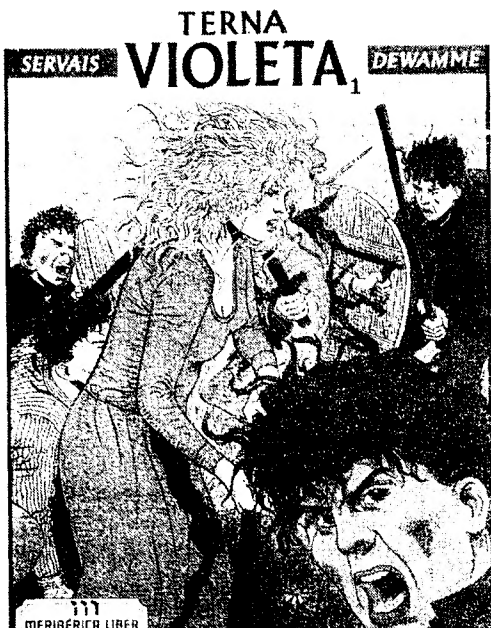
Uma das grandes promessas da Rádio portuguesa atira-se de cabeça para um programa longo, às tardes de domingo. Iniciativa arriscada, vamos a ver como resulta.

SÉRIES — Aos domingos, das 18 às 19; realização de António Sérgio.

António Sérgio vai começar com uma série de dezasseis (!) programas sobre os Doors. Iniciativa gigantesca, pode muito bem vir a ser um trabalho histórico sobre a vida de personagens importantes da cena «rock».

O SOM DA FRENTE — De 2.^a a 6.^a, da 1 às 3; realização de António Sérgio.

O percurso iniciado com «Rotação» na Renascença, e continuado com «Rolls Rock» e «O Som da Frente» na Comercial, continua agora com o regresso da «... Frente» à noite/madrugada. É um ciclo marcante que continua...



LIBERDADE, OH LIBERDADE

É constante o fascínio dos autores de B.D. pelos entes livres, livres a ponto de não serem muito sociáveis. Violeta só é mais um desses seres que negam as condicionantes impostas pela vida em sociedade. Portanto, tudo normal. Só que Violeta é uma mulher e na sua liberdade ela é mulher para os homens, mesmo para os autores da B.D. Assim, tudo o que passaria em silêncio se o herói fosse um homem é aqui posto em relevo.

A vida sexual de Violeta é ponto de importância relevante e é muito a partir dela que Violeta encontra a liberdade. No entanto, a libertação de todas as amarras é também sublinhada pela negação do Bem e do Mal, pela recusa da miséria ou da riqueza e pela simbologia duma amizade. Amizade fugaz nos momentos que vão passando, mas perene no conjunto do tempo. Percevent é um gato-selvagem amigo de Violeta. Percevent, o gato-selvagem, é de facto um exacto símbolo de liberdade efectiva, tal como dele temos uma imagem mítica.

Repleta de ternura, esta Banda, daquela ternura dos simples factos, sem bons nem maus, só factos que se sucedem na vida dum ser que se pretende livre. E com a ternura, claro, uma certa sensualidade que se fica sempre pelos limites mais do que convenientes.

É assim que, num desenho a preto e branco, repleto de pormenores a ponto de saturarem cada ecrã, se desenrola a vida de uma mulher que escolheu a solidão da floresta como lugar de repouso, não de isolamento. São factos simples dum quotidiano sem mais complicações do que as possíveis.

No entanto, tudo se encadeia naturalmente, resultando numa grande harmonia.

Delicado, este trabalho; agradável e levantando assim uma espécie de nostalgia de coisas que não tivemos.

Não podendo dizer-se que Servais e Dewamme rompem os limites e inovam descaradamente, é certo que realizam um trabalho altamente meritório.

TÍTULO: TERNA VIOLETA

AUTORES: SERVAIS E DEWAMME

EDITOR: MERIBÉRICA/LÍBER

Porfírio Alves Pires

Desenhos realistas

Sabemos que a arte anda sempre de mãos dadas com a sociedade, consequentemente com a História, e a prová-lo esta exposição.

Na Sociedade Nacional de Belas Artes, oito artistas da República Federal da Alemanha.

No Instituto Alemão, oito artistas portugueses.

Trata-se de desenhos realistas, com todo o vasto campo de correntes artísticas que o termo pode englobar.

Na SNBA a mostra de uma arte que releva muitas vezes duma crítica feroz a uma sociedade não aceite: antimilitarismo e anticondicionantes, expressos com força, quase com ferocidade. Mas mais do que isso, é uma insistente anulação da «beleza» e a colocação do feio e do degradante no pedestal do miticismo. Quero crer que a actual sociedade alemã é isto, ou isto pode gerar.

Mas esta arte tem uma outra faceta: a sua grandeza em direcção à monumentalidade. Desenhos de grande, muito grande formato, longamente trabalhados, como se cada desenho fosse todo o mundo. Mas grandes também por tudo o que expri-



Rogério Ribeiro, um dos artistas no Instituto Alemão

mem e pelo modo como o fazem. É uma demonstração de força: a sociedade, que esta arte produz, deve ser forte, rica e tem de admitir que no seu interior nem tudo vai bem no melhor dos mundos, ou mesmo que muita coisa vai mal num mundo que não é dos melhores.

No Instituto Alemão, oito artistas portugueses.

Claro: a cada roca seu fuso, a cada povo seu uso.

Brandos costumes e expressão leve para a arte dos artistas portugueses representados. Le-

veza e por vezes indecisão no rumo a tomar; mas sempre brandura e respeito pelo «belo». Respeitador este povo que cabe neste país! Respeitadores, os seus artistas! Motivos não terão? para fazer de outra maneira!

Mas também singeleza nesta exposição, como se não fosse mais do que um acto passageiro de importância irrelevante.

Modo de encarar o mundo e modo de dizer o que cada um é.

Porfírio Alves Pires

JORGE FREIRE

Galeria Triângulo, Av. D. Vasco da Gama, 48: 2.^a a 6.^a, 14-20: sáb., 10-13. Pintura (até 5/11)

COLECTIVA

Alliance Française, R. Braamcamp, 13: 1.^a; 2.^a a 6.^a, 10-13 e 14-19.30. (até 6/11)

LUIS NEWPARTH

Galeria Quadrupl, R. Alberto de Oliveira: 2.^a a sáb., 10-13 e 15-19. Escultura (até 7/11)

LUISA CORREIA PEREIRA SNBA, R. Barata Salgueiro, 36: 3.^a a dom., 14-20. Pintura (até 8/11)

ANTÓNIO CARMO Cooperativa de Gravadores Portugueses, Trav. do Sequeiro, 4. Desenho (até 15/11)

AMY NOBRE Página 75, Centro Comercial da Portela, loja 75: diariamente 10-23. Pintura

«ARTISTAS SURREALISTAS I» Escada Centro de Arte, R. da Bela Vista à Graça, 81-A: 2.^a a 6.^a, 14-24: sáb., 10-14. Pintura e escultura

COLECTIVA Artex/Galeria, R. Nova do Almada, 85: 2.^a a 6.^a, 9-13 e 15-19: sáb., 9-13. Pintura

JOSE ANTÓNIO CARDOSO Monumental, Campo dos Mártires da Pátria, 101. Pintura

MANUEL SAMPAIO

Monumental, Campo dos Mártires da Pátria, 101. Pintura

MIRILO MENDES

Centro de Arte Moderna, R. Dr. Nicolau Bettencourt, 3.^a a dom., 10-17. Pintura, gravura, escultura e desenho

«NOVE ARTISTAS FRANCESES-87» Centro de Arte Moderna, R. Dr. Nicolau Bettencourt, 3.^a a dom., 10-17. Pintura

«A GALERIA NASONI NA ALTAMIRA» Galeria Altamira, R. Filipe Folque, 48-A: 2.^a a sáb., 10-19. Pintores da Nasoni do Porto

FÁTIMA VAZ Galeria Ana Isabel, R. da Emenda, 111: 1.^a; 2.^a a sáb., 14-19. Pintura

DANIEL BLAUFUKS Lugar, Travessa dos Inglesinhos, 49: 10-13 e 16.30-23. Fotografia

CHRIS GILIS Galeria Diferença, Rua Filipe Nery, 42: 3.^a a 6.^a, 15-20: sáb. e dom., 16-19. Guaches (até 8/11)

JULIENNE British Council, Rua Cecílio de Sousa, 63: 2.^a a 6.^a, 10-18. Pintura (até 11/11)

ANTÓNIO SENA Loja de Desenhos, Rua Academia das Ciências, 2-B: 3.^a a sáb., 15-19.30. Desenhos (até 14/11)

DESENHOS REALISTAS SNBA, Rua Barata Salgueiro, 36: 3.^a a dom., 14-20.

ISABEL MEYRELES Galeria Leo, Trav. da Queimada, 4-B: 3.^a a sáb., 14.30-19.30. Escultura (até 14/11)

ANDRÉ GOMES Espaço Poligrupo Rua Ivens, 14: 2.^a a 6.^a, 9-20. Fotografia (até 20/11)

DELFIN MAIA Fundação Gulbenkian, Av. de Berna, 45: 3.^a a dom., 10-14. Escultura

JOSÉ AUGUSTO Artex, Rua Nova do Almada, 87: 2.^a a 6.^a, 9-13 e 15-19: sáb., 9-13. Pintura

JOSÉ LUÍS TINOCO SNBA, Rua Barata Salgueiro, 36: 3.^a a dom., 14-20. Pintura

«ARTISTAS REALISTAS» SNBA, Rua Barata Salgueiro, 36: 3.^a a dom., 14-20. Desenhos realistas, de oito artistas portugueses e oito artistas alemães

D'ASSIS CORDEIRO AS Galeria, Rua das Flores, 60 — Porto: 2.^a a sáb., 15-19. Desenho (até 15/11)

ANTÓNIO CARMO Cooperativa de Gravadores Portugueses, Trav. do Sequeiro, 4, r/c. Desenho (até 15/11)

ALVIM Galeria Novo Século, Rua do Século, 23: 3.^a a sáb., 14-20. Pintura (até 11/11)

COLECTIVA

Arte Mista, R. de S. Domingos, 6: 2.^a a 6.^a, 10.30-11.30 e 15-19.30: sáb., 14.30-19.30. (até 20/11)

SALVADOR CORRÊA DE SA Galeria Janela Verde, R. do Olival, 9: 2.^a a 6.^a, 14-20. Aguarelas (até 18/11)

MANUEL SAMPAIO Galeria Monumental, Campo dos Mártires da Pátria, 101. Pintura (até 10/11)

ÁLVARO PERDIGÃO Galeria S. Francisco, R. Ivens, 40: 2.^a a 6.^a, 10-13 e 15-19: sáb., 10-13. Pintura e escultura (até 28/11)

ANTÓNIO POTEIRO E SOUZA NETO Galeria Tempo, R. Nova de S. Mamede, 17-A: 2.^a a sáb., 16-20. Barros (até 10/11)

CRUZEIRO SEIXAS Galeria Leo, Trav. da Queimada, 4-B: 2.^a a sáb., 14.30-19.30. Desenho (até 14/11)

BOYD WEBB Galeria Cómicos, R. Tenente Raul Cascais, 1-B: 2.^a a 6.^a, 15-20. Fotografia (até 30/11)

VASCO FOLHA Atelier 15, R. Freitas Gazul, 24-D: 2.^a a 6.^a, 18-22: sáb., 15-19. Desenhos.

REAL BORDALO Ditec, Av. da Igreja, 46-A. Pintura.

CLÁSSICA

Lisboa
Fundação Calouste Gulbenkian
Av. de Berna, 45-A
Tel. 735131

Temporada de Música 87/88 -
Dia 6, pelas 18.30h: concerto pela Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro **Max Rabino-vitsj**, com **Franco Maggio Ormezewski** no violoncelo. Obras de Rossini (a abertura de «O Barbeiro de Sevilha»), **Enesco** (Sinfonia concertante para violoncelo e orquestra), **Boccherini** (concerto em si bemol para violoncelo e orquestra) e **Mozart** (Sinfonia n.º 36 em dó maior, K.425 - «Linz»).

Dia 7, pelas 21.30: concerto pela Orquestra Sinfónica de **Montreal** dirigida pelo maestro **Charles Dutoit**, com **Marc-André Hamelin** ao piano. Obras de R. Strauss (Don Juan - poema sinfónico), Rachmaninov (Rapsódia para piano e orquestra), Murray Schafer (Dream - Rainbow - Dream - Thunder), e Mussorgsky-Ravel (Quadros de uma Exposição).

Dia 9, pelas 18.30: o pianista **Howard Shelley** interpretará ao piano obras de Clementi (Sonata em fá sustenido menor), Debussy (Imagens - Livros I e II) e Mussorgsky (Quadros de uma Exposição).

Dia 10, pelas 18.30: **Richard Higgins** (violoncelo) e **Malinee Peris** (piano), interpretarão obras de Bach-Fournier (Prelúdio-Coral), Beethoven (Sonata em dó maior, op. 102 n.º 1), Schumann (três peças de Fantasia, op. 73) e Brahms (Sonata em fá maior, op. 99).

Dia 11, pelas 18.30: concerto com **Jenny Abel** (violino) e **Robert Szidon** (piano). Concerto-homenagem a Heitor Villa-Lobos. Os concertos dos dias 6, 7, 9 e 11 realizam-se no Grande Auditório; o do dia 10 realiza-se no Auditório Dois.



Teatro S. Luiz

Rua António Maria Cardoso, 40
Tel. 327172

Dia 8: concerto com **Luis Meireles** (flauta), **Teresa Xavier** (piano), **Teresa Rocha e Arnald Allum** (dueto de violoncelos). Obras de Bach, Varèse, Martin, Couperin, Hajdu, Kodaly, Bartok e Prokofieff.

Dia 10: concerto com **Tânia Achot** (piano), e os **Camerata Vocal de Lisboa** dirigida pelo maestro **João Valeriano**. Obras de Mozart e Berg. Estes concertos inserem-se no Ciclo Música em Diálogo («Contrastes» — oposição de estilos e/ou timbres Renascença e Barroco em contraste com a música do séc. XX), com a presença do maestro José Atalaya.

Teatro S. Carlos

Largo de S. Carlos, 11
Tel. 368408

Dia 10, às 21.30, concerto com a soprano **Elizete Bayan**, o tenor **José Manuel Araújo**, o pianista **João Paulo Santos** e o **Coro do Teatro S. Carlos** sob a direcção do maestro **Gianni Beltrami**. Interpretam árias e coros das óperas «Ernani», «Attilia», «Nabucco», «McBeth» e «Força do Destino» de Verdi.

QUELUZ

Palácio Nacional

Dia 8, às 21.30, «La Serva Patrona», ópera de Pergolesi pela **Ópera de Câmara do Real Teatro de Luz**. Participam Elsa Saque, Hugo Casaes, Armando Vidal, Vasco Gil e Quarteto Portugal.

Música coral

A vitalidade do movimento coral é, desde há anos, uma evidência, apesar de nem sempre bem compreendida pelas entidades, quer públicas, quer privadas, mais vocacionadas para a estimular. Se é certo que o Grupo Coral de Lagos e o seu Coro de Câmara, sob a direcção de Luís Pedro Faro, estão ainda longe de receber o apoio regular capaz de corresponder efectivamente às responsabilidades artísticas que já chamaram a si e que os coloca entre os coros que desenvolvem uma acção cultural mais consistente, certo é, por outro lado, que conseguiram reunir para o Festival agora realizado em Lagos e concelhos limítrofes um conjunto de contribuições valiosas, vindas de câmaras municipais (Lagos, Faro), juntas de freguesia, instituições religiosas e militares, escolas, empresas e Região de Turismo do Algarve.

Convergindo numa homenagem a Lopes-Graça, no concerto final, na Igreja de Santa Maria em Lagos, que reuniu todos os coros, o Festival constituiu uma importante acção de animação musical distribuída por Monchique, Vila do Bispo, Albufeira, Aljezur, Lagoa, Portimão, Silves e, é claro, Lagos, com a vantagem de incidir preferencialmente sobre as populações locais (ao contrário de outras iniciativas, pensadas exclusivamente, ou quase, para turistas). Participaram no Festival os Grupos Corais de Lagos, Évora e Portimão, o Coro de Câmara do Grupo Coral de Lagos, o Coral de Linda-a-Velha, o Coro de Câmara de Lisboa e o Coro do Círculo Cultural Scalabitano. Todos os coros fizeram incluir no seu programa duas ou mais obras de Lopes-Graça e, no concerto final, depois de cada um se apresentar individualmente, cantaram em conjunto três das canções heróicas («Ronda», «Livre», «Acordai»), sob a direcção do próprio Lopes-Graça.

Um dos resultados a esperar deste tipo de realizações é a elevação constante do nível artístico e de intervenção sociocultural dos grupos corais, decerto estimulada pela troca de experiências e pelo confronto de orientações. O Coro de Câmara de Lisboa, sob a direcção de Teresita Gutierrez Marques e cujos membros têm formação musical (ex-Coro do Conservatório), distinguiu-se em particular pela qualidade técnica e a solidez estilística das suas interpretações (sirva de exemplo a admirável realização do «Chant des Oiseaux», de Clément Jannequin). O Coro do Círculo Cultural Scalabitano, dirigido por Tilita Valente, foi o que demonstrou maior familiaridade com a obra de Lopes-Graça, dando em realizações modelares várias das suas canções regionais e «Em louvor do Sol», sobre poema de Afonso Duarte, obras em que ressaltou precisamente a compreensão do todo — música, texto e contexto —, compreensão que se perde numa leitura redutora, agarrada às notas como coisa em si... Tanto o Grupo Coral de Lagos como o seu Coro de Câmara comprovaram a categoria do seu trabalho artístico, orientado por um dos nossos melhores regentes corais: Luís Pedro Faro. O mesmo pode dizer-se do Grupo Coral de Portimão (também dirigido por Pedro Faro). O Coral de Linda-a-Velha (direcção de Joaquim Moreira Teixeira) e o Grupo Coral de Évora mostraram igualmente excelentes possibilidades.

Quanto ao que se anuncia para esta semana, os acontecimentos mais importantes são o concerto pela Orquestra Sinfónica de Montréal, esta noite, na Gulbenkian, e a visita de Astor Piazzola e da sua Orquestra de Tangos ao Coliseu, na próxima quarta-feira.

M.V.C.

LIGEIRA

Coliseu dos Recreios

Dia 11, às 22h.00: Astor Piazzola

Dia 13, à noite: Espectáculo com Anamar.

Aula Magna

3.º Festival Internacional de Jazz Lisboa 87: **dia 7**, às 21.30, espectáculo pelo **Quarteto de Lou Donaldson** com **Lou Donaldson** (sax alto), **Herman Foster** (piano), **Clarence Seay**

(contrabaixo) e **Fukushi Tanaka** (bateria); **dia 8**, às 17, actua o **Quinteto de Tony Williams** com **Wallace Roney** (trompete), **Donald Braden** (sax tenor), **Mulgrew Miller** (piano), **Charnett Moffet** (contrabaixo) e **Tony Williams** (bateria).

Hot Clube de Portugal

Praça da Alegria, 39
Tel. 367369

Dias 6 e 7: Mário Gramago (sax tenor), Mário Jorge (guitarra), Xico Ze (baixo), José Martins (sintetizador) e Rui Alves (bateria).

Loucuras

Av. Pedro Alvares Cabral
Tel. 681117

Dia 6, pelas 24h: Sextas-Feiras Tranquilas com **Carlos Guilherme**.

Rock Rendez-vous

Rua da Beneficência, 175
Tel. 774405

Dia 7, pelas 22.00h: 4.º Concurso de Música Moderna, com as bandas **Teiahelce** (Tavira), **Tranz It** (Seixal) e **Requiem Pelos Vivos** (Vila Nova de Foz Côa).
Dia 8, às 15.00h: o agrupamento **Tarântula**.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

JORGE LEITÃO RAMOS

BOBO (O)

— longa-metragem
— 35 mm/cor

Realização: José Álvaro Morais. **Argumento:** José Álvaro Morais (excertos do romance «O Bobo» de Alexandre Herculano adaptados com a colaboração de Rafael Godinho). **Fotografia:** Mário de Carvalho (fotografia adicional: Octávio Espírito Santo). **Cenário e figurinos:** Jasmim. **Música:** Carlos Azevedo, Carlos Zingaro, Pedro Caldeira Cabral. **Montagem:** José Nascimento.

Som: Vasco Pimentel. **Interpretação:** Fernando Heitor, Paula Guedes, Luís Lucas, João Guedes, Glécia Quartin, Isabel Ruth, Luís Miguel Cintra, Raul Solnado, José Eduardo, Maria Amélia Matta, Rogério Samora, Rão Kyao, Pedro Lopes, Alexandre Delgado O'Neill, Adelaide João, Raquel Maria, Virgílio Castelo, etc. **Produção:** Animatógrafo. **Direcção de produção:** Henrique Espírito Santo. **Duração:** 120 minutos. **Rodagem:** 1979/1987. **Primeira apresentação pública em Portugal:** 31 de Outubro de 1987 («Cinemateca Portuguesa», Lis-

boa). **Localização de cópias:** Instituto Português de Cinema.

É tudo mentira. A história, a História, o teatro, o filme, as ligações, até as vozes dos actores são, muitas das vezes, as de outros. É tudo mentira: um bom ponto de partida para cinema.

Porque uma vez assentes nisso (e isso inclui uma certa sofreguidão em pôr as histórias todas a falar babelicamente ao mesmo tempo) é possível começar a assentar, a perceber alguma coisa. Mas, antes de perceber, outro facto nos agarra: **O bobo** é um filme esplendorosamente bonito (no que muito deve à fotografia de Mário de Carvalho), envolvente pela movência da câmara e da narração. Depois é a crescente, nunca solene, auto-irónica, autoflagelante que não masoquista sensação de que é a mentira o próprio tema de **O bobo**, a recusa em acreditar (seja na História Pátria, consoladora de presentes pastosos, seja em qualquer ideologia libertadora, seja mesmo na própria intimidade dos sentimentos). Daí que o filme — definitivamente desesperado — se



Um filme artificialista e grave, uma quase comédia serenamente desesperada

organize pela irrisão da quase-comédia, Lubitsch (explicitamente citado) e cabaret misturando-se com o prazer de um cinema artificialista e grave. Naufrago de uma produção que durou quase

dez anos, enalhado em escolhos vários pelo caminho, **O bobo** é também, contudo, o reflexo disso: um filme já só feito de fantasmas e que os olha com uma apaixonante distância sem paixão.